3 1761 07149874 5

Digitized by the Internet Archive
in 2026 with funding from
University of Toronto

https://archive.org/details/estudoshistorico0000samp

337-
84

Estudos historicos e economicos

Officinas de O Commercio do Porto
Rua de "O Commercio do Porto", 108
PORTO

ALBERTO SAMPAIO

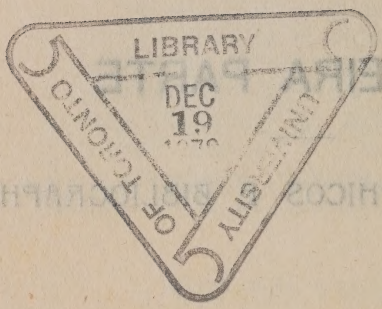
Estudos historicos e economicos

COM PREFACIO DO
DR. LUIZ DE MAGALHÃES

Artigos biographicos e bibliographicos:
A QUARTA EDIÇÃO DA HISTORIA DE PORTUGAL, de Oliveira Martins; O SNR. OLIVEIRA MARTINS E O SEU PROJECTO DE FOMENTO RURAL; OS FILHOS DE D. JOÃO PRIMEIRO, por J. P. Oliveira Martins; ANTHERO DE QUENTAL, (Revelações).

VOLUME SEGUNDO

1923
LIVRARIA CHARDRON
de Lello, Irmão, Limitada, Editora — PORTO
AILLAUD, BERTRAND, PARIS-LISBOA



DP
538
S2
U.2

I

A QUARTA EDIÇÃO DA HISTORIA DE PORTUGAL DO SNR. OLIVEIRA MARTINS

(Transcripção de «A Provincia» de 28 Dezembro de 1886).

A historia é sobretudo uma
licção moral.

Ibid.

A critica da «Historia de Portugal» está feita, ha muito tempo: e ha muito tempo tambem que o publico lhe reconheceu o subido valor, como provam as tres edições esgotadas n'um praso que se pode chamar curto para o nosso movimento litterario.

E, de facto, comprehendida em dois pequenos volumes, que se leem rapidamente, disposta em quadros que a intelligencia fixa desde logo, por isso que cada um representa uma das faces mais salientes da vida nacional, dramatisada, illuminada sempre pelo mais fino criterio, applaudindo ou condemnando, segundo os actos ou as coisas são de molde a provocar o progresso ou a decadencia — faltava-lhe apenas a ultima correcção, o retoque definitivo, para poder ser lida sem desafiar reparos, que estavam constantemente a atenuar o effeito que a sua alta moralidade e o seu profundo sentimento historico deviam determinar na intelligencia do leitor.

Mas feitas todas as rectificações, como foram n'esta quarta edição, que quasi se pode considerar definitiva, a leitura faz-se sem interrupções, e portanto é muito mais facil apreciar com toda a nitidez a impressão geral.

*

Quando se fecha a ultima lauda invade-nos no primeiro instante um sentimento de tristeza e desesperança, como se essas paginas dramaticas e commoventes fossem o dobre de finados pela nacionalidade portugueza.

Effectivamente é uma bem triste historia a d'este pequeno paiz: gasta perto de tres seculos a constituir-se em nação á força da vontade e energia dos seus habitantes, independentemente de quaesquer condições geographicas e ethnologicas: constituido, fixadas as fronteiras, acentuada já a lingua, esboçada a litteratura, formada a legislação, e estabelecidos todos estes sentimentos collectivos que formam principalmente a «patria», quando parecia que deveria cuidar do seu desenvolvimento, da cultura da sua intelligencia e do seu terreno assolado e n'uma grande parte ermo, lança-se pelo contrario nas descobertas e emprezas maritimas, esquecendo-se de si e da sua terra, completa, é verdade, a Renascença pelos seus descobrimentos geographicos, adquire um nome immortal, mas á custa do seu futuro para nunca mais se poder levantar d'esse estado comatoso, em que tamanho esforço o prostrou.

Prodigalisando e desbaratando primeiro as especiarias da India, em seguida os diamantes do Brazil, este incorrigivel Portugal, sempre insaciavel e sempre com a sua economia arruinada, ignorante aturdido, victima das ambições d'uns e da incapacidade d'outros, sem comprehender nunca a sua situação nem a politica dos homens que o teem governado, incapaz de sustentar a que o favorece ou derrubar a que lhe é perniciosa, explorado e escarnecido pelos extrangeiros — para isto valer-lhe-ha a pena ser uma nação independente?

E' por isso que ao fechar a ultima pagina nos sentimos salteados no primeiro momento pelo desanimo de quem vê condemnado pelo passado o futuro do seu paiz: mas esta impressão não persiste por muito tempo, porque a licção moral é realmente outra.

Uma vez que entre os homens que habitam esta facha do litoral, que forma a terra portugueza, se estabeleceu uma verdadeira communhão de ideas, de sentimentos e de tradicções, uma mesma comprehensão da vida, um caracter uniforme, differente do das outras populações hespanholas, é

fóra de duvida que se tornou uma «nação» no verdadeiro sentido da palavra.

E' isto o que demonstra o nosso auctor. E a contra prova está no Sebastianismo, cujo exame constitue uma das feições mais distinctas da obra. Quando o povo crê a sua nação irremediavelmente perdida, quando se convence que não tem mais forças para a restaurar, em vez de se fundir no seio das outras gentes peninsulares, já unificadas, isola-se, desinteressa-se de tudo, para scismar uma patria ideal, que ha de ser a sua por mais de dous seculos.

Por isso não comprehende a Restauração, por isso não torna a interessar-se pelas coisas publicas durante aquelle longo periodo. A tudo será indifferente, ao bem ou ao mal, ás catastrophes ou ás prosperidades, quem pôz a sua alma n'um sonho ou n'uma chimera.

E todavia ainda nos periodos de maior obscurantismo não faltam exemplos de bom governo, nem de capacidades organisadoras. O que tem faltado é este accordo reciproco entre governo e governados, de modo que os dois se possam dar as mãos para o conseguimento do mesmo fim, é o apoio da população a um plano bem concebido, de maneira que possa enraizar e fructificar, é finalmente a illustração da consciencia publica pela cultura intellectual, para ser possivel estabelecer uma opinião que saiba raciocinar os acontecimentos e discernir o bem do mal.

Mas todas estas deficiencias, que se podem corrigir, não provam uma incapacidade nacionalista, por isso é outra a licção que devemos tirar da leitura dos dois preciosos volumes.

*

Se mais de 7 seculos de vida commum separam os portuguezes da collectividade dos outros povos hispanicos, se não é possivel fazer entrar o nosso no gremio d'elles sem um retrocesso da nossa civilisação durante algumas gerações, a unica solução que nos resta é esforçar-nos para nos melhorarmos intellectual, moral e economicamente, para que a

população geral possa comprehender a sua situação e portanto impôr a quem a governe uma politica fecunda.

A moralidade d'esta obra, tão magistralmente concebida e agora tão bem executada, vem a ser que devemos procurar no passado as tradicções de bom governo, na protecção o desenvolvimento do trabalho e o augmento da riqueza, e na diffusão da instrucção publica a cultura da intelligencia, de forma que nos possamos affirmar no mundo moderno, como «*uma nova nação, real e viva*».

II

O SNR. OLIVEIRA MARTINS E O SEU PROJECTO DE FOMENTO RURAL

(Transcripto de «A Provincia» de 14, 16, 18, 23, 25 e 26 de Maio de 1887).

«...una buena legge fa progredire d'un secolo l'umanità, una cattiva la respinge di cent'anni indietro.»

S. GIANZANA *(Dei Cansorzi, etc.)*

It should be our task to strive, eache according to his opportunity, to leave the World a little better than we found it.

CHAMBERLAIN *(Speech at Ips ich, J. 15.85)*

I

Durante toda a nossa historia contemporanea, para a população portugueza a noção do «governo» tem sido sempre a d'um inimigo, de que a gente precisa de se defender, por sua conta e risco, como puder. Depois de se extenuar em tumultos e convulsões por mais de meio seculo, sem nenhum outro resultado, senão achar-se cada vez peior, considerando-se já agora como vencida, não faz ella outra opinião, senão a d'um conquistador, que para a deixar viver á mercê da sua ignorancia e miseria lhe exige o melhor do seu dinheiro.

A seu turno, os que mandam, aquelles que tiveram uma hora de sorte ao pôr o pé no estribo e por fim tomaram definitivamente as redeas do poder, somente veem no publico — elles e os seus agentes, um gerador d'impostos, a massa anonyma, vil e desprezivel, que não pode servir para outra cousa, mas que comtudo é força ir ameigando d'este ou d'aquelle modo, por modo que elle, apesar da sua pacatez dos ultimos trinta annos, não venha a enraivar-se, como as ovelhas tosquiadas rentes em demasia.

A frase tam famosa «o povo pode e deve pagar mais» exprime pittorescamente esta situação. Dous inimigos debatem um imposto de guerra. O vencedor, o que governa, quer tal quantia para deixar em paz o vencido, que se vê ao fundo com o traje burlesco, que o celebrado caricaturista lhe deitou aos hombros, protestando e jurando que não tem ceitil.

E são de facto e realmente dous inimigos, duas entidades, que se não entendem nem se amam. Por isso se formou a oligarchia governante com os seus interesses e as suas opiniões em opposição ao paiz, que não tendo já força para lhe resistir nem saber para a substituir, soffre todas as imposições, reservando-se a triste e nefasta consolação de a despresar e denominal-a com os nomes mais injuriosos.

D'aqui resultam as peores consequencias.

Faltando aos governos o apoio moral da nação, falta aos homens que o teem constituido e aos empregados, seus delegados, o sentimento de responsabilidade que basta por si só para tornar fecunda uma administração.

Por outro lado, livres de todo o sentimento de dever para com a nação, os politicos, julgando-se em terreno conquistado, importam-se apenas da sua gente.

Por isso pode dizer-se que a politica portugueza, no fundo, só se tem preoccupado de duas questões correlativas — augmentar os impostos para elevar a receita, e acrescentar esta em beneficio d'uma classe.

II

N'este circulo vicioso tem corrido a nossa vida publica, como se não houvesse aqui nada mais que fazer nem outro assumpto em que pensar, excepto o caso magno de collocar certos individuos em certos e determinados logares. E tal tem sido a desorientação do espirito publico, que a mais difficil e complicada sciencia, a politica, veio por fim para todos, actores e espectadores, a significar unicamente «arranjos particulares.»

Uma comedia ou um jogo de interesses.

Mas que as industrias fabris não possam nem sequer abastecer o mercado interno, que a maior parte do terreno esteja inculto, que a marinha mercante, a marinha d'um paiz costeiro e colonial, esteja a desapparecer, que as receitas dos particulares se saldem, como as do Estado, todos os annos, com um *deficit*, que a nação não tenha outros meios de viver a não ser o dinheiro do Brazil que não representa nem o seu trabalho nem o seu commercio, mas a vida de milhares de seus filhos, tudo isto é tam insignificante que não vale dous minutos d'exame.

Haja porem um logar rendoso a dispor, ou seja um emprego ou uma concessão, apparecerá desde logo a maior actividade, e ao cabo da campanha os homens graves, os que, segundo a grosseira frase do dia, *bebem do fino*, exprimirão a intriga balburdiante do caso por est'outra, nem mais litte-

raria nem menos illucidativa «*foi um negocio de costa acima.*»

No meio de *taes negocios*, que viesse alguem reclamar a restauração da economia nacional, e a cultura do espirito! Esse, ainda que a gloria o aureolasse com a admiravel bibliotheca de sciencias sociaes quasi a completar-se, ainda que já tivesse conseguido rejuvenescer o pensamento portuguez, deveria, apesar de tudo, levantar contra si uma tempestade que só se acalmará . . . quem sabe quando?

III

De facto o apparecimento do snr. Oliveira Martins no mundo da politica militante foi o maior successo de 1885. Um dos homens que tinha a maior e mais triste experiencia dos seus contemporaneos mandou desde logo perguntar-lhe «o que queria» tão anormal se lhe afigurava e tão extravagante que alguem na nossa decadencia se armasse cavalleiro para correr taes aventuras. Os outros, e estes representavam o maior numero, tambem o consideravam como um ambicioso, mas que por distincção tinha tomado o aspecto scismador de quem tem uma idea.

E todavia o snr. Oliveira Martins, lançando no espirito publico uma nova noção de «governo», criticando a situação portugueza á luz da historia patria e dos sãos principios das sciencias sociaes, que possue como ninguem, illuminando assim inesperadamente com toda a claridade as questões do dia, demonstrando em summa com toda a justeza as necessidades mais instantes, fez á sua terra o maior serviço de que o futuro lhe será agradecido.

Poder-se-ha duvidar hoje, em vista dos trabalhos já realisados, que tal abstenção, se se tivesse dado, não teria sido uma irreparavel perda nacional!? Grande pensador e grande escriptor, dominando o movimento intellectual do seu paiz, juntando de mais as altas qualidades d'um homem publico com uma vontade inquebrantavel, teria mentido á sua *opportunity*, consoante o dizer do illustre Chamberlain, se

não se exforçasse para deixar o seu *mundo* um pouco melhor do que o encontrou, se não se impozesse o sacrificio de se intrometter, sahindo da cogitação serena das ideias, na politica desorientada da nossa época.

Desnorteada no mundo economico da actualidade, vagueando á mercê das vaidades e interesses, no meio de difficuldades que augmentam sempre, e cada dia vão cerrando mais o horisonte, não é necessario ser muito perspicaz, para avistar os escolhos, onde irá, continuando assim, naufragar fatalmente.

IV

Não valeria apena pôr de lado as chamadas *questões politicas*, as estereis discussões de systemas e individuos, e tratar antes, de ver como se ha de dar o pão do corpo e do espirito a quem tem fome d'ambos?

Porque se não ha-de firmar entre os partidos uma *Pax Dei*, como, com um profundo sentimento da realidade, acaba de pedir o nosso auctor na camara electiva?

Se os governos correspondessem de facto ao fim que devem ter, se administrassem unicamente no interesse do povo, se o protegessem e lhe melhorassem o seu bem estar, fomentando o augmento de riqueza; se lhe illustrassem a consciencia pela cultura intellectual, se elevassem assim o nivel economico e moral da nação, sem duvida que *evolutivamente* se chegaria ao fim desejado, sem haver mister de qualquer mudança mais funda.

Em tal caso seria possivel, aproveitando as mesmas forças e os mesmos meios de que o estado dispõe improficuamente para a communidade, seria possivel, sem violencias, nem abálos profundos, remoçar o organismo nacional, depauperado pelas theorias individualistas e pelo indifferentismo systematico dos poderes publicos.

V

Ha mais de um anno e meio que n'este mesmo jornal o illustre e eminente publicista insiste n'esta doutrina, aferindo por ella os factos do dia.

Em janeiro de 1884 publicava a *Advertencia* á «*Politica e Economia Nacional*», que foi o primeiro golpe, vibrado directamente nos velhos processos governativos, ao mesmo tempo que se pode considerar o primeiro passo na politica corrente. Dir-se-ia que primeiro de tudo o illustre escriptor queria informar os seus leitores d'uma resolução prestes a realisar-se, pois esboça ahi o seu programma nas suas duas faces principaes.

Esboço sim, mas que contém o germen de todas as opiniões, mais tarde desenvolvidas extensamente.

Esta advertencia foi, como se diz hoje, um escandalo. O snr. Oliveira Martins entrava no mundo politico d'uma maneira extranha; sem guardar os respeitos e as regras convencionaes, expõe claramente o seu pensamento, com esta rude franqueza d'opinião, que é caracteristicamente uma das suas qualidades mais sympathicas, e que de futuro, se lhe havia de valer irritações proprias d'esse meio amesquinhado, tambem lhe atrahiria a dedicação de todos os que pedem a verdade em tudo e sobre tudo.

Quatro mezes depois (maio 25) sae o primeiro numero da *Provincia*, e é d'esta epocha que deve datar-se a sua acção na discussão dos assumptos politicos, que se illumina

agora intensamente a uma nova luz: deixando de parte os nossos arranjos e os dos nossos amigos, começa o combate, que nunca mais afrouxará, pelo desenvolvimento intellectual e material do paiz.

A' medida que a sua critica se ia estendendo e comprehendendo a maioria dos factos occorrentes, a sua influencia começou a sentir-se na opinião geral, e hoje já d'uma maneira mais determinada.

Sem os seus trabalhos ninguem ainda se occuparia, como anteriormente a elles se não occupava, com interesse, de vêr se é possivel melhorar o ensino profissional, restaurar o trabalho nacional e melhorar d'uma maneira effectiva a administração.

Por isso pode affirmar-se afoitamente que foi elle quem insuflou esse espirito; foi a *Provincia* que, discutindo e malhando constantemente, demonstrou a necessidade de deixar em paz as velhas questões e abrir um outro caminho d'actividade governativa.

Pode-se considerar esta modificação como o preambulo para acentuar uma nova epocha, em que deve desatar-se em fructos a sua patriotica propaganda?

VI

Seja como fôr, vencer d'um jacto seria impossivel. Não é pouco ter debellado a primeira repugnancia que as *classes acommodadas* sentem sempre por uma novidade, e ter incutido na opinião publica, o que é mais importante, a necessidade de substituir ao vasio das suas cogitações um pensamento pratico.

Era pois precisa muita paciencia e uma critica que, prolongando-se sufficientemente, fizesse entrar as novas ideias na intelligencia nacional, de modo que se possa assentar a reforma no *querer* de todos, unica base solida de qualquer transformação social.

Mas, um papel puramente negativo tambem não devia prevalecer por muito tempo; juntamente com a critica minuciosa tornava-se-lhe indispensavel dar uma prova positiva do seu modo de ver em qualquer categoria, expondo a sua opinião em artigos de lei, de modo que a sua politica não parecesse uma frase sem sentido, como tantas outras, com que o publico tem sido ludibriado.

Foi para satisfazer a esta necessidade, para responder á justa curiosidade dos que lhe pediam que definisse desde já uma parte das suas opiniões, que o snr. Oliveira Martins apresentou na sessão da camara dos deputados o seu projecto de fomento rural.

VII

A alguns espiritos distinctos que teem tido mais ou menos ingerencia na direcção a dar ao governo do paiz, não lhes deve ter passado desapercebida esta nuvem negra de miseria e ignorancia, que de longos annos assombreia a nação e lhe tem dado o seu feitio de decadencia.

Apesar de o mal vir de longe, ninguem tinha ousado defrontal-o de face com o intuito de o remediar; ao contrario, parecendo chronico, valeu o livre-cambismo, adoptado pela burocracia, para desculpar a inacção dos poderes do Estado, que deram como assente que isto foi sempre assim e d'este modo iria até á consummação dos seculos.

Nenhum partido pois tem comprehendido toda a importancia nem tem querido vêr em cheio o horror d'esta questão. Nenhum ministerio fez da sua resolução o seu scopo unico, nem a defrontou seriamente. A collocação dos partidarios, necessaria para a sustentação de cada gabinete, tem sido para todos a grande preoccupação.

Do povo, da massa geral da população, ninguem se importa, nem da sua pobreza ou abaixamento moral; da nação ninguem cuida, nem se tem proposto eleval-a e fazer que tenha entre as outras um logar decente.

E' escusado insistir em factos demasiadamente conhecidos. Todos sabem como Portugal tem descido, de degrau em degrau, até ao fundo da escala, e como nos apparece

hoje, no meio dos povos cultos e ricos da Europa, ignorante e pobre.

Sem industria, sem commercio, com a sua velha agricultura arruinada, é facil de prevêr qual será o seu futuro, quando os banqueiros deixarem de descontar as libras com que o Estado paga os seus *deficits* normaes, ou se um dia cessarem as remessas do Brazil: nem mais difficil é avaliar o que está reservado aos trabalhadores portuguezes, incapazes de disputarem o mesmo mercado interno aos industriaes estrangeiros.

Emigrar ser-lhes-ha o unico recurso. Mas viu-se já quadro mais compungente, exodo mais triste que o dos nossos emigrantes portuguezes, fugindo de uma terra na maior parte inculta e que ninguem lhes dá de sesmaria, sem capital, sem instrucção, cobertos d'andrajos, desprotegidos e abandonados, irem exercer os ultimos misteres, ou serem como nas ilhas de Sandwich, uma especie de escravos!

Assim foram decahindo e n'isso se tornaram os valorosos navegantes, os altivos conquistadores dos seculos XIV e XV.

VIII

Foi n'este periodo da nossa historia, em que o sentimento dos melhores espiritos se define pelo d'uma perdição irremediavel, quando todos fecham os olhos para não vêrem as ulceras que vão roendo o organismo da nação, quando parecia que já ninguem teria força para tomar por outro caminho — foi no meio d'este abatimento e confusão que o snr. Oliveira Martins desenrolou ousadamente a *bandeira da vida nova.*

Estabelecer como questão portugueza a restauração da economia nacional e a cultura da intelligencia; dar a sua resolução como unica orientação á politica; expungir d'uma vez o livre cambismo que póde ter servido para tudo menos para alentar o pobre paiz que definha e embrutece cada vez mais; fazer que o governo seja um protector e não um inimigo, que os seus empregados sejam os serviçaes do publico e não este espesinhado por elles; abandonar d'uma vez as velhas preoccupações dos bachareis de ha trinta annos; organisar definitivamente as forças productoras da nação e o ensino popular — eis em poucas palavras a larga e fecunda doutrina, que trazida á pratica fará necessariamente de Portugal uma «*nova nação, real e viva.*»

Tem cumprido a sua palavra o eminente publicista?

Até hontem havia somente o programma da «*Advertencia*» e os artigos da «*Provincia*». Confrontem-se, e vêr-se-ha em todos uma identidade de principios, vêr-se-ha que

os artigos, que tanta impressão teem feito, não são mais do que a applicação aos casos correntes do mesmo pensamento, de sorte que as discussões do jornal bastam por si sós para demonstrar que nunca postergará o seu programma previamente deduzido.

Todavia, entre os escriptos de polemica e a elaboração d'uma lei, ha a mesma differença que entre um jornalista e um homem de estado. Tem-se visto os mais amestrados argumentadores serem incapazes de dar uma organização systematica ás suas opiniões, de maneira que possam converter-se em instituições, e era a prova d'esta capacidade que o snr. Oliveira Martins devia ao publico.

IX

Consolidada a revolução liberal, n'este ultimo periodo os differentes ministerios teem caminhado incertos e indecisos, fazendo hoje o que desfazem amanhã, amontoando leis sobre leis, sem um plano geral devidamente estudado, d'onde resulta que as reformas não se realisam, restando somente d'essas tentativas desordenadas os empregados que se despacharam.

Quem teve uma vez de estudar nas nossas leis modernas uma questão referente a qualquer serviço publico, conheceria desde logo que carecem absolutamente de systematisação, de modo a fazer um todo uno e logico, em que as diversas disposições se deduzam e completem umas ás outras.

Leis feitas precipitadamente, como quem tem apenas uma hora de poder, de que precisa usar e abusar sem demora, imitadas quasi sempre das de paizes extrangeiros, e especialmente da França e da Belgica, sem conhecimento das condições d'estes paizes e do nosso, deviam por força produzir um todo desequilibrado, sem nexo nem ordem.

Procede d'aqui que a sociedade, governada por ellas, apresenta o mesmo aspecto e os mesmos desarranjos, de que fatalmente havia de participar: é isto naturalmente o que não permitte a sua execução, o que é uma fortuna, pois segundo os homens praticos — «Ai de nós, se tal não acontecesse!»

X

E' necessario pois simplificar toda a legislação administrativa, tomando este termo no seu sentido mais lato, e adaptal-a ás tradições e costumes do povo, de modo que este a possa entender, systematisando a que se refere a cada ramo de serviço n'um só codigo sem referencias a leis dispersas anteriores.

E' urgente acabar d'uma vez com o pernicioso costume das *portarias*, que estabeleceu as desordens e a incerteza em toda a administração, que fica por este motivo á mercê das secretarias, que podem atar e desatar á sua vontade, obsequiar uns e molestar outros.

E' forçoso extinguir a pratica não menos nociva, de que tanto se tem abusado no ultimo decenio, a de legislar em *decretos*, forjados a portas fechadas, segundo as conveniencias do momento: um ministerio não pode ter de modo nenhum o *poder legislativo*, o que se torna a inversão de todas as garantias de firmeza e estabilidade de governo.

E' indispensavel emfim delinear toda a legislação administrativa, segundo um plano largo e comprehensivel, formulando-a em termos que o publico seja servido e não vexado por ella.

Será isto o *terramoto*, de que por muitas vezes tem fallado o snr. Oliveira Martins, como uma eventualidade futura?

Evidentemente não.

Isso a que me vinha referindo é uma obra evolutiva, que se irá montando vagarosamente, emquanto que o outro, o *verdadeiro terramoto*, deverá acontecer rapidamente, levando tudo d'escantilhão.

A primeira exige tempo, placidez, observação e estudo; para a segunda basta um movimento, epileptico, como teem as organisações mais gastas.

Apesar de depauperado e aturdido, com um pequeno impulso, o povo deitará tudo abaixo, e com a maior facilidade fará o *terramoto*, mas a obra restauradora exige uma capacidade, que possa organisar o que está profundamente anarchisado, que saiba reedificar com os mesmos materiaes que mãos inhabeis não teem sabido ligar.

XI

Dada esta situação, é evidente que nenhuma verdadeira reforma se pode levar a cabo n'uma determinada cathegoria, quer com leis destacadas que se refiram tam somente a esta ou aquella parte d'ella, quer com decretos ou regulamentos, que tenham por fim ampliar algumas das leis em vigor.

Por isso, resolvendo o snr. Oliveira Martins preparar a sua primeira obra politica, e escolhendo o assumpto de mais difficil organisação, aquelle a que estão ligados os interesses mais geraes e mais fundos, onde é mais custoso fazer chegar uma reforma, mas por onde deve começar qualquer que se destine a abranger toda a actividade nacional, — resolvendo principiar pela agricultura, o labor sobre a terra, «a mãe omnipara de todas as riquezas», como diz eloquentemente no relatorio, foi-lhe necessario refundir tudo, desde o credito rural até á caça e pesca.

Os remendos, as determinações avulsas e dispersas de nada serviriam, a não ser para baralhar mais e confundir o que já está confuso de sobra.

A grande necessidade era sobretudo compendiar methodicamente ou codificar o complexo das disposições necessarias para fazer reviver o trabalho agricola.

Por causa d'esta codificação é que se lhe tornou possivel fazer uma obra clara, harmonica e deductiva, que a intelligencia menos versada n'estes assumptos comprehenderá á

primeira vista, e que se destaca da demais legislação, como um modelo a seguir no futuro.

Obra de longo folego, diga-se assim, porque só a coordenação dos seus vastos conhecimentos e das observações feitas nas principaes zonas do paiz lhe levou quasi um anno. Começando a arrumar os seus apontamentos em março de 1886, só em outubro é que pôde dar o seu trabalho por concluido e definitivamente retocado.

Quem ler o relatorio comprehenderá immediatamente a somma de fadiga, que lhe custou. Legislação patria e extrangeira, tractadistas especiaes, historia nacional, memorias esquecidas no fundo das collecções, tudo foi necessario estudar e revêr.

Foi pois só em outubro transacto, que, revisto o ultimo periodo, o auctor pôde sentir a satisfação de quem acaba de prestar á sua terra o maior serviço.

Traduzida em artigos de lei a primeira parte do seu programma, isto é, a que diz respeito á restauração da economia agricola, convem examinal-a, ainda que rapidamente, nos seus pontos principaes.

XII

Examinaremos rapidamente, porque o commentario está feito. É o relatorio que antecede o projécto, obra em que a erudição, o senso historico e o conhecimento da situação rural do paiz se dão as mãos para fazer d'ella uma das obras mais notaveis do eminente escriptor. É a historia da agricultura portugueza, delineada a grandes e largos traços, indicando o seu desenvolvimento e retrocesso, segundo os diferentes periodos da historia patria.

Historia e, ao mesmo tempo, curso de legislação comparada, no relatorio está todo o projecto, assim como este se deriva logicamente do outro. Claro, didatico, a cada passo eloquente, esta obra representa um dos capitulos mais importantes — o mesmo fundamento da vida nacional.

Quantas vezes ao espirito do illustre historiador na sequencia d'este trabalho se devia desvendar mais um segredo da nossa historia, quantos pontos obscuros se illuminaram no estudo d'estes factos, que passam geralmente desapercebidos e que são, como a leiva sombria e humilde, sobre que vegeta a floresta, que nos enebria pela opulencia do seu porte, pelo perfume das suas flôres e pelo variado das suas ramarias?

Ao sahir da Edade-média, antes e ao começar as descobertas e emprezas maritimas, os reis mandavam dar de *sesmaria* a quem os cultivasse e os habitasse, os terrenos e as casas abandonadas: quando principiou a decahir o im-

perio colonial, já ninguem se importava com os mattos que invadiam as vinhas e as terras *convinhavees para dar pam*, nem que as aguas encharcadas fizessem paludes mortiferos.

O grande imperio atraía unicamente a vista, esquecendo-se o sólo que o havia de sustentar: o edificio, cujos alicerces deixavam arruinar, tombou, e com elle a nação que nunca mais pôde reconstruir as suas bases.

Mas é necessario seguir lauda a lauda, periodo a periodo, ésta bella exposição, para se fazer uma ideia exacta do seu alto valor.

Dividindo-se em tantas secções, quantos os titulos do novo codigo, o relatorio explica a razão de cada uma das exposições, indicando as leis patrias que em varias épocas se promulgaram a tal respeito, a legislação correlativa estrangeira, isto é, a solução que a cada uma d'essas questões tem sido dada nos paizes cultos.

Comparadas tantas e tão variadas doutrinas, attendidas sempre as circumstancias especiaes do nosso paiz e as suas tradições, criticada e debatida nos seus menores detalhes a solução a que dá preferencia, o pensamento do legislador fica explicado em toda a extensão.

E, se não bastasse aquella enorme columna de factos e argumentos, a eloquencia vem dar-lhe o ultimo relevo, a suprema distincção litteraria, como se o auctor quizesse deixar assignalada por uma obra prima a sua estreia parlamentar.

XIII

Ha comtudo ahi uma parte especial que nos deve prender a attenção: nas *Conclusões* leem-se as seguintes palavras:

«Iniciar um movimento de restauração economica, eis «ahi o pensamento summario d'esta lei, a que todavia é ne«cessario que outras venham juntar-se. E tenho a firme es«perança de que hão de vir.»

Temos uma promessa de que este projecto é, por assim dizer, a primeira parte d'um vasto e béllo edificio que intenta levantar e que irá construindo gradualmente.

É para estas linhas, onde scintilla uma doce luz de esperança que se devem voltar os olhos de todos os que pensam, que, estabeecido um novo plano governativo, é possivel ainda na situação actual das coisas emprehender e levar a termo as reformas, que hão de dar á nação a prosperidade e o engrandecimento.

Felizmente, que a primeira prova está feita e dado o exemplo de como é exequivel uma alteração profunda, sem ser mister a destruição completa do existente.

Este exemplo no trabalho agricola é o projecto apresentado.

XIV

Eis o summario:

Titulo I. Do credito rural

Sec. I — Da constituição do Banco Rural.
» II — Do deposito de bens de certas pessoas moraes.
» III — Da emissão de obrigações ruraes e outras operações.
» IV — Operações de credito rural.
» V — Subsidios do Estado.
» VI — Administração.

Titulo II. Do consorcio de proprietarios

Titulo III. Do arroteamento de terrenos incultos

Sec. I — Cadastro de terrenos incultos.
» II — Dos terrenos incultos pertencentes a particulares.
» III — Dos terrenos incultos do dominio nacional e sua colonisação.
» IV — Do regime das aguas nas fundações coloniaes.
» V — Beneficios que o Estado concede á colonisação.

Titulo IV. Do desecamento dos pantanos e terrenos salgados

Titulo V. Da utilisação das aguas publicas

Sec. I — Das concessões em geral.
» II — Abastecimento das povoações.
» III — Abastecimento dos caminhos de ferro.
» IV — Irrigação e colmatagem.
Sub-sec. I — Obras de pequena irrigação — Cursos descontinuos.
» II — Obras de grande irrigação e colmatagem.

Sec. V — Motores industriaes.
» VI — Barcas, pontes e canaes de navegação.
» VII — Piscinas e viveiros.

Titulo VI. Da arborisação por utilidade publica

Sec. I — Do vinculo florestal.
» II — Da arborisação dos terrenos vinculados.
» III — Da conservação do dominio florestal.
» IV — Dos terrenos arborisaveis não comprehendidos no vinculo florestal.
» V — Das penalidades.
» VI — Da guarda florestal.

Titulo VII. Da caça e da pesca

Sec. I — Da caça.
Sub-sec. I — Coutos municipaes.
» II — Regime especial dos predios tapados ou vedados.
» II — Da pesca.
Sub-sec. I — Das aguas salgadas ou mixtas.
» II — Das aguas concelhias ou communs.
» III — Das aguas particulares.
» VI — Disposições policiaes.
» III — Das penalidades e processo.

Titulo VIII. Da indivisibilidade dos casaes

Titulo IX — Disposições diversas

*

Posto que não seja meu intento apreciar minuciosamente cada um dos titulos e secções do projecto, o que seria improprio d'este jornal, cumpre-me todavia indicar a orientação geral, o que farei com a maior brevidade possivel.

O credito rural devia ser a primeira questão a resolver, questão cheia das maiores e mais graves difficuldades.

Desde que se trata de trazer á cultura a maior parte dos terrenos incultos, cuja extensão total é superior á metade do continente portuguez, e beneficiar os cultivados por via

de bemfeitorias adequadas, se para se conseguir isso é necessario fornecer recursos aos lavradores, tambem não é menos certo que esse fornecimento se não deve fazer ás cegas, aliás a hypotheca deixará a propriedade rustica e a agricultura ficará enfeudada ao capitalismo.

A este proposito responde justamente a sec. IV do titulo I. Ahi se dispõe a maneira como se deverá emprestar e os fins dos emprestimos, excluindo terminantemente os que dizem respeito á acquisição de terras, que é uma das principaes causas da ruina dos pequenos proprietarios: exceptúa-se com razão o caso do pagamento de tornas, ou a acquisição de parcellas para constituir casaes indivisiveis. Nestes dois pontos o illustre publicista mostra mais uma vez um profundo conhecimento do seu paiz: não basta só cultivar o que está devoluto, é necessario tambem fortalecer e conservar o que está feito.

Simultaneamente no mesmo titulo resolve-se d'uma maneira cabal a administração dos valores pertencentes ás corporações chamadas de mão morta. Dando-se-lhes as maiores garantias, todas as possiveis, os bens d'essas, assim como os das outras pessoas moraes, mencionadas no sec. I), entram em deposito no Banco, que a seu turno os emprega n'esta obra fecunda da restauração da lavoura nacional: e d'este modo ficam os mesarios d'essas corporações desonerados da parte mais difficil da sua gerencia — o emprego dos capitaes, que se fará sob a responsabilidade do banco; excepto, como devia ser, emquanto duraram os contractos de mutuo outorgados por ellas, que ficam subsistindo emquanto os devedores quizerem ou não deixarem de cumprir as condições estipuladas.

Comparem-se com este titulo I as Leis de 22 de junho de 1866, e 22 de junho de 1867, e especialmente a ultima, por ser a mais recente e a mais extensa, e ver-se-ha a differença entre um plano verdadeiramente organisador, como o actual, e suas disposições como que lançadas para ensaio, vacillantes e indecisas.

*
* *

O titulo II dá entidade juridica a uma especie d'associações de proprietarios, a que chama muito bem *consorcios*. Se a palavra se deriva directamente da italiana «consorzio», temos outrosim na nossa legislação e nos nossos costumes os «consortes» que formam, ou tacita ou expressamente, associações para certos fins, como partilhas d'agua, composições ou vedações de caminhos.

Dar uma forma legal a estas associações rudimentares, perdidas no fundo d'uma ou outra provincia, éra uma necessidade, pois a qualquer dos seus fins para que se podem constituir, ver-se-ha que não se adequava nenhuma das sociedades commerciaes, actualmente permittidas por direito.

Sómente para realisar os melhoramentos ou obras ahi designadas, e que não podem ser executadas quer por individuos isolados, quer unicamente pelo estado, é que o projecto admitte com um grande criterio a sua formação.

Facultando-se estas associações, facultam-se desde logo os meios de realisação de muitas bemfeitorias, e para a acção do estado prepara-se um auxilio de grande valia.

*
* *

Desde o norte ao sul, attende-se ás exigencias mais instantes da lavoira e economia rural.

Nos districtos do sul é necessario arrotear, cultivar e dividir os *latifundia* sentenciados hoje em todos os paizes, até no mais abundante de capitaes, na propria Inglaterra: é preciso ahi semear o solo, extinguindo os paludes mortiferos; é mister assentar colonias e domar o chão bravio.

Ao norte, é força conservar o typo historico dos pequenos casaes, impedindo que cheguem pela divisão, a que os condemna a legislação actual, a uma fragmentação que des-

troe a economia da cultura e põe em perigo o bem estar e a independencia das familias rusticas; é de primeira necessidade fomentar a agregação das glebas, para tornar remunerativos os continuados e incessantes amanhos que demanda a terra n'este regime.

A estas duas intenções correspondem os titulos III, IV e VIII.

Os dois primeiros bastariam, elles sós, para glorificar o estadista que os formulasse e os fizesse executar.

Transformar em campos as enormes extensões incultas e ermas, que deixam claros no mapa, como qualquer região africana, sangrar os charcos pestilenciaes, que disimam e enervam as populações que os avisinham — haverá alguma empreza mais patriotica e de mais instante precisão?

Executar é sem duvida difficil, mas conceber a somma das medidas conducentes ao fim, sem violencias nem vexames, fazendo cooperar os exforços dos particulares e os do estado n'uma justa proporção e seguindo quanto possivel as nossas tradições, parece-me muito mais difficultoso, e isso conseguiu-o plenamente o snr. Oliveira Martins.

Convertam-se em lei esses dous titulos e haja quem os faça cumprir com o disvelo com que estão exarádos, e dentro de duas gerações, quando muito, terão desapparecido esses desertos que são a nossa vergonha e o mais triste documento do nosso desleixo.

No titulo VIII, preferindo entre todos os alvitres, até hoje propostos para evitar o grave mal da fragmentação das glebas, a solução do Oldenburgo, a declaração facultativa da *indivisibilidade*, que obrigará apenas o declarante durante a sua vida e successão, o legislador deu uma prova de muita sagacidade, pois n'este caso o proprietario é o verdadeiro juiz dos seus interesses.

O cultivador do norte, que á custa de immensos sacrificios arredondou o seu pequeno casal, poderá morrer tranquillo que a sua obra lhe sobreviverá e poderá ser continuada pelo seu successor, se este assim quizer.

*
* *

N'estes dous titulos apparece uma novidade na legislação portugueza, a Lei Torrens, que depois de produzir os mais beneficos resultados na Australia, foi importada na Tunisia pelos francezes, que pedem já a sua introducção na propria França. E' a esta lei, introduzida agora entre nós com as maiores cautélas, que pertence o futuro.

Entre a transmissão actual da propriedade, ronceira, cheia de despezas e sujeita a litigios, oppõe-se a facil e rapida troca de papeis fiduciarios, mediante um simples indosso. Levar este processo para a primeira, acabar com as formas de transmissão, antiquadas e improprias da nossa época, e equiparar n'este ponto o titulo das duas especies, é desde logo por essa facilidade obter um augmento de valor nos predios rusticos.

*
* *

No titulo v, regula-se uma materia de grande importancia, o uso das aguas publicas, preenchendo-se pelo pouco que ha, uma lacuna da nossa legislação.

E todavia muitas d'estas correntes e mananciaes devem ser chamados a cooperar na obra da restauração agricola, por meio de regas e colmatagens, ou servir como motores ao trabalho industrial, mediante apparelhos fluctuantes; podem ser precisos para o abastecimento de povoações e para as locomotivas dos caminhos de ferro, assim como para alimentarem piscinas e viveiros de peixes. Grandes e immensos serviços podem prestar, mas é necessario que continuem a ser navegaveis e fluctuaveis.

Por isso não podiam ficar esquecidas e deviam occupar um logar importante no projecto.

*
* *

O titulo VI é reservado á arborisação, quer seja para defender os campos e povoados de innundações, quer seja para obstar ao desnudamento das encostas e assoreamentos dos rios, não deixando tambem de a patrocinar e facilitar em todos os terrenos, que lhe são adequados, mas que naturalmente ficam excluidos do vinculo florestal.

O desenvolvimento do plantio de arvoredo e a sua conservação, tanto sob o ponto de vista hygienico como hydrographico, é uma das primeiras exigencias n'um paiz como o nosso, sujeito a estiagens e chuvas torrenciaes.

Causa dó ver tanta serra escalvada, tanto areal nu, espaços tam extensos abandonados, que poderiam com os seus productos florestaes ser um dos maiores rendimentos da terra portugueza e ao mesmo tempo o seu mais bello adorno.

Faz pena que, descurando uma fonte tam abundante de riqueza, nos vejamos obrigados a importar a maior parte da madeira de construcção.

*
* *

A caça e a pesca, que, convenientemente ordenadas, devem produzir um augmento de receita territorial, não podiam deixar de ter um titulo especial.

Segundo L. Bourdeou o rendimento da primeira é representado em França por 40 milhões de francos e o da segunda por 120.

Portugal é talvez o unico paiz da Europa culta, que as tem deixado correr á revelia, e fecha os olhos a que se destrúa e estrague o que deve ser aproveitado com discernimento.

Muitos rios, ainda ha pouco, abundantes de peixes, estão actualmente assolados, mercê da dynamite e das

substancias toxicas, empregadas commumente. A caça está tambem a desapparecer nas provincias mais populosas, graças á destruição sem escrupulo, consentida universalmente.

E tal tem sido a nossa incuria a este respeito que uma estrangeira distincta observava, ha annos, que um individuo de espingarda ao hombro e cães atraz de si podîa atravessar todo o paiz, sem ninguem lhe pedir contas.

* * *

No titulo VIII «Disposições diversas» delineam-se um certo numero d'obras, que serão como «o primeiro impulso ao volante d'uma machina para a pôr em movimento». E de facto estão lançadas ahi as bases para a futura colonisação do solo improductivo, e para auxiliar o mais desprotegido dos trabalhos, a industria piscatoria na Povoa de Varzim e em outros pontos da Costa.

Com 400 contos aproximadamente pôr-se-hão em bom estado de cultura perto de 4:000 hectares, e far-se-ha o primeiro ensaio de seis colonias emphyteuticas.

Se compararmos os muitos mil contos que se téem desbaratado, fica-se naturalmente surprehendido com a modestia de tão pequena somma, que será na verdade o primeiro impulso ao volante da grande machina que ha-de trazer á civilisação os desertos de Portugal.

XVI

Eis ahi indicados os pontos culminantes; mas o summario e a rapida resenha anterior não pódem dar uma ideia completa de tudo: para isso seria necessario que a presente exposição tivesse um desenvolvimento que excede a sua natureza e repetir o que está deduzido e demonstrado magistralmente no relatorio.

Em todo o caso não podia prescindir d'este esboço para apresentar nos seus traços geraes o quadro da mais completa e sabia organisação, de que ha memoria nos nossos dias, n'este assumpto, e para indicar emfim os principaes atributos que a caracterisam.

Da breve revista ter-se-ha conhecido como o «governo» deixa de ser indifferente aos governados, para se converter n'um protector que vae tomar a peito o desenvolvimento da agricultura nacional.

Desde o primeiro até ao ultimo titulo, o novo codigo rural, permitta-se-me o termo, é dominado por um só pensamento — fomentar a riqueza territorial, transformando as charnecas e os paúes em glebas ferteis, amparando e melhorando o que está cultivado, cobrindo de matas os areaes, as serranias escalvadas e as margens alagadiças dos rios, regulando o uso das aguas publicas, convertendo a caça e a pesca em verdadeira propriedade e domando emfim a natureza selvagem.

O Estado intervem e presta a esta obra patriotica todo

o auxilio que lhe deve, como o grande regulador, o propulsor supremo d'uma sociedade, que, pelo seu abatimento, sem elle desfalleceria diante da grandeza do emprehendimento.

Mas é necessario lêr-se o projecto com attenção, para se apreciar o extremo cuidado que se presta a tudo, desde os pontos mais salientes até aos ultimos detalhes.

Sem este exame minucioso não é possivel fazer uma ideia exacta dos seus merecimentos: bastará unicamente observar que ao cabo de pouco tempo de leitura, parece-nos estar longe e muito longe d'um paiz, em que o *laisser faire* tem sido o melhor pretexto para não fazer nada, ou fazer mal.

XVII

O livre cambismo facil e aceptico, depois de ter arruinado as industrias fabris que não soube proteger e dirigir na sua transformação moderna, deixou chegar tambem a lavoira ao mesmo estado.

Desde o norte ao sul o mundo agricola está em crise, não sabendo cada um que producção deva tirar das suas terras de modo a pagar-lhe o seu trabalho, que fica quasi sempre sem remuneração, porque é feito á maneira antiga e, portanto, em condições improprias para o mercado actual.

Não ha provincia ou região, que se sinta desafogada, que possa equilibrar a sua receita com a despeza, e em que os labores se façam com a esperança e alegria d'outros tempos.

Dir-se-hia que todas as calamidades, formando uma nuvem sinistra, se tinham reservado para abaterem n'um momento dado sobre os campos, ameaçando-os d'um abandono que já se sente em muitos sitios.

Esta nuvem é a ignorancia das populações rusticas, é o depauperamento effectuado pelo conquistador que recebe sem dar em troco o equivalente, é o desamparo em que teem sido deixados os logares ruraes pelos melhoramentos das cidades.

Haverá um remedio que possa curar o mal?

Parece que um só: fazer que os «governos» de inimigos se transformem em protectores, e d'este principio tirar todas as consequencias.

E' esta concepção que, dominando todo o projecto, lhe dá uma feição caracteristica, em que insistiremos immediatamente, para em seguida notarmos outra não menos preciosa.

Em todo elle é a propriedade rustica que merece os maximos cuidados, sendo o Estado e os seus representantes, tam sómente os agentes da protecção e fomento, os serviços indispensaveis para se estabelecer a ordem e a prosperidade onde actualmente impera a miseria e a confusão.

N'este ponto de vista, póde dizer-se, sem exagero, que o projecto não tem precedentes, pois em toda a nossa legislação não se encontra modernamente um documento, que trate do assumpto com a attenção e a diligencia, que se encontram n'este, nem onde o producto occupe o logar proeminente; pela primeira vez o official publico fica subordinado ao trabalho, e o trabalhador é ajudado d'uma maneira effectiva pela acção do Estado.

Todos os dias vemos fazer leis especialmente para collocar novos empregados ou dar melhor posição aos já collocados: mas occupar-se da massa anonyma dos contribuintes, como se fossem os amigos que nos hão-de vencer ámanhã as eleições, eis o que constitue um facto unico, que define desde logo o novo caminho que se propõe o auctor.

XVIII

Dada esta concepção, era preciso exprimil-a com um verdadeiro conhecimento das cousas, e nomeadamente da historia patria.

Por isso, cumpre fazer realçar outra feição e das mais salientes, e que concorrerão, sobretudo, para tornar o projecto pratico e comprehensivel ao pensamento nacional.

Em vez de se limitar a fazer extractos de leis estrangeiras, o illustre historiador, revolvendo o passado, encontrou a semente ainda fecunda de muito boa doutrina, o germe de instituições que pediam apenas a mão habil d'um estadista que lhe désse as condições apropriadas para rebentarem de novo e abrigarem á sua sombra benefica o lavrador portuguez.

Chamar o dinheiro das corporações de mão morta em auxilio d'esta obra de restauração da agricultura prática não é uma novidade. Fêl-o o marquez de Pombal, quando resolveu que se cobrissem de vinhedos os montes da região do Douro: foi do dinheiro d'estas que se serviram em grande parte os proprietarios para desbravarem e plantarem as suas quintas: o que se lhes não deu então, a essas corporações, foi a garantia de segurança e privilegio de credito que se lhes confere agora.

No arroteamento dos incultos, voltando aos tempos da primeira dynastia, voltamos tambem aos emprazamentos e sub-emprazamentos e no titulo respectivo encontram-se

muitas disposições analogas ao da lei das sesmarias. Foi a emphyteuse que transformou em chão productivo os granitos do Minho, e que lhes permitte uma das mais bastas populações da Europa: e é ella que ha-de ir operar a mesma maravilha nas charnecas e paúes do Sul.

Em 1866 o snr. Moraes Soares «Arch. Rur. vol. IX», desejava vel-a «adoptada no Alemtejo, como unico meio de colonisar esta riquissima provincia». Oito annos depois, o snr. Herculano, escrevendo ao snr. Carlos Bento, dizia-lhe «não sei se v. exc.ª conhece a entidade *fôro;* o fôro é o grande moralisador dos campos». O snr. Oliveira Martins não só conhecia a fundo esta entidade quasi mythica para os modernos politicos, mas arrancando-a do fundo das velharias, soube modernisal-a, expurgando-lhe a jaça dos tempos feudaes.

Nos *consorcios* de proprietarios lapida-se e aperfeiçôa-se uma forma de associação, que está nos nossos costumes, e que concorreu sobretudo para esta admiravel distribuição d'aguas, que é a base da productividade da provincia do Minho.

Na *Caça* temos os antigos *Coutos* e na *individualidade* dos casaes, que vae impedir a fragmentação da terra, uma especie de vinculos populares, sem os inconvenientes e males do antigo direito, destinados agora a proteger a boa economia cultural.

XIX

Alongar o quadro seria ocioso pelas razões anteriormente expostas: já no que fica dito ha, sem duvida, repetições que serão desculpadas pelo desejo de frisar bem este ponto especial.

Os exemplos citados bastam evidentemente para mostrar como se reatavam as tradições nacionaes, e como se aproveitavam as disposições que antigamente ajudavam a colonisar o nosso sólo devastado.

Este traço é claramente uma das qualidades mais caracteristica e de maior valor da obra. A importação, que todos os dias estamos fazendo, a torto e a direito, de legislações alheias, é que tem concorrido principalmente para que o povo não comprehenda a actual engrenagem administativa e, por isso, despreze os seus governantes.

N'estas circumstancias, voltar ás tradições, nacionalisando, quanto possivel, o «governo», é fazer uma obra altamente patriotica e que concorrerá poderosamente para desenvolver o sentimento collectivo de orgulho e dignidade, sem o qual não é possivel o rejuvenescimento da vida nacional.

Apesar de ter sido necessario pôr todas as tradições em relação com as necessidades e os costumes presentes, tão forte e tão accentuadamente portuguez é o projecto, que

não se póde de modo nenhum considerar a fantasia d'um scismador — uma *utopia*, mas sim a obra d'um historiador, que conhece a fundo o passado do seu paiz, a d'um economista que comprehende todas as questões que dizem respeito á riqueza territorial e a d'um observador, que tem notado todos os defeitos da administração hodierna.

XX

Nos estreitos limites em que se move a nossa politica, sem complicações nem expansões que provoquem luctas internacionaes, se ha algum mobil que possa levar a esse mundo, dilacerado por vaidades e interesses obscuros, quem tenha a possibilidade de fazer algum bem, a *opportunity* de deixar a sua patria melhorada, é sem duvida trazer á cultura esses largos tratos esterilisados pelo abandono, é fazer reviver todo o trabalho, que, se hoje chega insufficientemente para sustentar 4 milhões e meio de habitantes, ámanhã com esta lei, que nos dará «em poucos annos o progresso d'um seculo», se me é licito repetir o texto citado, deverá dar a abundancia talvez a 7 milhões de portuguezes.

Uma nova ordem de coisas apparece evidentemente: uma nova e fecunda preoccupação surge á luz e discussão do publico.

Tirada assim a administração da sua velha trilha, deixadas d'uma vez no esquecimento essas controversias estereis que parecem hoje, no meio da actualidade, almas de finados, que nem já sequer assustam os vivos — só com uma nova comprehensão da gerencia do Estado, é que a terra nos poderá dar a abundancia e a prosperidade, ou como cantou o poeta «*redeunt Saturnia regna.*»

XXI

A evolução proposta tem, pois, por fim crear um novo modo de ser da sociedade portugueza, creação que só se poderá realisar com muito estudo, dirigindo e protegendo o trabalho nacional, difundindo o ensino, de modo que chegue verdadeiramente ao povo, remodelando os serviços publicos, pondo-os de accordo com os costumes e a historia, e systematisando emfim todas as disposições legaes, de sorte que a legislação se torne clara, integral e harmonica.

Com esta forte medicação alterante se curará a terrivel «enfermidade de tres seculos», a miseria e a ignorancia, que tem entorpecido o desenvolvimento das faculdades geniaes do povo portuguez, entorpecimento que foi a sua vida triste, pesada e sem ideal, e que o impede de occupar o logar que naturalmente devia ter entre nações europeias.

Obra pacifica e nobremente patriotica, exigindo um trabalho porfiado e tenaz, é para ella, como unica solução, que se deve virar a vista d'aquelles a quem punge a decadencia presente.

Serão grandes as difficuldades a vencer, será escabrosa e longa a estrada antes de se chegar ao termo da jornada, mas se a classe media a esposar, qualquer que seja a sua magnitude, será possivel corrigir em pouco tempo os erros acumulados de longa data, e substituir pela ordem a anarchia mansa em que vivemos, a peor de todas, porque pro-

longando-se com apparencias enganadoras, vai operando lenta, mas incessantemente, a desorganisação e a ruina.

Para isso basta que tenha o conhecimento do que se está passando todos os dias, e da situação insfavel do paiz, afundivel d'um momento para o outro n'uma catastrophe geral.

Foi ella que, no fim do primeiro quartel d'este seculo, implantou uma revolução, que se julgava impossivel de radicar, tamanho éra o seu desacordo com o sentimento nacional. Para alcançar esse resultado foi-lhe necessario *deitar tudo abaixo*, destruir violentamente o passado e demolir todas as antigas instituições. A' força de perseverança em destruir, as velhas formas desapareceram, e Portugal surgiu emfim vestido á moderna.

XXII

Resta agora dar-lhe uma educação que corresponda ao novo trage e transfundir-lhe no organismo decrepito o novo sangue de renovação da intelligencia e capacidade industrial, resta em summa que a revolução se consolide, edificando.

E' necessario que edifique, animando todas as forças nacionaes, dando á população o conforto do corpo e a illustração do espirito, e desenvolvendo com o augmento da riqueza e da instrucção o sentimento commum da força, que se está obliterando dia a dia, e sem o qual não é possivel a vida d'uma nação, no verdadeiro sentido da palavra.

Se a classe media, que possue o poder, quizer unir-se n'um partido que represente não as conveniencias particulares mas os altos interesses geraes, se tiver o patriotismo de sacrificar proventos e vaidades transitorias á salvação do seu paiz, sobre os escombros do passado levantar-se-ha placidamente o edificio do futuro, e a transformação operar-se-ha sem sobresaltos ou movimentos bruscos.

Então o movimento evolutivo para o qual não bastam de facto os esforços d'um homem só, qualquer que seja o seu caracter e o seu saber, irá desembaraçadamente ao seu

fim; mas se, esquecida da sua responsabilidade, puzer os seus arranjos acima dos interesses de todos, n'esse caso será fatal o *terramoto*, que os melhores espiritos appetecem nas horas de desanimo, e a ella, que a historia amaldiçoará, ha-de restar-lhe a triste gloria de ter matado a mais promettedora esperança de renovação nacional.

XXIII

Na «Advertencia» anteriormente citada, o snr. Oliveira Martins resumindo o seu programma, disse:

«Essa missão «*do Estado*» vae mais longe: abrange em si a iniciativa e a protecção por via das quaes as classes miseraveis teem de subir gradualmente á dignidade de cidadãos conscientes; abrange em si o fomento da riqueza e o regime da sua justa equiponderação; inclue a instrucção e todas as varias especies de subsidios com que o Estado arranca dos negros fundos da miseria as populações desherdadas, e das entranhas do solo e do mar as riquezas aproveitaveis: abraça no seu todo o systema dos instrumentos de uma sociedade, o imposto e a circulação, as alfandegas e a viação, a divida, a administração etc., fazendo-se servir ao mesmo tempo de propulsores do bem estar, em vez de os considerar apenas como machinas de oppressão e aspiração extenuante.»

As bellas e graves palavras precedentes que propositadamente quiz transcrever no fim d'esta exposição, podem ser o lemma da sua bandeira pois exprimem precisamente todo o seu pensamento de estadista, e mostram que o politico d'hoje não faz mais que dar uma forma pratica ás mesmas opiniões que a serena observação dos factos lhe tinha sugerido.

Será tempo ainda? não acordaremos tarde de mais?

XXIV

De todos os organismos são as nações que offerecem mais resistencia á morte: muitas vezes continuam a viver debaixo d'uma immobilidade apparente. A cada passo acontece que a vida, que se tinha refugiado nos musculos mais fundos, reanima inesperadamente as mais decahidas, que voltam de novo á téla da historia.

Qualquer pois que seja a nossa decadencia presente, devemos esperar que o paiz tem ainda um resto de vitalidade para se levantar de novo, para emprehender uma reforma que lhe ha-de restituir de uma maneira perenne a grandeza passada.

Retardado do movimento dos povos modernos, é preciso que se apresse a sahir d'essa immobilidade que o condemna ao desapparecimento.

N'esta hora decisiva que parece ter soado na nossa vida publica, só por meio d'uma nova concepção do «governo» e pela sua acção intelligentemente dirigida, dispondo para o conseguimento da salvação commum d'essa força immensa, é que poderemos sahir da selva emmaranhada das difficuldades e obscurantismo em que nos achamos actualmente.

Emendando os erros passados e substituindo por outra a legislação desordenada, confusa e cahotica, a classe governante, adquirindo a consciencia, de que ella mesma é uma parte integrante da nação, deverá, abandonando os

velhos processos ruinosos, fazer uma politica fecunda, que dê a todos a *vaca e o riso* do Santo Arcebispo.

E' d'esta ideia que se derivou o projecto de fomento rural, apresentado na sessão da Camara dos deputados de 27 de abril, ao qual virão juntar-se successivamente, como promette o auctor, os que se referem aos outros serviços publicos, de modo a ficarem pelo menos na historia contemporanea estes documentos d'uma vasta concepção, quando ninguem suppunha que pudessemos sahir do livre cambismo scéptico, que não exige nem trabalho nem capacidade governativa.

Posta uma affirmação tão positiva, como o projecto, não é possivel duvidar que não haja uma *vida nova* que, sahindo da vereda errada seguida até hoje, se propõe curar aquella teimosa enfermidade nacional; e não é menos certo tambem que, só com um tratamento restaurador e fortificante, que reanime o nosso povo, é que elle poderá conseguir immediatamente uma posição honrosa entre os outros, e no futuro uma «voz no concerto da humanidade.»

III

OS FILHOS DE D. JOÃO I

POR

J. P. D'OLIVEIRA MARTINS

(*Transcripto do jornal «A Provincia» n.º 158, de 16 de Julho de 1891*)

No final do seculo XIV, Portugal havia attingido o fim que se propuzeram os reis da primeira dynastia. A sua missão historica estava de facto concluida com a conquista dos territorios no Sul do Mondego, habitados pelos sarracenos. Vencidos estes, a Marka portucalense não tinha mais que fazer; a sua area de expansão, circumscripta e delimitada por todos os lados, não podia augmentar, e a nova sociedade fôra-se organisando durante esses tempos de guerras incessantes. Ao fallecer, pois, de D. Fernando, o pequeno reino teria de voltar, pelo curso natural das coisas, para a hegemonia do estado que preponderasse sobre os outros na peninsula — elle que não era mais que qualquer d'esses, formados durante a reconquista neo-goda.

Tal era tambem o sentimento da velha aristocracia, a que tão valentemente combatera os agarenos quasi por tres seculos, quando se apresentou a reclamar a corôa de Portugal D. João de Castella.

Com este sentir da classe nobre e dirigente pulsava unanime o coração de todo o norte (*) d'esta mesma terra, d'onde tinha partido o impulso nacionalista e d'onde nunca cessaram de partir chefes e soldados para a expulsão dos inimigos africanos. A mesma população, que acompanhára os condes portucalenses nas suas acommettidas ao Sul e chamára *rei* ao filho heroico do ultimo, sentia então tudo terminado e talvez tivesse saudades de voltar á sua antiga patria da Galliza.

Não permittiram, porém, os acontecimentos que tal facto

(*) Veja-se o documento n.º 86, publicado por J. P. Ribeiro, Diss. Chr. e Crit. Tomo I.

se realisasse. Um aventureiro feliz — elle não será o unico! — conseguiu fundar uma nova dynastia. E por um capricho bem singular da sorte, o triumpho d'elle póde dizer-se ter resultado principalmente da adhesão de uma cidade do norte — do Porto, que n'este momento se separou do sentimento commum dos homens da sua raça, dos seus irmãos e compatriotas.

Mas depois da victoria apparecia uma questão fundamental — que fazer d'essa independencia? Continuar-se-ha com a anterior e sabia politica affonsina, rompendo os terrenos incultos, assentando povoadores e desenvolvendo a riqueza pelo trabalho paciente, ou procurar-se-ha outra expansão a uma gente, mais robusta na apparencia que na realidade? Que homens representaram o papel determinante na resolução da crise? Quaes d'elles venceram e quaes foram os vencidos?

Eis o assumpto do livro recente do snr. Oliveira Martins — a mais bella e primorosa de todas as suas obras.

Sem fazer grandes descobertas de muitos factos ou documentos, mas esmiuçando principalmente os conhecidos, interpretando-os com extraordinaria lucidez e referindo-os n'uma admiravel fórma litteraria, elle soube trazer outra vez á vida essa época, uma das mais interessantes, sem duvida, porque foi ella o ponto de partida das grandes navegações.

N'esta reconstrucção historica, tão sabia como artistica, difficilmente conhecerá o auctor quem o tivér seguido de perto nos seus anteriores trabalhos da historia portugueza.

Sob a apparencia de um historiador, elle era sobretudo um economista, criticando as medidas governativas, louvando-as ou combatendo-as, consoante eram ou não proficuas ao bem geral. O seu fim não era, por assim dizer, restaurar épocas extinctas, mas, apoiando-se sobre os factos culminantes, demonstrar os erros ou acêrtos dos vários chefes — reis ou ministros, que téem tido um minuto de poder.

Da sua critica resultou, todavia, uma nova compre-

hensão da existencia social portugueza; e taes jactos de luz lançou sobre a interpretação dos diversos periodos e acontecimentos, que jámais ninguem deixará de lêr os seus livros, se quizér fazer uma ideia justa do modo de ser dos habitantes d'este canto do mundo.

Critica lucida e raciocinadora, mas tambem quantas vezes azeda e cortante? O seu espirito claro, a sua disciplina intellectual, não podiam soffrer a série de desgovernos que apparecem e reapparecem aqui constantemente, como urdidura normal.

N'este periodo da sua vida, na sua mocidade fecunda e cheia de grandes pensamentos, talvez o auctor não estudasse a historia por ella mesma. Dir-se-hia ter necessidade de conhecer as differentes phases por que tem passado a gente, a cujo gremio pertence, não como uma simples investigação de cousas extinctas, mas como complemento ou elucidação de outros estudos; á medida, porém, que via este pobre povo balouçando-se ao acaso, como uma epave, elle não podia conter a indignação contra a capacidade dos mandantes.

Passaram-se os annos e com elles — quem sabe? — vieram as desillusões. E' de crêr até que o manusear aturado de livros velhos, d'essas chronicas dos casos antigos, lhe ensinasse, como são inuteis quaesquer esforços para ordenar o que desde seculos vive em desordem. Ou fôsse a historia, os annos, ou a desesperança de tudo... — é certo que no seu espirito se operou uma profunda revolução. O polemista desappareceu, para em seu logar, felizmente para as bellas lettras, surgir um historiador artista de primeira ordem. A's palavras amargas succedeu o perdão, á irritação a mágua. Se d'antes estava prompto á censura, agora perdoando, explicando e commentando, deixa desenvolver os acontecimentos em toda a amplitude, sem lhes tolher o passo com considerações fóra da sua propria natureza.

Biographando os filhos do Mestre d'Aviz e os homens que os cercaram, o snr. Oliveira Martins não discute com elles, não os increpa ou reprocha, mas analysando com rara

sagacidade o caracter de cada um, faz-nos comprehender com as mais vivas côres da realidade, como viveram e morreram. Para os seus feitos intrepidos tem uma poderosa expressão descriptiva, para a interpretação das suas ideias a intuição e analyse de quem póde prescrustal-as atravez os escombros do passado e para as suas faltas um perdão magnanimo.

O perdão? Sim. Nem sempre são os heroes ouro sem jaça. A nova nobreza, apezar da sua valentia, com o condestavel á frente não obstante a sua santidade, devora immediatamente todos os bens da corôa e prepara assim a ruina do Estado. Com esta desgraçada politica começa a dynastia, cuja prodigalidade ou incapacidade administrativa irão crescendo sempre nas gerações successivas até tudo se afundar n'uma catastrophe geral. As riquezas do oriente não fizeram mais que avolumar a fallencia.

Mas por emquanto temos uma geração de sangue novo, de homens que conquistaram por si mesmos o seu logar. Audazes e felizes na guerra com Castella, que vão fazer agora? Que feitos obraram, que pensamentos os dirigiram?

O assumpto é vasto e largo. Um espirito de renovação intellectual, que principiava a agitar a Europa, vinha commover aqui as almas scismadoras. Aqui tambem chegava a vibração d'esse grande movimento que em breve revolucionaria o mundo. A influencia da renascença não podia ser esquecida, pois ella na verdade dá uma suprema expressão ao quadro que o snr. Oliveira Martins executou magistralmente.

Dos seus tumulos seculares resurgem todos esses personagens que urdiram a tela da historia desde 1387 a 1449. Emolduram as biographias dos protogonistas as miniaturas dos cavalleiros e bispos, seculares e padres, que os acompanharam. Todos pensam e fallam em voz alta. As esperanças, as duvidas, os desalentos, as amarguras e os motivos determinantes d'isto ou d'aquillo patenteiam-se em plena claridade. Phylosophos e guerreiros, lettrados e legistas, refor-

mas das leis e mudanças de costumes, expedições e guerras, victorias e desbaratos — homens e factos, apresentam-se aos olhos do leitor encantado admiravelmente descriptos. No fundo vê-se indistinctamente uma população que foi um povo: então já sem vontade propria, apenas murmura; soffre tudo, deixando-se ir indifferente na corrente das peripecias. Volvam-se mais algumas decadas, que da antiga e altiva gente da Marka medieval restará sómente a clientella submissa dos reis mercadores.

O germen da decadencia encontra-se logo no mesmo principio das emprezas maritimas: e o auctor não se esquece de pôr em confronto a cada passo os elos extremos da cadeia. D'este modo a sua narrativa, descrevendo uma aurora, tem todavia o colorido melancolico do outomno, deixando-nos immersos n'uma tristeza suave, pois estamos vendo como a desorganisação brotou no mesmo momento em que principiou para Portugal uma nova vida.

Mas esta parte do quadro está apenas esboçada. Um esboço é bastante ao intento do auctor. As vidas dos personagens illustres, as suas acções e ideas, são o seu thema principal: para ellas volta a vista perspicaz; n'ellas concentra principalmente a attenção. Na maneira como as trata mostra o poder da sua intelligencia e a sua mestria de litterato, psychologo e historiador, com tal pujança que será difficil encontrar analyse mais penetrante de caracteres e critica mais comprehensiva.

Longe de mim a intenção de fazer uma revista detalhada. N'este rapido estudo quiz exprimir unicamente a impressão geral. Notemos, todavia, que o auctor se não poupou a fadigas, nem desanimou diante de longas investigações para assentar a veracidade dos factos referidos e tornal-os perceptiveis, mostrando-nos sempre os antecedentes e as consequencias. O seu livro adquiriu assim a eloquencia surprehendente da realidade. Dividindo-se em doze capitulos, começa no casamento do Mestre d'Aviz e termina realmente

na morte tragica do Infante D. Pedro, sobre a qual se avista ao longe a sombra vingadora de D. João II.

O casamento do fundador da dynastia, a sua côrte e familia, formam o portico d'este edificio maravilhoso, que se levanta, como por evocação genial, á medida que as paginas se passam, gravando-se-nos indelevelmente na memoria: — primeiro acto d'esse drama que se vai desenrolando no meio de repetidas catastrophes até ao terrivel desenlace na batalha d'Alfarrobeira. A historia secca dos academicos torna-se dramatica: e dramatisada ella tem um interesse superior, juntando ao conhecimento do passado o das paixões da alma humana.

Entre aquellas duas datas, quantos acontecimentos, prosperos ou angustiosos, não fizeram estremecer de alegria ou de terror os seus proprios fautores? São os retratos d'estes que o snr. Oliveira Martins restituiu á vida com a sua alta faculdade creadora, sem a qual o historiador nunca passará de um erudito.

E' dificil escolher ou preferir um a outro, tão perfeitos sahiram todos da sua penna exercida. A' descripção das pessoas junta-se a do meio em que viveram, a das influencias — internas e externas que actuaram na indole de cada um, a dos paizes e sociedades estranhas que visitaram. N'estas ultimas ha ás vezes uma superabundancia descriptiva a que o auctor se deixou levar pela moda litteraria do tempo e que poderia encurtar sem prejuizo. Em todo o caso o leitor lucrará sempre alguma coisa com ellas.

Mas entre tantos e tão primorosos retratos — de D. João I, D. Filippa de Lencastre, D. Duarte, D. Henrique, Nun'Alvares... e seria uma longa lista nomeal-os todos, sobresahe notavelmente o do infante D. Pedro.

De facto, elle alteia-se sobranceiro aos seus contemporaneos, dominando-os pela sua vasta intelligencia, pelo saber e conhecimento do mundo, pela largueza das ideias e pela seriedade do seu caracter. Era-lhe pois devido um tra-

tamento especial, e o auctor, longe de lh'o negar, comprazeu-se a tornal-o proeminente na sua ampla galeria.

Talvez n'elle, com tão superiores faculdades, o auctor quizésse aprender como, apezar d'esses grandes dotes, se póde ser vencido. Esta figura, quantas vezes se repete tristemente na historia portugueza? Desde então, quantos nobres espiritos, protestando contra os desvarios governativos, não téem succumbido diante da indifferença do maior numero e das intrigas dos que encontram na desnacionalisação secular, terreno adequado aos seus mesquinhos planos? Quantas vezes depois não tem tornado a servir a setta que varou o sabio estadista do seculo XV?

Seja como fôr, é certo que d'essa funesta jornada, em que elle pereceu, ainda hoje nos resôa aos ouvidos — suprema consolação para as derrotas que glorificam! o grito stoico de Alvaro Vaz — «Fartar, rapazes! Vingar, villanagem!»

IV

ANTHERO DO QUENTAL

RECORDAÇÕES

Transcripto do Livro «Anthero do Quental — In Memoriam» publicado em 1896.

Quando pela primeira vez se pensou n'esta homenagem á memoria do nosso incomparavel poeta, como eu estava longe de imaginar, quanto me seria penoso cumprir a promessa da minha collaboração! A dôr, por sua natureza muda, não se compadece com a publicidade; mas uma vez que não ha nenhum outro modo commemorativo que melhor se coadune á saudade de todos nós, resta só cumprir este ultimo dever, por doloroso que seja.

Tambem é certo que os actos e factos do poeta devem contar-se em voz alta; a sua vida não carece de ser favorecida; pelo contrario, continuamente inspirada pelos mais nobres sentimentos, ella servirá de exemplo, como uma sociedade no mais fundo grau de abatimento pôde produzir um sublime cultor do ideal, uma d'estas figuras moraes superiores que serão sempre a gloria da humanidade. O idealismo que fórma o fundo do seu caracter e o illumina em todos os passos, destaca-o proeminentemente d'entre os contemporaneos, dando-lhe um relêvo immenso, que nos casos communs, quer como homem de lettras ou agitador politico.

Nas poucas paginas que vão seguir-se não procurarei delinear o seu retrato moral, nem escrever-lhe a biographia. O primeiro já está admiravelmente feito por um grande escriptor: a segunda excederia demais o meu proposito. Limitar-me-hei, portanto, a algumas notas que pude colligir de entre as minhas lembranças. Faltando-lhes, com certeza, a eloquencia, sobra comtudo ao seu auctor o mais vivo desejo de recordar o amigo.

Nascido em abril de 1842 na Ilha de S. Miguel, Anthero de Quental veio muito novo para o continente; primeiro

para Lisboa, depois para Coimbra. Tinha dezesseis annos quando se matriculou em 1858 na Faculdade de Direito: foi n'este anno que nos conhecemos.

Coimbra affirmava-se então de um modo singular. O ensino universitario não satisfazia a mocidade, convulsionada pelas grandes questões do dia — questões philosophicas, religiosas, historicas, litterarias, sociaes, economicas... que prendiam, sobretudo, a attenção, tornando-se o thema das discussões ordinarias, em vez das lições officiaes.

Como tinha chegado áquelle canto remoto, essa corrente revolucionaria — não é facil de explicar, nem tampouco, como teve o poder de apaixonar rapazes o menos preparados para a receberem. Resultou d'ahi transformar-se aquelle meio em tumulto de ideias e opiniões, de maneira nenhuma adaptado a formar espiritos novos, que vinham cada um da sua terra, de uma atmosphera totalmente diversa, de um viver antigo e tradicional. Todas essas preoccupações espirituaes, juntas com as illusões douradas e a alegria expansiva da mocidade, faziam d'aquella encantada e quasi fantastica Coimbra de ha dez annos», como escrevia o poeta em 1872 no prologo das *Primaveras Romanticas*. Alli se lhe desenvolveu a intelligencia, n'aquelle ruido alegre, por entre a desordem pedagogica que deixava o estudo sem base solida, sem guia e direcção, que lhe faltaram — a elle e aos seus contemporaneos.

Repugnando-lhe a observação minuciosa dos factos, preoccupavam-no sobretudo as questões metaphysicas. A sua forte disposição poetica e philosophica ia assim emergindo e seguindo o curso natural, como se houvesse um fundo hereditario que tinha vindo atravez de muitas gerações procurar n'elle a ultima expressão.

São bem conhecidos os dois padres illustres da sua familia: Simão de Novaes, fundador do convento da Praia, na Terceira; Fr. Bartholomeu do Quental, primoroso escriptor mistico e fundador da congregação do Oratorio.

O retrato d'este ultimo, que Camillo Castello Branco encontrou casualmente e offereceu ao poeta, podia passar pelo seu proprio entre as pessoas que mais o conheciam, tam assombrosa éra a parecença: as mesmas linhas do rosto, a mesma carnação e côr dos cabellos, o mesmo olhar vago de quem não vê as cousas triviaes.

Menos conhecido, mas — quem sabe? não menos notavel fôra o avô, André da Ponte Quental e Camara, do qual faz insigne referencia um soneto de Bocage:

. . . . . .

Posto que hoje a calumnia nos affronte
Inda serão talvez na longa Historia
Dois nomes immortaes «Bocage e Ponte».

Retirado á Ilha de S. Miguel, depois d'uma vida muito agitada, André da Ponte, pouco antes de fallecer, mandou queimar todos os seus manuscriptos. Como o avô, quantas obras primas não destruiria o nosso amigo na passagem d'um para outro estado d'espirito? Seria immensa fortuna se possuissemos hoje a historia completa da vida intellectual d'um homem que só vivia para o pensamento. Felizmente, o que resta constitue uma verdadeira gloria para a lingua em que pensou e escreveu.

Durante o tempo da formatura resoou-lhe a lyra os tons mais variados desde as cantigas populares até ás *Odes Modernas*. O poeta ensaiava-se em todos os generos, não para fazer a aprendizagem litteraria, «nunca teve tal proposito nem jámais se lembrou d'isso) mas porque sentia esses diversos estados.

Em 1861 publicou o seu primeiro volume, collecionando 21 sonetos sob o titulo *Sonetos d'Anthero* (edição meramente particular) e mais tarde incorporados, depois de revistos, na collecção completa, da qual existem hoje duas edições. O soneto, com que principiou, tornou-se de futuro a composição poetica mais do seu agrado; acostu-

mando-se a exprimir os mais largos pensamentos por um numero tam limitado de versos, elevou esses curtos poemetos a um transcendentalismo nunca visto nas litteraturas cis-pyrenaicas.

Na *Beatrice*, editada em 1863, o seu estro apaixonado desatava-se em estrophes amorosas que um sentimento real inspirava. Em outubro do mesmo anno compoz no Bussaco o *Fiat Lux*, primeiro harpejo, por assim dizer, d'essa poesia transcendental que o dominou depois e o absorveu por completo.

Juntamente com as altas faculdades poeticas, apparecia um grande poder deductivo e raciocinador na sua prosa nitida e incisiva, a representação da linguagem fallada. Esta veia, que deixou quasi inexplorada, por isso que a riqueza inicial não corresponde aos escriptos n'esta fórma, depois de se ter manifestado em alguns periodicos litterarios de Coimbra, revelou-se sobretudo em 1865 na *Defesa da Carta Encyclica de S. S. Pio IX contra a chamada opinião liberal*. Néstas composições breves, que exigem clareza e rigorosa dedução logica, mostrou todas as preciosas qualidades do seu estylo, como prosador, vindo a ser o principe dos pamphletarios do seu tempo.

Poeta, philosopho, critico, homem de lettras e homem moral, educára-se por si mesmo n'aquelle meio incoherente, onde cada um se deixava levar pela sua espontaneidade no meio das mais desvairadas discussões. De todo esse tumultuar d'ideias e sentimentos, ficára-lhe todavia profundamente gravada no espirito a idealisação d'um novo modo de ser da sociedade: d'ella, d'essa aspiração ardente pela justiça universal, nasceram as *Odes Modernas*, onde «o pamphletario, diz na auto-biographia, divisa-se muitas vezes por detraz do poeta».

A sua composição começou talvez por 1862; pelo menos em fins de 1863 o livro estava completo. Não obstam duas peças que foram intercaladas na primeira edição com data posterior, nem tam pouco outras datas que se encontram na

segunda, referidas aos poemetos que faziam parte da primeira: ou essas composições foram introduzidas em 1865, ou o auctor as datou depois a capricho. Mas o facto é que o livro, mais ou menos ordenado, como appareceu n'aquelle anno, estava prompto em dezembro de 1863, quando o auctor foi a Lisboa vêr se conseguia um editor.

N'esta occasião procurou Herculano, que o recebeu na sua casinha perto da Ajuda, por uma d'estas tardes luminosas do inverno, tam communs alli n'aquella quadra. Um raio do sol poente entrava no modesto gabinete do grande historiador que fitava maravilhado o poeta, ao ouvir as suas estrophes revolucionarias. D'esta entrevista, sem apresentação ou recommendação de ninguem, procederam as relações que posteriormente se conservaram sempre seguidas entre os dois.

Castilho pelo contrario, em cuja casa fez uma leitura, ficou decerto horrorisado com tamanha barbaria. No seu cenaculo de classicismo, deviam, na verdade, fazer dolorosa impressão aquelles versos duros, asperos, cheios de incorrecções, e o assumpto extra-poetico de que tratavam. Todavia já n'um sarau litterario, em Coimbra, tinha ouvido recitar alguns trechos. Agora, porém, não obstante as palavras convencionalmente affectuosas viu, sem duvida, no antigo alumno do seu collegio, um revoltado sem vocação poetica.

Como nenhum editor de Lisboa quiz emprehender a publicação, o poeta veio d'alli, por mar, ao Porto para o mesmo fim: encontrando nos editores portuenses identica recusa, voltou com o ms. para Coimbra: assim terminou infructiferamente esta tentativa. As *Odes Modernas* ficaram, por isso, ineditas até julho de 1865, época em que as publicou por sua conta em Coimbra, ao despedir-se d'esta cidade, onde residiu anno e meio depois da formatura, terminada em 1864.

A lembrança da tempestade, que o livro provocou, conserva-se ainda geralmente viva: elle era de facto como uma planta de flora desconhecida; rebentava sem se saber que

ventos lhe trouxeram as sementes, e abria as flôres estranhas n'um ambiente inadequado.

Em novembro do mesmo anno o auctor levantava a chamada *questão coimbran* no pamphleto *Bom Senso e Bom Gosto*, excitado por uma referencia que a seu respeito escreveu Castilho no prefacio do *Poema da Mocidade* do snr. Pinheiro Chagas: e no mez seguinte lançava outro sobre o mesmo assumpto — *A Dignidade das Lettras e as Litteraturas Officiaes. A Defeza da Carta Encyclica* havia já mostrado quanto valia a sua fibra pamphletaria, que se revelou agora em toda a pujança. Todavia esta magna contenda no microcosmo litterario portuguez bem depressa deixou de o interessar.

Passados os curtos instantes da lucta activa, essa discussão não podia absorver a quem não tomava a litteratura por alvo unico da sua actividade intellectual. Mas a idade aurea dos vinte annos estava fechada, e agora era preciso entrar definitivamente na vida.

Idealista, raras vezes percebia a realidade das cousas. D'ahi, quantos tristes desenganos não vinham apoz uma revolução, longamente meditada e deduzida com rigor da verdade subjectiva que era tudo para elle! Uma vez que o seu espirito divisára a suave claridade que bruxulea no extremo horisonte, a luz da renovação social em que todas as forças devem estar equilibradas de modo a produzirem a harmonia geral, seria uma fraqueza não ir associar-se aos que erguiam o novo edificio: pois a determinação d'uma verdade havia de ter na prática um facto correlativo, aliás a moral tornar-se-hia uma palavra van. E'sta correlação constante entre as acções e as ideias, esta intransigencia pelo dever, deram-lhe uma grandeza de caracter sem igual na nossa época, mais propria dos primeiros tempos da pregação christan, ou d'esses momentos de crise da Egreja, quando as almas illuminadas pela crença viva se deixam impellir pelo ideal que as subjuga.

Mas não é só a fé religiosa que faz proselytos. As crises

sociaes, como a que estavam atravessando, produzem-nos tambem. O amor da humanidade e a nova concepção da sociedade, balbuciados nas *Odes Modernas*, faziam do seu auctor um crente na Revolução. Impulsionado pela fé no proximo rejuvenescimento do mundo, passando por cima da sua posição, deixando de lado todas as honras que o esperavam na sua terra — elle, que tinha sabido commover a attenção dos seus conterraneos em alguns mezes, grande poeta e grande prosador, aristocrata pelo sangue e pela intelligencia, partiu em dezembro de 1866 para Pariz, trocando o mais auspicioso futuro por um componedor de typographo.

«Eu por mim — escrevia na véspera da partida, vou mais com o animo socegado de quem cumpre um dever, do que com o coração alegre de quem segue uma esperança. Mas por tanto tempo desesperei sem fundamento e me cancei sem ter trabalhado, que quero emfim comprar com estes supremos esforços o direito formidavel da desesperação com plena consciencia. Quero que os factos dêem razão ao cançasso do meu coração ou que o façam resurgir por uma vez. Um sentimento definido, em bem ou em mal, mas inabalavel, eis o sonho dos meus annos de duvida e incerteza mortal e o que vou sobretudo buscar — isto é, encarar de frente a vida.»

No meio d'uma sociedade tam diversa, sem relações de parentesco nem d'amizade, ahi se defrontou, só e isoladamente, com a crua realidade: pôde vêr então de perto as fundas miserias de que soffrem os trabalhadores nas grandes cidades, friamente exploradas pelo capitalismo sem coração. Perdido na massa confusa dos interesses, lançado entre gente desconhecida que não tinha tempo de se occupar com nenhuma d'essas questões que eram o seu enlèvo, n'esse redemoinho d'homens, reunidos apenas pelas necessidades imperiosas da existencia, sem tradições nem affeições, viu-se desde logo, como o naufrago sobre as vagas d'um mar encapellado. Ahi, por entre uma intensa excitação nervosa, n'um

clima hostil, do qual se não defendeu sufficientemente, contrahiu os germens da molestia que annos depois lhe tolheu a completa liberdade d'acção. Quantas vezes n'essas horas angustiadas lhe não sorririam as aguas turvas do Sena? Esta situação tragica ninguem, comtudo, a poderá exprimir melhor que elle mesmo:

«Ha um mez e tanto que caminho no meio de desillusões, «d'isto bastante — mas sobretudo de mim. Julguei-me outra «coisa. Concebi pela intelligencia um molde e não attendi á «materia com que tinha de o encher. Ao segundo dia logo a «antimonia entre o mundo em que me achava e o meu estado «d'espirito e a natureza mesma do meu ser me appareceram «cruelmente. Entretanto tenho ido soffrendo na esperança «de serem enganosas as apprehensões e mais que appre«hensões, as contradicções dolorosas por que ia e vou pas«sando. Esperei que o trabalho me fizesse bem e foi elle que «me revelou completamente o meu estado. Este trabalho é «triste como todo o trabalho moderno, forçado, pallido e divi«dido, desnatural e injusto... Ora o meu estado é este, que «crendo e amando do coração os principios e as ideias que «mais que nunca me consolam, nem por isso posso na con«templação e estudo d'ellas esquecer os impulsos da natureza. «Essa pede-me paz, esquecimento, trabalho harmonico e si«lencio. Como achar isto aqui?

.....

«Foi uma tentativa malograda mas honrosa, porque foi «sincera; só eu sei por que esforços passei para cumprir o «que julgava então o meu dever, quantos sacrificios! o resul«tado é este; mas não me queixo, porque tiro um outro moral, «e esse grande, a estima de mim mesmo, ainda na minha fra«queza, de que vejo não ter culpa.

.....

«Emquanto á Revolução seria longo dizer a que tem «chegado, mas resumo affirmando que póde haver cedo e «muito cedo um cataclismo, muita desordem e confusão; a «doutrina e a ordem moral, porém, essa não se estabelece

«d'uma vez; é uma grande renovação da Humanidade: gas-«tará seculos, acções e reacções sem conta para chegar a «affirmar-se, como o Christianismo.

.....

«Vejo-me ás vezes obrigado a dormir 12 horas, por que «nada me faz bem — e, extranha coisa! entretanto tenho um «verdadeiro interesse, penso, sinto; mas como que é outro «sêr que em mim critica e discute; o verdadeiro *eu*, a cons-«ciencia e o coração, estão desolados; por outro, no meio da «crença do universo não creio em mim! que destino!»

Os caracteres fortes rebustecem-se pelo embate da fortuna. Pódem sim ter instantes de desfallecimento, porque não dizer de duvida? mas para resurgirem, passada a crise, com mais fortaleza e com esta belleza moral que aureoléa os vencidos. Cavalleiro do futuro, se perdeu a primeira acommettida, voltará de novo á liça, coberta com o escudo da experiencia que lhe faltava. Em todo o caso, a excitação nervosa tinha attingido o seu limite maximo; elle via bem que um tempo de repouso, mais ou menos longo, era de necessidade absoluta. Depois de tam grande abalo, precisava d'uns dias calmos, longe de qualquer inquietação, até que se decantasse a agua turva das desillusões. Este primeiro periodo de repouso encontrou-o na Quinta de Sant'Anna, perto do Mosteiro da Costa, em Guimarães. Ahi no silencio e retiro do campo, a nevrose cedeu, mitigada pela immensa paz d'essa residencia solitaria.

Apoz tres mezes de descanço em Sant'Anna, voltou de novo a Pariz. N'esta segunda jornada visitou Michelet, apresentando-se sob o pseudonymo de Bettencourt, como incumbido pelo auctor das *Odes Modernas* de lhe offerecer um exemplar. Leu-lhe e traduziu-lhe alguns trechos; e o genial historiador francez entregou-lhe uma carta para elle a transmittir ao seu amigo.

Antes do fim do estio regressou a S. Miguel. Pouco depois da chegada escrevia:

«Esforço-me por me isolar, e sobretudo isolar o espirito

pela leitura. Mas esta sequestração moral é o mais difficil. A minha philosophia, não sei bem por que, falla-me na prática. Anceio a solidão tanto mais ardentemente quanto mais difficil de realisar vejo este meu desejo, que é ao mesmo tempo a mais profunda necessidade da minha natureza... Esta vida desgosta-me; e o desgosto com o meu temperamento receio que me leve ao embrutecimento. Não conto passar oqui mais que um anno. Menos não é possivel tambem, por que a minha sahida antes d'esse prazo deve parecer extranho á familia e até magoál-a. Mas, fóra esta condiccional, tudo me leva para longe d'aqui. Para onde?»

D'esta vez o termo da residencia na Ilha de S. Miguel protrahiu-se um pouco alem do indicado. Em novembro de 1868 comtudo estava de volta ao continente, indeciso e incerto, sobre o caminho a tomar.

A ancia pelo socego e a necessidade do movimento foram como que os dous polos entre os quaes se passou a primeira parte da sua vida. Dous planos lhe sorriam por igual; ou correr aventuras que alimentassem a sua natureza expansiva, recalcitrante ao convencionalismo burguez, — ou isolar-se do mundo, limitando a convivencia a um circulo estreito de pessoas que se occupassem dos mesmos assumptos que lhe eram queridos. Para o primeiro impellia-o uma inquietação caracteristica, talvez hereditaria: viajantes foram nas gerações proximas o pae e o avô, e tinham-no sido provavelmente já os fundadores da familia no archipelago açoriano: para o segundo attrahiam-no as necessidades do seu espirito, a contemplação dos altos problemas cuja solução o torturava, — o temperamento philosophico e mistico, revelado n'aquelles dois padres illustres, fundadores de congregações religiosas, no silencio e quietação das quaes passaram a existencia.

Chegado a Lisboa, encontrava triumphante a revolução de Hespanha; agentes hespanhoes tinham vindo sondar a indifferença portugueza; pois o paiz continuava na sua frieza habitual diante d'esse grande acontecimento penin-

sular. O poeta, na instabilidade em que se achava, acolheu jubilosamente o offerecimento que lhe fizeram de se alistar no jornalismo madrileno, combatendo pela democracia e união dos povos peninsulares. Com este intuito publicou outro pamphleto — *Portugal perante a revolução de Hespanha; considerações sobre o futuro da politica portugueza no ponto de vista da democracia iberica.*

O seguinte trecho d'uma carta explicará o seu pensamento:

«Ha quatro ou cinco dias que estão abertas negociações com democratas de Madrid (partido Castellar) para me receberem como escriptor portuguez no jornal democratico e iberico que vão fundar. Este jornal, tendo a *Iberia* no seu programma, quer que de preferencia se tracte o assumpto em portuguez, porque (alem de ir acostumando os hespanhoes á lingua) é de muito pezo em Portugal . . . Em todo o caso para dar pezo á proposta publicar-se-ha brevemente um pamphleto meu com o titulo «Portugal perante a Revolução de Hespanha», no sentido das ideias d'aquella gente, que são tambem as minhas, iberismo com o federalismo em toda a peninsula. Isto deve sahir em 10 ou 12 dias.»

As negociações frustraram-se, e não pôde por isso correr esta aventura que tanto lhe sorria. No anno immediato porem deparou-se-lhe a occasião de fazer uma longa viagem. Convidado por um amigo que tinha de partir com o seu navio do Porto para a America do Norte, embarcou com elle, e visitou Halifax e New-York. Viu então a grande democracia americana, atravessando o atlantico n'uma pequena embarcação que no regresso esteve a sossobrar.

Esta viagem, n'um meio todo familiar, com os milhares d'incidentes e vagares da navegação á véla, que lhe davam opportunidade de philosophar, tirando-o durante alguns mezes d'estes estreitos horisontes, fez-lhe sem duvida um effeito saudavel. Por equivoco de datas, tam natural n'elle,

collocou-a na autobiographia em 1868, mas a verdade é que teve logar em 1869.

As bôas disposições, que sentiu depois d'esta viagem, determinadas talvez pela exuberancia da sociedade que acabava de visitar, deram-lhe alento para se lançar na propaganda socialista. Fallando a este respeito d'uma maneira geral, diz na auto-biographia:

«Ao mesmo tempo que conspirava a favor da União Iberica, fundava com outra mão sociedades operarias e introduzia, adepto de Marx e Engels, em Portugal a *Associação Internacional dos Trabalhadores*. Fui durante 7 ou 8 annos uma especie de pequeno Lassale. . .»

Este periodo que começa realmente em 1870, depois do regresso da America, e que se pode julgar terminado em 1874, quando a molestia se apresentou com a maior gravidade, se é quasi metade do que elle indica, é com certeza o mais bello da sua vida.

Desprezando altivamente as grandezas e honras officiaes, que com tanta facilidade conseguiria, continua ao lado do povo, combatendo agora pelos seus direitos, pela renovação social que tinha sido e era ainda o seu ideal. Desde então estabelece-se entre os dois esta funda affeição, esta confraternidade que parece á primeira vista um enigma indecifravel. Metaphisico e poeta transcendental, nem as suas ideias philosophicas nem a sua poesia podiam ser entendidas pelas massas populares: mas por detraz do philosopho e do poeta estava o homem moral e era este que ellas comprehendiam e com razão amavam. Por uma disposição que lhe éra muito particular, facilmente descia das regiões mais superiores do pensamento para aconselhar nas cousas ordinarias, para escutar e consolar os que soffriam. O povo, acreditando cegamente n'elle, não se enga-

nou; pois nunca trahiu a sua confiança nem se aproveitou d'ella, senão em beneficio da mesma causa porque combatia.

Durante este tempo, a sua actividade intellectual desdobra-se e multiplica-se incessantemente, como organisador de sociedades operarias, orador, jornalista, pamphletario e poeta. Tendo a sua residencia fixada em Lisbôa, vinha amiudadas vezes a Coimbra, ao Porto, com algumas excursões a S. Miguel, mais ou menos longas.

As *conferencias democraticas* do Casino são um notavel incidente d'esta época. Alem do discurso d'abertura, que lhe pertence, poucos mais se pronunciaram; aquelle foi impresso pouco tempo depois sob o titulo *Causas da decadencia dos povos peninsulares nos ultimos tres seculos* (1871). O mundo conselheiresco aterrou-se. Um grupo de dissidentes a fallar em voz alta éra na verdade insupportavel á gravidade banal, sob a qual se occultavam as mil miserias que tam duramente estão hoje a ser expiadas. O ministro do reino resolveu fazer terminar esses discursos por uma ordem sua: a prepotencia, provocando um d'esses momentos de cholera, a que o nosso poeta em taes casos éra sujeito, determinou mais outro pamphleto — *Carta ao Ex.mo Marquez d'Avila e Bolama sobre a portaria que mandou fechar as conferencias do Casino.*

Na primeira metade de 1872 estacionou sobre tudo no Porto e no Minho. Em janeiro publicou n'esta cidade as *Primaveras Romanticas*, collecção de poesias da mocidade, já dispersas por varios jornaes, já editadas em folheto, com a *Beatrice:* e em junho do mesmo anno imprimia em volume um trabalho de critica litteraria, que no corrente d'esse semestre tinha apparecido em folhetins no «*Primeiro de Janeiro*», com o titulo — *Considerações sobre a philosophia da historia litteraria Portugueza.* De todos os seus pequenos escriptos em prosa éra este, segundo consta da auto-biographia, o que lhe merecia mais apreço.

D'este modo, agremiando operarios, tractando ques-

tões sociaes e politicas, grande escriptor em prosa e poeta de primeira ordem, tornou-se então a figura mais predominante de Portugal, o homem mais verdadeiramente popular do seu tempo. Elle tinha conquistado passo a passo, por si mesmo, uma força immensa, nunca vista n'esta terra, porque ninguem modernamente conseguira ter a seu lado a confidencia da população operaria. Não éra só a intelligencia, que lhe dava um logar proeminente, mas sobretudo o seu caracter e grandeza d'alma. O desprendimento de todos os interesses mundanos, o amor da justiça, o ideal do bem e da verdade, tornavam-no um vulto superior n'este meio decahido e vulgarisado.

Quando emfim, pelo desenvolvimento natural das suas faculdades, se achava n'este logar culminante, a doença veio abater-lhe de golpe todos os planos. «N'esse mesmo anno de 1874 — diz na auto-biographia — adoeci gravissimamente, com uma doença nervosa de que nunca mais pude restabelecer-me completamente. A força da inacção, a perspectiva da morte visinha, a ruina de muitos projectos ambiciosos e uma certa acuidade de sentimentos, propria da nevróse, puzeram-me novamente e mais imperiosamente do que nunca, em face do grande problema da existencia.» No primeiro momento a doença attinge proporções assustadoras; depois cahe n'um estado chronico, que se o não paralysa de todo, o priva todavia da liberdade d'acção, e assim vê-se forçado a abandonar os trabalhos encetados.

Nos tres primeiros annos (1874-1876) ensaia diversos tratamentos sem comtudo obter mais que ligeiras attenuações. Nos intervallos, quando podia transportar-se, e as jornadas produziam-lhe sempre um certo lenitivo, vinha passar algum tempo ao Porto. Aqui em 1875 fez a segunda edição das *Odes Modernas*. Por este tempo adoeceu tambem gravemente Germano Vieira Meyrelles, a quem tinha offerecido a anterior. «Escrevo — dizia na dedicatoria, o teu nome na primeira pagina d'este livro, como no socco da

estatua da Venus antiga gravou o escultor, enlaçados o seu nome com o da formosura extranha que lhe servira de modelo . . . Se são estas paginas fragmentos do grande e bello poema da nossa commum mocidade? da epopeia que nos sonharam — unidas — as almas? do *mundo*, que as intelligencias juntas, nos pesaram, em tantos dias de estudo, de esperança ou de tristeza; em tantas noites de meditação, de desalento ou de enthusiasmo?» Sempre que podia, vinha visital-o ao Porto e na ausencia escrevia-lhe confortações eloquentes. As cartas que adeante vão incluidas pertencem a esta época.

A medicina nacional tinha esgotado todos os recursos. Seria um doente incuravel? Talvez. Em todo o caso valia a pena ouvir os grandes mestres da sciencia. Charcot, a quem foi consultar em 1877, aconselhou-lhe o tratamento hydrotherapico, que ensaiou n'este anno e no seguinte. No intervallo dos dois, em dezembro de 1877, falleceu Germano Vieira Meyrelles, no vigor da idade e da intelligencia. A morte colheu-o d'imprevisto porque nunca acreditou que padecesse d'uma aneurisma. Por esse motivo ficavam sem recursos uma menina de pouco mais d'anno e meio, e outra que nasceu quatro mezes depois. Um grupo, de que fez parte desde logo o nosso poeta, chegado n'essa occasião de Paris a Lisboa, cotisou-se immediatamente para sustentar a mãe e as duas orphãs. Da mais velha porém tomou conta, depois do nascimento da segunda, o seu primo Gustavo A. Barboza, padrinho d'ella juntamente com o auctor d'estas linhas, e em cuja casa ficou vivendo.

A hydrotherapia, longe de dar resultados definidos, deixava-o sempre n'um estado de doença a que se foi habituando lentamente. Ao fim de duas estações de tratamento perdera as esperanças de obter a restituição da antiga saude. Fallecidos os paes, e tendo casado as irmãs, via-se obrigado a estabelecer casa sua, e comtudo — dizia elle — consternava-o a ideia de viver só, doente, sem affeições. Torturava-o tambem a instabilidade e a mobilisação constante da

sua vida. Em novembro de 1879, estando no Porto, onde viera passar uns tempos, hospede d'um amigo que então residia n'esta cidade, deliberou fixar-se de vez em Lisboa e tomar conta das duas orphãs. Esta vontade, apresentada á mãe, foi por ella acceite, como fortuna inesperada; e Gustavo Barbosa, em vista d'esse desejo, prescindiu da companhia da mais velha. Em janeiro de 1880 partiram de facto para Lisboa, a mãe com as duas meninas.

Durante dois annos residiu ahi com a sua familia adoptiva, como lhe chamava. Nas meiguices das creanças encontrava a suavidade e a ternura de sentimentos que tanto tinha apetecido. Feito verdadeiro pai de familias, como dizia ás pessoas da sua intimidade, acreditava ter emfim encontrado n'esta adopção a fixidez por que tanto suspirára.

D'esta época existe uma collecção de 28 sonetos, editada pelo snr. Joaquim d'Araujo, para ser distribuida como brinde aos assignantes da «Renascença», com o titulo — *Anthero de Quental, Sonetos*. Publicou tambem um folheto — *A poesia na actualidade, Estudo critico (a proposito da Lira Intima do snr. Joaquim d'Araujo)*.

No fim d'este tempo, se me não engano, pois me parece que a sua residencia em Lisboa d'esta vez não excedeu dois annos, mudou-se para Villa do Conde. Chamavam-n'o para alli tanto as condições particulares da localidade, assim como a proximidade do Porto, onde continuava a viver um dos amigos que mais estimava, e outros motivos a que dava talvez uma importancia demasiada.

A nova residencia não deixou, comtudo, de ser uma época fecunda para o seu espirito. Para prehencher uma lacuna da livraria portugueza ordenou o *Thesouro Poetico da Infancia*, collecção de poesias singelas, extrahidas de varios poetas e dos romanceiros, destinadas a desenvolver no espirito das creanças as tendencias poeticas, sem o perigo de lhes inocular ideias ou sentimentos, improprios d'essa idade. N'este genero póde dizer-se que está n'ella quanto a poesia portugueza podia dar.

Alli resolveu collecionar os seus sonetos, aos quaes dava a importancia que na verdade merecem. A este respeito escrevia:

«Tenho afiora o projecto de reunir todos os meus *Sonetos Completos* em volume que será prefaciado por O. Martins. Isto não é para já, mas só para quando, esgotada de todo a veia poetica, possa dar ao publico o cyclo completo ou fechado. Creio que afinal será tudo quanto de mim ficará, um cento ou cento e meio de sonetos n'um genero por mais d'um lado sem precedentes na litteratura portugueza, e até peninsular. Entretanto além d'algum novo que appareça, o que é já *rara avis*, vou-me entretendo em rever e tornar impeccaveis os antigos.»

Alli planeou a obra philosophica, da qual se publicou um como resumo na *Revista de Portugal* com o titulo *Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo* XIX, que contava terminar em S. Miguel.

Não poucas vezes comtudo tristes occorrencias vieram perturbar a paz da sua morada. O fallecimento da mãe das duas creanças, e outros acontecimentos igualmente maguados lançaram de quando em quando perturbações no seu viver.

Mas quem ha tam feliz que não tenha a defrontar-se com estas constantes contrariedades que estão sempre ameaçando os planos mais bem concebidos, as situações que parecem mais estaveis? Elle sabia-o por experiencia, melhor que ninguem. Soffrendo e luctando contra as emboscadas da fortuna, philosophando e discutindo, a sua vida passava-se nas mais elevadas regiões do pensamento, sem todavia deixar de prestar aos seus e aos extranhos os auxilios que podia dispensar-lhes.

D'alli, d'aquelle remanso d'estudo e discussões serenas, sahiu um dia, ha tres annos, para reapparecer outra vez na

arena poetica. A profunda impressão que fez o seu ingresso nas cousas publicas, a convicção geral que apparecia no forum um combatente cavalheiroso, a confiança illimitada que inspirava — todo este conjuncto constitue um phenomeno unico na historia contemporanea portugueza, quando todos os dias estavamos vendo entrar e sahir os personagens do scenario politico no meio da maior indifferença.

Sobretudo o povo applaudiu-o do fundo do coração, pois via sempre n'elle, com recto juizo, o raciocinador da justiça universal que virá remil-o um dia das iniquidades do presente. N'este ponto culminante, no idealismo do bem e do bello, na suprema aspiração pela liberdade, a igualdade e a fraternidade, encontravam-se e entendiam-se ambos: aquelle por intuição, o nosso philosopho pela deducção serena e calma dos seus principios.

Descido ao tumulo o magico idealista que o encantava, o povo sentiu, como se lhe tivessem partido as cordas mais sonoras da sua lira, como se tivesse extinguido a mais eloquente expressão dos seus sentimentos. Por isso ninguem, excepto algumas pessoas intimas, chorou mais sentidamente tamanha perda.

Esta funda mágua popular é a glorificação da sua vida intellectual e moral. Eu não conheço nada de mais superior que se possa tributar á memoria d'um homem que as sentidas sessões das sociedades operarias do Porto e Lisboa. Ajunte-se-lhes as manifestações espontaneas da população e Camara Municipal de Ponta Delgada, e teremos uma somma de testemunhos os mais expressivos. Acima d'elles, que representam por si sós o sentir da alma collectiva, não ha commemorações officiaes ou academicas que valham de qualquer cousa.

Se á paz do sepulchro onde repousa, podesse chegar a voz d'este sentimento popular, eu creio, sem nenhuma duvida, que veria n'elle a sancção moral de toda a sua vida.

N'esta sociedade em transicção, tudo passa e se esquece depressa: homens e instituições, o tufão da desordem arras-

ta-os em instantes para o sorvedouro insaciavel do esquecimento. Uma unica entidade resiste, firme e forte, n'este desbarato constante. Essa entidade é o povo, e quando elle pronuncia o seu juizo, está lavrada a sentença final.

Depois d'este ultimo testemunho, prestado á sua memoria, nenhuma outra manifestação se lhe póde comparar em grandeza e significação. Mas com certeza faltava uma: é esta — a que nós, seus amigos, vimos hoje tributar-lhe, depondo sobre a sua campa um ramo de saudades.

V

A PROPOSITO DO «ROMANCE MARITIMO» ENTRE NÓS

Ao espirito subtil de Garrett não passou desapercebida uma omissão singular das nossas musas populares; na introducção á xácara da *Nau Cathrineta*, discutindo a existencia ou não de trovas maritimas, escreveu a esse respeito as seguintes palavras que vale bem repetir:

> «Não cingrariam jámais com os nossos argo-
> «nautas senão os Homeros das grandes Odysseas?
> «Nunca nem pobre menestrel do povo que dissesse
> «na harpa ou na violla esses humildes cantares que
> «não cabem na tuba epica?...
> «E' impossivel...
> «Mas essas ingenuas rhapsodias quem as apa-
> «gou assim do livro popular?»

Estamos na verdade em face d'um facto historico de muito interesse: uma vez que Portugal, desde certo tempo, foi uma nação de grande expansão maritima, a sua litteratura popular devia abundar em cantares relativos ás navegações. Acontece todavia o contrario: exceptuando a *Nau Cathrineta*, e algum outro romance se existe, nada mais apparece na poesia popular. Sobre as gigantescas emprezas dos seculos xv e xvi é totalmente mudo o estro do povo.

A explicação que dá Garrett d'uma obliteração d'essas trovas hypotheticas, em consequencia da erudição posterior, seja-me licito dizel-o, não satisfaz; elle mesmo não se satisfez, formulando-a apenas como uma conjectura que o deixava em duvida.

E não póde ser realmente: A memoria popular é tenaz e persistente como são as plantas indigenas; tivesse havido

abundancia d'esses romances, ella os guardaria, como guardou todos os outros; e não seriam capazes de os apagar nem «monges» nem «litteratos de universidade e de côrte». Devemos antes ter a franqueza de confessar que nunca existiram.

Esta falta é eloquente na sua mudez; está a dizer-nos que as emprezas maritimas não calaram no fundo da alma popular: que ellas não partiram d'um movimento espontaneo da população, é bem sabido; assim como tambem que não poucas vezes a vontade geral se lhes manifestou adversa, em aberta opposição. Não tendo sido creação sua, concebe-se facilmente que o povo as não amasse, e por isso passaram deante das suas faculdades imaginativas como um espectaculo indifferente, sem fazerem a impressão intensa e penetrante, necessaria para elle as poder cantar, poetisando-as.

Se as navegações foram a affirmação exterior da nação, como dizem os historiadores, no interior as tradições antigas continuavam a ser a vida moral da nacionalidade: pois essas lembranças não as esqueciam nas longinquas plagas nem os espiritos superiores que podiam attingir a grandeza dos novos feitos e inspirar-se d'elles; temos um exemplo illustre em Camões, em cujo poema immortal o que ainda hoje mais nos encanta são as legendas, que nos vae lembrando, tam bellas e tam sentidas, d'esses tempos do passado, quando Portugal se criava a si mesmo uma patria pelo impulso da sua vontade propria.

Não admira portanto que os menestreis e trovadores populares, que cingravam nas esquadras e por força haviam de cingrar, em vez de comporem rhapsodias dos novos casos dos mil accidentes das expedições, matassem as saudades, cantando à violla as velhas xácaras e romances da sua terra.

Será por tudo isto que o parnaso popular não resôa um ecco vivo das glorias maritimas?

VI

LUIZ DE MAGALHÃES

D. SEBASTIÃO

COIMBRA: FRANÇA AMADO, EDITOR, 1898

N'esta lenda tão bella e tão poetica do moço rei-cavalleiro, cahido tragicamente n'um areal africano com a flôr da mocidade do seu reino, affirma-se bem o poder creador da imaginação popular. É certo, que é a unica da nossa historia; os outros dias de calamidade ou de festa, e as outras peripecias lancinantes, esqueceu-os a memoria do povo, assim como tambem esqueceu as glorias maritimas, das quaes inutilmente, já uma vez me referi a esta estranha singularidade, se procurarão trovas e cantares no romanceiro? mas se todas as grandezas se lhe varreram da lembrança, não aconteceu o mesmo com o dia, em que ellas baquearam; tão funda foi a impressão da catastrophe, que d'ella nasceu um sonho, a lenda que de seculo em seculo quasi chegou á actualidade.

Alcacer Kibir não é como o naufragio do navio em que vai embarcado um punhado de homens; n'esse navio sinistro embarcára-se o que havia de mais nobre, de mais forte e de mais esperançoso; era a mocidade, seguindo intrepidamente o seu rei mancebo, allucinado por um plano phantastico, mas nem por isso mesmo menos captivante, como tudo o que é extreme de interesses rasteiros; n'essa batalha decisiva jogava-se a sorte da patria; perdida, das lagrimas choradas pela nação inteira havia de nascer uma flôr piedosa, que servisse de corôa funeraria aos seus filhos, derrubados na terra inimiga.

Quem póde dizer quantos elementos entraram na formação da lenda? Talvez rebentasse espontanea no mesmo dia da batalha; no meio do immenso desalento, era possivel que restasse sempre uma longinqua esperança aos pobres expedicionarios, que a morte poupára para os lançar

aos odios e vinganças, que contra elles se erriçavam de todos os cantos. Ninguem reconheceu o cadaver do rei; — «o rei não morreu», disseram n'esse dia: — «não morreu, nem morrerá», repetiu depois a voz geral, porque não morre, por mais calamitosos que sejam os tempos, o sentimento do bem e do bello, a saudade d'um passado de coisas grandes e nobres, embora jámais possa voltar.

Este longo scismar d'um povo que sente a sua decadencia e espera a salvação só do sobrenatural — esta lenda de dôr é que vai servir de thema ás admiraveis estrophes do *D. Sebastião*. Não é um poema de risos e de amores; não canta a manhã côr de rosa que abre as portas a um dia de bemaventuranças: é antes uma afflictiva elegia — «Elegia da Patria», como o proprio poeta lhe chama no singelo e eloquente offerecimento á memoria de seu illustre pae, e na qual elle chora as lagrimas amargas do mais ardente patriotismo.

Muito antes do nascimento do heroe, já havia presentimentos d'um futuro caliginoso: o avô, D. João III, quebrára em Flandres, e para colonisar o Brazil abandonava as praças da Mauritania. O imperio abalava-se; por toda a parte ouviam-se os sons confusos que precedem as grandes tempestades. O governo cahira nas mãos debeis d'uma regencia. Quem salvaria Portugal d'um desbarato geral e da ambição de Castella? A tal extremo chegára o quebrantamento das forças nacionaes, que só restava uma esperança unica — o nascimento d'um principe, capaz de governar e calar as ambições. Pelo reino viam-se prodigios e agoiros funestos: e na mesma noite em que nasceu o herdeiro do throno, a população da capital desvairada corria pelas ruas em rezas e procissões.

É com esses terrores indeterminados, sobresaltos, que o poema se abre magistralmente; — portico monumental, por onde o leitor entra, cheio de assombro, para assistir á *Vigilia de armas*, intenso lyrismo da ardente fé mystica do cavalleiro, e depois á pathetica e tragica descripção da ba-

talha fatal — descripção que ha de ficar na litteratura portugueza como um modêlo de alta eloquencia poetica.

Termina aqui a historia, e immediatamente começa o mundo da phantasia.

O rei sobrevive, e fica encantado, até que ha de voltar um dia, n'uma manhã de nevoeiro. Mas quem é o *Encoberto?* é o heroe vencido que tem de fazer penitencia, emquanto os destinos o não deixam vir? ou o pensamento popular tomando o *Capitão de Christo* por symbolo, via encantada a velha alma portugueza, sem poder desforçar-se do estrangeiro dominante, ou dos incapazes, os verdadeiros e incontritos peccadores desde então, ao leme da pobre nau avariada, quando esta mais que nunca pedia braços firmes e exercidos, para dirigil-a?

O poeta não hesitou, nem tinha que hesitar. O symbolismo era bem transparente: quebrado o encanto, patenteava-se á vista, illuminado a jorros de luz, o triste quadro da vida mesquinha, que arrastava a pobre nação, a quem faltavam os fortes combatentes, e habeis pilotos dos tempos passados; e se porventura apparecia um d'esses, a insania tirava-o do seu posto.

Na lenda o heroe não visita Portugal, nem precisa; no poema pelo contrario a sua vinda constitue o episodio que mais caracterisa a alta concepção do auctor: é a *Penitencia* com os seus dez cantos do mais fervoroso patriotismo. O peregrino volta sim, mas só depois da *Transfiguração*, onde o estro sobe n'um vôo sublimado á poesia transcendental.

O regresso foi a mais dura provação que lhe podia ser imposta; pois vê então — o opprobrio e a baixeza em cima, o desfallecimento em baixo; as forças da nação desfeitas, a sua intima cohesão desconjuntada; por toda a parte a ruina; e o sentimento de altivez desapparecido. Era este o Portugal das navegações e conquistas? Onde estava aquelle poder que o fazia respeitado e temido? Eis porque, juntan-

do-se a tristeza e a saudade á ironia acerba, a elegia se transforma em Nemesis vingadora.

Terminada a provação, o heroe embarca na galé da Apotheose para a *Ilha Encoberta:* ahi, n'este Elysio, permanecerá até soar a hora da redempção, até que o velho espirito portuguez resurja do seu captiveiro de miserias. Estão ahi as grandes glorias da nação, e cada uma d'ellas diz em versos esculpturaes os feitos que depoz aos pés da sua amada ideal. É a terceira parte, o epilogo do poema, d'onde na derradeira falla o rei, em resposta á supplica de Camões para lhes contar o que fôra feito dos trabalhos de todos, se escapa o ultimo gemido da patria por entre uma esperança redemptora. Quantos tristes e desalentados com a escuridão do presente, se não voltam hoje, como outros se voltaram hontem, para essa ilha magica, a ilha encoberta da Historia?

A execução da segunda parte, tal como a concebera o auctor, tinha o grande perigo de cahir no exaggero, na declamação vaga e emphatica. D'este escolho facilmente o salvou o seu rico filão poetico, e o seu inexcedivel tacto artistico. O quadro da decomposição nacional que se desenrola aos olhos do *Penitente* é medonho, mas simples: e é esta simplicidade que lhe dá a maior força de impressão; o incesto real, o castello desmantelado, a espada abandonada, o cavallo de guerra deitado á margem, a nau varada na praia, a orgia das monjas, a opera ao divino, e a ultima armada — são outros tantos emblemas da decomposição moral e da sociedade; n'elles estão representados caracteristicamente o desconjuntamento do exercito e da marinha, a relaxação dos costumes, a velha fé ingenua tornada em representações theatraes, e se não bastasse este esphacelamento social — o terremoto, a convulsão das forças da natureza vinha ajudar á destruição, rematada pela fugida da familia real, que deixava a pobre nação entregue ao estrangeiro, e a breve tempo ia transformar, exemplo unico na historia, a metropole em colonia. Este quadro é delineado

e executado com a firmeza de traços dos grandes mestres: e para ficar em todo o relevo, antecede-o a mais encantadora bucolica, respirando o ar fresco, a doçura e a paz da vida rural, descripção deliciosamente meiga, terminada pelo romance da lenda sebastianista, que um pobre sapateiro, o homem do povo, recíta aos *Crentes* do villagem — romance que o auctor póde considerar da sua propria lavra, pois d'ella resultou a unidade e o tom da composição.

O desfazer do que havia de mais forte e mais nobre na vida portugueza provoca a cada passo os gemidos e o desespero do patriota: mas como este é ao mesmo tempo um poeta eximio, a sua dôr precisa de se exprimir em rythmos e cadencias: d'essa alta faculdade artistica nasceu a belleza incomparavel da fórma: só por muito rara excepção se encontrará um ou outro verso, que nos não deixe no ouvido toda a harmonia que a lingua podia dar: e á medida que os incidentes se vão succedendo, a metrificação muda tambem, adequando-se admiravelmente a cada um, de modo a dar ao pensamento toda a expressão poetica, a suprema expressão da linguagem fallada. Se uma ou outra vez o colorido parecer intensamente carregado, essa intensidade provém da rica natureza do auctor, do seu temperamento multiplo e variado, em que a abundancia trasborda por todos os lados — abundancia cheia de promessas e de esperanças. Na época mais fecunda da vida, quando o espirito está formado, quantas bellas obras, como a presente, não imaginarão as suas faculdades creadoras!

De todas as maneiras, como podia ser concebido o assumpto, a que mais se ajustava ao modo de ser d'elle, foi a preferida com grande perspicacia artistica, pois viu no Sebastianismo o que sempre fôra, um sonho que durou quasi tres seculos. Os crentes adoravam, talvez inconscientemente, a alma do passado, a vida antiga, mystica, simples e forte. Durante um extenso periodo, preoccupado só com as emprezas maritimas, e fóra da corrente das ideias pela sua situação no extremo occidente da Europa, Portugal isolou-se

do movimento intellectual da renascença; d'ella mal chegou cá um tenue bruxulear. O que continuava a ser a espiritualidade do povo era ainda o velho ideal de outros tempos, encarnado no heroe que melhor o representava: por isso a nação não comprehendia o movimento que determinou a vida moderna; d'ahi a decomposição e a decadencia: d'ahi nas almas sensiveis as saudades do passado e a aspiração para um futuro vago, indeciso e chimerico — a manhã de nevoa das prophecias.

Esta triste e grandiosa elegia, longo tempo a meditou a musa inspirada do poeta: mas emfim, um dia o livro escapou-lhe das mãos, como se elle soltasse uma ave, que vai agora voando pelo mundo além e cantando o que tinha no coração.

Maio — 1898.

VII

JOÃO DA MOTTA PREGO

GUIA PRATICO PARA O EMPREGO DOS ADUBOS EM PORTUGAL

Ha annos já que o illustre auctor d'este livro se occupa d'uma questão fundamental para a agricultura portugueza — a applicação dos adubos chimicos, quer sós quer juntamente com os estrumes de quinta, de fórma a manter-se nas terras cultivadas a maxima fertilidade com a minima despeza. Chimico e lavrador, passando do laboratorio ao campo, verificou na pratica os dados theoricos: passo a passo as suas experiencias coroaram-se de resultados brilhantes, que o publico conhecia em parte, fragmentariamente, pela imprensa diaria, até que tendo concluido a série dos seus trabalhos, reuniu em volume, refundindo-os, os artigos destacados: d'elles resultou a obra de raro valor, que circula hoje sob aquelle titulo, tão modesto quanto expressivo.

Explicar a lavradores, privados em geral dos conhecimentos technicos da sua profissão, que substancias exige o nutrimento dos vegetaes, quaes d'ellas se hão-de empregar, segundo queremos desenvolver os fructos ou as hastes, ou ambos, em que dóses devem ser administrados, para a vegetação ser perfeita, sem padecer de falta ou de excesso — é isto sem duvida tão difficil que só poderá ser realisado por quem possuir o invejavel talento de reduzir um assumpto complicado aos termos mais simples e expôl-o em linguagem singela, correcta e clara: esta capacidade possue-a o auctor em grau elevado, pois fez uma obra didatica completa; n'ella o lavrador menos instruido aprenderá quanto precisa de saber n'este momentoso objecto, que é a base de toda a riqueza agricola; e assim preencheu a grave lacuna que havia na livraria portugueza, na qual faltava um livro, n'esta especialidade, de conhecimentos sólidos e ao mesmo tempo accessivel a qualquer intelligencia.

O grande successo que tem tido o *Guia Pratico* falla bem alto tanto a favor da sua perfeita execução, como da necessidade que veio satisfazer. Na economia nacional o *deficit* dos cereaes é um sorvedouro, por onde todos os annos se escoam muitos mil contos que a nação tem de exportar, para não morrer de fome: no dia em que esta enorme guela se fechar, ter-se-ha conseguido vencer um dos grandes agentes do desequilibrio da balança commercial. Por isso, agora quando sob o influxo do proteccionismo se creou uma industria fabril que satisfaz a todas as necessidades ou ás mais urgentes da vida civilisada, para completar a restauração economica do paiz é urgente que a producção cerealifera augmente até abundar o consumo, o que se ha-de conseguir applicando á agricultura o mesmo regimen proteccionista que se deu ao trabalho fabril: elevando, pela protecção, os preços dos productos agricolas ao nivel dos outros, então a lavoira completará por sua parte a obra patriotica, em que na actualidade parece tam vivamente empenhada toda a população; mas se a obrigarem a vender os seus generos baratos e a comprar caros os artefactos, ella ficará arruinada, e da sua ruina resultará abrir-se cada vez mais a guela, de que acima fallei. Pão barato e manufacturas nacionaes caras, é sobrecarregar os lavradores com o sustento dos operarios fabris — encargo que pertence, como é obvio, unicamente aos patrões industriaes.

*

Se até hoje os proprietarios ruraes se téem interessado de preferencia pelo vinho e pelos lacticinios, é porque estes davam mais dinheiro: a subida dos preços porém dos cereaes nos ultimos dois annos chamou rapidamente para elles a attenção dos productores. Não ha propaganda que valha uma cotação elevada: os preços sobem e mantéem-se em alta, o producto começa logo a multiplicar-se em grande

escala. Mas os cereaes para serem remuneradores não são d'uma cultura tam facil como parece á primeira vista. E' certo que desde a antiguidade o pão é um genero alimenticio commum: todavia produziu-se sempre só, onde as condições economicas o tem permittido: e estas hoje entre nós são taes que além dos preços elevados é indispensavel ainda, que as espigas se accumulem aos montões sobre a terra núa da seára ceifada, para o lavrador poder satisfazer os encargos que pesam sobre elle e comprar as coisas de que precisa. A arte, que Ceres ensinou, já não é bastante: precisamos de descer tanto quanto possivel ao fundo das coisas, perscrutar os segredos da natureza e vêr que condições, que substancias são necessarias para se ter sempre uma producção farta; os adubos e estrumes por um lado, a selecção das sementes por outro, eis os dois pontos cardinaes na resolução do problema. As terras esgotadas voltam á fertilidade pelo primeiro meio, as raças exhaustas restauram-se com o segundo.

D'esses dois termos fundamentaes, o *Guia Pratico* occupa-se só das materias fertilisantes, e tão magistralmente se houve que, sendo um livro destinado ao povo, o favor popular já sanccionou o seu merecimento. Por isso estas linhas não são um reclamo, nem um annuncio: o livro não precisa nem de um nem de outro. Apesar, porém, da sua larga circulação e de ser altamente apreciado, não será superfluo fazer notar que raras vezes se encontrará uma exposição como esta, que reuna a lucidez á brevidade, qualidade que dá um realce superior ao livro, pois os homens a que se destina não têm vagares litterarios, e por este motivo elle deve ser, como é, um mestre sem rhetorica. Pondo de lado quanto é inutil, apontando os factos e relacionando-os, vai sempre em todas as secções direitamente ao seu fim — ás formulas praticas, sem deixar comtudo de dar as explicações precisas para se comprehenderem os phenomenos que constituem a área das suas investigações, pois o lavrador, se não póde ser chimico, deve em todo o caso entender o que faz e a razão por quê.

Chegando assim á perfeição didatica, o auctor conseguiu fazer n'um volumezinho de duzentas paginas em 8.°-pequeno uma lucida exposição, indicando todas as materias fertilisantes, o effeito de cada uma no nutrimento das plantas, e as dóses em que devem ser administradas, segundo o estado em que se encontra a terra: e com a sua leitura ficamos conhecendo onde havemos ir buscar essas substancias fóra do casal, e dentro d'elle como havemos de aproveitar as que temos á mão, de modo a enchermos o celleiro e a adega com a menor despeza possivel, sempre muito inferior, e não raras vezes insignificante em relação ao ganho obtido.

*

A publicação d'esta obra e a sua rapida circulação não será um signal caracteristico do tempo? Se a decadencia da vida nacional é desgraçadamente cada vez mais accentuada, na vida do povo tem-se manifestado intensa energia, nos ultimos sete annos, com a creação de uma industria fabril quasi completa; e no trabalho agricola não estará tambem a despontar uma renovação dos seus antigos processos? A venda d'este livro e as grandes encommendas aos fornecedores de adubos chimicos são uma esperança bem fundada.

Se os lavradores puderem produzir os cereaes necessarios ao consumo e com certeza o farão, conferindo-lhes o Estado a mesma protecção dada aos industriaes, para a nação adquirir a sua autonomia economica, base da prosperidade publica, restar-lhe-ha resolver outra questão de ordem muito diversa, e que não vem para aqui, porque aqui só nos occupamos do *Guia Pratico*, que nos ensina como havemos de restaurar a nossa agricultura depauperada, e transformar as terras esgotadas em campos ferteis: — obra immensa, não de poucos homens, mas de um povo, para a qual comtudo não terá dado pequena contribuição este livro tão despretencioso, como cheio de saber e talento.

Sejam pois as linhas que precedem uma singela saudação, que esta *Revista* endereça ao seu antigo e illustre collaborador.

VIII

F. MARTINS SARMENTO

9 de Março de 1833 — 9 de Agosto de 1899

Ha quanto tempo nos conheciamos!? A minha primeira recordação retrotrae-se aos quatorze ou quinze annos (1854-1855). D'uma vez, meu tio Gaspar ia visital-o e levou-me comsigo. Recebeu-nos no quarto de dormir, assentado na cama, com uma mesinha diante de si, entre montões de livros. Em plena florescencia da mocidade, parte do dia, passava-o ali, a lêr e escrever; rico, de distincta posição social, e cheio de talento, tornara-se legendario, por essa excentricidade, n'uma terra, em que quasi ninguem se entretinha com leituras.

Não sei o que disseram: impressionado pela sua physionomia insinuante, tam expressiva e diversa da que lhe conhecemos nos ultimos tempos, lembra-me apenas ter-nos mostrado uma faca de marfim de cortar papel e uma cadeira á Voltaire, acquisições recentes e conservadas ambas, se me não engano, até ao fim da vida.

Fallamos pela derradeira vez em 27 de maio de 1899, quando lhe dei o abraço de despedida, na vespera de partir para Briteiros, onde foi convalescer da penultima doença. Conversamos a respeito do *Moçambique* de Mousinho d'Albuquerque, que lera em poucos dias com a sofreguidão d'um espirito moço: duas ou tres semanas depois regressou a Guimarães, ferido pela molestia que o levou á sepultura.

Entre as duas datas decorre longo periodo, e n'este ha um intervallo, durante o qual raras vezes nos encontramos. Eu vinha a Guimarães de fugida; e elle, a não ser no verão, quasi nunca sahia. Só mais tarde, quando vim viver n'esta cidade com demora, é que se estreitaram as nossas relações.

D'um esboço biographico, [1] escripto por meu irmão, que sobreviveu apenas cinco semanas ao biographado,

---

[1] «Revista de Guimarães», vol. I, n.º 1:—Os Nossos Socios Honorarios, Francisco Martins de Gouveia Moraes Sarmento, por J. Sampaio.

transcrevo as seguintes datas. Nascido em Guimarães em 9 de março de 1833, terminou o curso da Faculdade de Direito em 1853.

Concluida a carreira d'estudante, veiu para a terra da sua naturalidade, e aqui depois permaneceu sempre com curtas ausencias.

Em 1855, epoca aproximada do nosso primeiro encontro, publicou um volume de versos, sob o titulo de *Poesias*.

Romantico exaltado, estreára-se por essa litteratura, que era o enlevo dos seus contemporaneos d'então. O livro, hoje muito raro, deu que fallar, não tanto pelo merecimento, me parece, mas sobretudo porque originou discussões acerbas, terminadas d'uma maneira violenta.

Conheceria faltar-lhe o filão poetico? Talvez. Por este ou outro motivo, retirou-o da circulação. Elle mesmo o julgava inferior por ser escripto á pressa; segundo contava, ia fazendo as poesias á medida que eram precisas para preencher o volume.

Encerrado o cyclo poetico, voltou-se para assumptos litterarios e sociologicos nas gazetas locaes, desde 1856 até perto de 1874.

N'estes dezoito annos, atravez de leituras as mais variadas, adquiriu a grande massa de conhecimentos que lhe deram a largueza de vista, caracteristica das suas concepções; e que lera os melhores auctores testemunhava-o a sua bibliotheca e pode certifical-o o signatario d'estas linhas, porque catalogou esses livros, lidos meditadamente como mostram as marcas marginaes, para a Sociedade Martins Sarmento, quando após a fundação lhe fez donativo d'elles, reservando só os relativos ás investigações em que se concentrára; esses deixou-lh'os no testamento.

Em 1874 principia a nova era da sua existencia espiritual, que sem duvida já se vinha preparando de longe, transformando-se o poeta, litterato e jornalista no archeologo e historiador, no sabio illustre, cuja morte nós hoje deploramos. De 1874 a 1899 decorre um quarto de seculo,

durante o qual toda a energia intellectual se lhe particularisa e se absorve por completo em questões prehistoricas. N'este terceiro periodo distinguem-se cinco datas culminantes; — em 1874 enceta as excavações da Citania de Briteiros; — em 1876 o Marquez de Sousa Holstein dá conhecimento d'ellas á Academia Real das Sciencias e no mesmo anno realisa-se o congresso de Antiquarios portuguezes em Briteiros; — em 1877 inicia as explorações de Sabroso; — em 1880 tem logar a visita dos anthropologistas estrangeiros que vieram ao congresso de Lisboa; — em 1882 funda-se a Sociedade Martins Sarmento.

As publicações constam da bibliographia que vae seguir-se.

Quem póde dizer, como se disposeram as circumstancias, que nos lançaram por esta ou aquella vereda da vida? Felizes os que nunca vacillaram! Mas os casos fortuitos são os decisivos para o maior numero.

Um dia, sem sabermos bem por quê, vemo-nos impellidos por uma corrente que determina o nosso percurso. Seria a fascinação do desconhecido que o especialisou, segundo a hypothese já posta por meu irmão, — a attracção d'essa cidade morta, sepultada no monte fronteiro á sua casa avoenga de Briteiros? ou as suas leituras perderam gradualmente a generalidade, até se centralisarem na decifração d'esse enigma torturante, e d'ahi no problema complicado das raças que nos tempos pre e protohistoricos habitaram as regiões occidentaes da peninsula?

Engana-se quem suppõe que F. Martins Sarmento fôra desde a primeira adolescencia um benedictino, curvado sobre os in-folios, esquecendo-se de si e extranho ao mundo, consumido em interpretações escabrosas. Rapaz elegante, sobejaram-lhe encantos e seducções; homem de sociedade aprehendera n'ella maneiras captivantes; e do sport, porque tambem fôra caçador, ficara-lhe a robustez que lhe per-

mittiu percorrer a pé grandes tractos da provincia em reconhecimentos archeologicos.

Vivendo em toda a liberdade da intelligencia, sem preconceitos d'escola, com vasta e larga instrucção para tomar um rumo sem necessidade de guia — era homem feito, quando a picareta lhe poz nas mãos os primeiros restos d'esse povo esquecido que as legiões de Augusto subjugaram.

Espirito recto, não perdoava a ninguem o menor desvio; dir-se-hia antes um mathematico acostumado a demonstrações exactas, que um historiador, diante da vista do qual se desenrollam constantemente as curvas e contracurvas da marcha indecisa dos povos. Esta rectidão que dava uma certa duzera ao seu caracter, obrigava-o a verificar com a mais escrupulosa attenção os factos, sobre os quaes apoiava as suas opiniões.

E que immensidade d'elles não passou pela fieira da sua critica rigorosa e d'amplos vôos? Escriptos d'auctores antigos e modernos, linguas, tradições, legendas, estilhaços de ceramica, themas ou raizes de palavras, inscripções obscuras meio delidas, ornamentações enigmaticas em pedras mutiladas ... submettia tudo a um exame meticuloso.

Alto, magro, de cabellos pretos retintos, a tez morena, o passo apressado, destacava-se em qualquer grupo á primeira vista. Physiologicamente um nervoso, fallando por meias palavras, rapido e breve no discurso, como um homem que não póde desperdiçar o tempo, ás vezes custava a perceber. A sua conversação usual tocando aqui e alli a fugir, entrecortada de ditos alegres ou picantes, se carecia d'attracção enlevadora, trasbordava de typica graça portugueza.

Sempre de bom humor, aturando com paciencia as maiores impertinencias, excitava-se comtudo, se contrariado no que se lhe figurava razão. Obsequioso até ao ex-

tremo, e dotado de franca generosidade, a sua preciosa bibliotheca e os seus conselhos mais preciosos ainda, estavam á disposição de quem os desejava; e não duvidava interromper os proprios trabalhos para responder com fundamento a uma consulta. Deliciando-se em descortinar estudiosos e auxilial-os, quando se viu impedido d'andar por montes e valles, não lhes escassearam descobridores de monumentos antigos.

Da sua habitação espaçosa, mobilada com riqueza, escolhera para si um aposento do segundo andar, d'uma verdadeira simplicidade nacional; as paredes nuas, mobilia meia de quarto de dormir, meia d'escriptorio, duas ou tres mesas e cadeiras pejadas de livros que vinham e iam da bibliotheca, sem um unico enfeite, apenas nos ultimos annos com o conforto d'uma pequena estufa no tempo mais frio — parecia um quartel d'estudante. Ali trabalhava, recebia as pessoas d'intimidade e passava a vida de portas a dentro, excepto se visitas de ceremonia o forçavam a descer á parte luxuosa da casa.

Os objectos d'arte, de que aliás era avido, sobretudo por patriotismo para não sahirem da terra, serviam-lhe somente d'estudo; nem no seu espirito, sem decidida predisposição artistica, despertavam sentimentos estheticos; depois de vistos e revistos em todos os detalhes, determinada a epoca da fabricação e as inducções que podiam sugerir, punha-os de lado ou mandava-os para o museu.

Do mesmo modo, nos velhos costumes, despresando o pittoresco, via n'elles as condições sociaes que os produziram; e se algum se obliterava, contristava-se, como se perdesse um documento importante.

Homens distinctos e vulgares, especialistas superiores ou simples amadores d'archeologia e folklore, recebia-os com urbanidade e agrado. Raro seria o forasteiro qualificado que viesse a Guimarães e o não procurasse. Estas relações litterarias porém não eram unicas exclusivas; longe de ser um mundano, ninguem se admirava de o encontrar

n'uma soirée, e em certas occasiões abria as portas do seu salão de baile. Ha poucos annos, era assiduo todas as noites n'um club, d'estes que são vulgares na provincia. A falta de saude é que o obrigou a reduzir-se a passeios á tarde nas estradas circumjacentes á cidade.

Tirante as horas de convivencia, aliás curtas, o resto do tempo levava-lh'o o estudo, continuando até á penultima doença com a intensidade do vigor da vida.

O mesmo verão, que passava habitualmente no campo ou em praias, aproveitava-o em pesquizas de velharias, segundo o seu termo favorito.

Tomando o mundo a sério — nunca no seu espirito penetrou o desdem transcendental, não lhe desagradavam as manifestações de consideração, posto que as não solicitasse; e se o atacavam, resurgia logo o polemista.

Não obstante o convivio com livros estrangeiros, psychicamente portuguez, adorava a sua patria, trago caracteristico, não vulgar nos contemporaneos d'alta cultura intellectual.

A politica nacional merecia-lhe o mais vivo interesse, e jámais desesperou do futuro. Um movimento progressivo da nação enchia-o de contentamento; qualquer facto indicativo de decadencia consternava-o. Liberal convicto, acreditava no systema representativo e admirava-se que o não exercessem com sinceridade. A contradicção da theoria pela realidade, ainda repetida, não era motivo que o impedisse de continuar a viver d'illusões.

Placido e tranquillo d'ordinario, irritavam-n'o, quasi o enfureciam as injustiças, qualquer que fôsse a origem ou a victima.

Foi assim que em 1870 censurou asperamente nos periodicos da localidade o procedimento iniquo do coronel de Caçadores 7 a proposito d'um pobre homem, não hesitando em levantar a guerra contra o prepotente, apesar da ira dos soldados e o perigo que o ameaçava. Assim tambem em 1872 tomou o logar proeminente no conflicto com o juiz

Secco, em desaggravo á justica ultrajada; e por este motivo poz-se á frente da agitação de 28 de novembro, quando os procuradores de Guimarães á Junta Geral do Districto foram apedrejados em Braga.

Mas de todas as suas obras de cidadão, a mais bella e a mais ignorada, é a creação da Associação dos Lavradores, morta no mesmo dia em que, approvados os estatutos pelo governador civil, reuniu os homens mais importantes da cidade, para se inscreverem e formarem os corpos gerentes.

Especie de sociedade de soccorros mutuos rural, propunha-se unir os lavradores do concelho, fazendo d'essa massa anonyma de pequenos cultivadores e proprietarios, sem força nem representação, um gremio possante que defendesse com facilidade os associados contra quem quer que os prejudicasse. Os politicos que occultaram um «não» claro por deferencia do fundador, deixaram-n'a morrer de boa vontade.

Depois fallava a miudo na sua pobre associação, fenecida pelo desamparo dos poderosos.

Simples particular, não tendo tido nunca nenhuma posição official, e vivendo absorvido em cogitações que o publico não comprehendia, era comtudo a figura mais popular e sympathica de Guimarães.

Apparecesse alguma coisa de suprema importancia local, a attenção de todos voltava-se para elle, e a sua casa tornava-se o centro de conferencias e resoluções.

Este amor e respeito, manifestados eloquentemente no seu funeral, não são explicaveis, senão pelo prestigio d'um caracter nobre.

Sem interesses partidarios, nem d'arranjos particulares, cortando a direito, a populaço cria cegamente n'elle e não se enganava. Que importava que os seus livros lhe fossem incomprehensiveis — quantos leitores teria alli dos mesmos homens chamados illustrados? Que importava que lhe não fôsse attingivel o valor de palavras abstrusas esculpidas n'um pedregulho, ha centenas d'annos, se acima d'essas preoccu-

pações estava o homem de bem! Embora avultassem as altas qualidades moraes, as suas descobertas não deixariam de exercer sobre o povo uma certa magia, e representar-lh'o-hiam á imaginação, como um magico desencantador de civilisações mortas.

A Sociedade Martins Sarmento, que para os fundadores e gente de Guimarães representava o testemunho de veneração mais adequado a um homem de lettras, para elle teve outra significação. Claramente, desde o principio viu n'ella a continuadora da sua obra, e talvez por este motivo consentisse na denominação que lhe deram; e por isso tambem, é de crer, foi-a fazendo durante a vida depositaria de parte das suas preciosidades.

As questões com que se defrontára nos ultimos vinte e cinco annos figuraram-se-lhe, com certeza, vastas de mais para serem esgotadas por um homem.

Das innumeras Citanias, que coroam os pincaros das montanhas do norte, apenas duas principiadas a explorar, e só das janellas do aposento preferido — dizia elle via seis! Que riquezas debaixo dos escombros? Quando esses thesoiros vierem a lume que surprezas? Mas quantas gerações serão precisas, para se reunirem n'um museu os restos que assignalam a vida social dos nossos antepassados?

Os homens passam, as entidades collectivas ficam; naturalmente esta ponderação aconselhou-o a escolher para legatarios dos seus instrumentos de trabalho, a Camara Municipal de Guimarães na propriedade, e na administração a Sociedade que usára sempre honradamente do seu appellido, fornecendo-lhe os meios, que a sua fortuna permittia.

A Sociedade possuidora hoje de collecções d'estudo de primeira ordem, museu e livraria excepcional, não deve desmentir as esperanças do testador.

Regressado de Briteiros em 19 de junho de 1889, quasi sahiu da carruagem para a cama. Cortado de dôres que o immobilisavam n'uma unica posição, sem palavras de lamen-

tação ou d'amargura, viu a doença augmentar dia a dia, com a impossibilidade estoica dos fortes, até que em 9 d'agosto succumbiu á hora e meia da tarde. Mas pouco antes, quando a morte se debruçava sobre a fronte a dar-lhe o beijo da eterna paz, estendendo o braço emmagrecido sobre a dobra do lençol, e dispondo a mão, como se tivesse uma penna, fazia o geito d'escrever, de quem escrevia freneticamente. Que pensamentos, que tanto quiz e não pôde exprimir, lhe revolveriam o cerebro agonisante?

E assim acabou, agitado n'um turbilhão d'ideias, sem conhecer a velhice intellectual, quem passára um quarto de seculo a procurar raios de luz, que illuminassem as trevas do passado.

Janeiro, 1900.

IX

ADOLF SCHULTEN

NUMANTIA

Eine topographisch-historische Untersuchung
Berlin. Weidmannsche. Buchhandlung, 1905.

Impressionado pela clara descripção topografica que de Numancia e do bloqueio de Scipião se lê em Apiano, e convencido que provinha d'um observador emerito, o qual não podia ser senão Polibio, o Sr. A. Schulten veio á Hespanha no outomno de 1902 identifical-a no proprio sitio. D'este primeiro exame resultou a bella e erudita memoria, publicada no anno passado em Berlim com o titulo e sub-titulo acima mencionados, e que interessará sobremodo aos leitores d'esta revista, pois tem o mesmo objecto dos estudos privativos d'ella.

No seu trabalho, condensado em 108 paginas in-4.°, o sabio professor da Universidade de Göttingen tratou o assumpto com tal proficiencia que conseguiu uma completa restauração da topographia da mais famosa das citanias ibericas e do bloqueio que a estrangulou, não deixando nunca no esquecimento as questões concessas, elucidativas do thema principal. Sem a determinação topographica, essencial ao conhecimento de todas as operações militares, não se póde comprehender a campanha de Scipião, que pela sua importancia tanto para a Hispania como para Roma, é digna de ser tratada por um largo espirito contemporaneo, como o fôra na antiguidade pelo maior dos seus historiadores. Não raras vezes tambem a eloquencia realça a exposição, tornando a monographia tam attractiva que nos encanta desde a primeira até á ultima lauda.

Além da introducção, contem a obra do eminente professor tres secções. Aquella occupa-se da bibliographia hespanhola relativa a Numancia: começando com Gines de Sepúlveda, o primeiro antiquario peninsular que marcou com segurança o esquecido glorioso montículo, termina com

o Sr. D. Eduardo Saavedra, metendo-se de permeio Morales, Moret, Mendez e Loperráez. Apesar de pouco, isso e sobretudo os trabalhos e plantas do distinctissimo engenheiro Saavedra prestaram ao auctor valioso auxilio.

Na secção I é investigada a topographia de Numáncia, na II a do bloqueio, e a III contém um exame comparativo de diversos escriptores antigos — confronto do maior interesse por nos mostrar as fontes das noticias transmittidas pelos differentes historiadores. Não sendo possivel relatar por extenso a analyse da ultima secção nem os detalhes critico-historicos ou mesmo os topographicos das outras n'esta simples apresentação do livro, não excederá comtudo o quadro d'ella uma exposição, a traços rapidos, da situação, estado e fortificações de Numáncia, assim como das linhas bloqueantes — exposição que vai ser calcada sobre a narrativa do auctor, e por isso serão dispensadas citações.

Ao sul do Idubeda, montanha divisoria das aguas do Ebro e Douro, n'um monticulo que pertence ao seu desenvolvimento orographico, ficava Numáncia, a capital da raça guerreira dos Arevacos. Ultima das citánias celtibericas voltava-se para o lado da Galliza, e por ter estado nos confins d'esta, d'ahi nasceu porventura a phrase de Orósio, por muito tempo mal entendida — «in capite Gallaeciae». Occupando a mais importante posição estrategica entre o valle do Ebro e o planalto castelhano era «a acrópole dos Celtiberos», e tambem o ponto de convergencia das estradas commerciaes antigas, como na actualidade é Sória: por isso, apesar de revezes successivos durante dez annos de ataques e assaltos infructiferos, não desistiram os romanos de a destruir.

O monticulo numantico de fórma oval, cujo grande eixo se inclina do norte para o sul na extensão de 1:550 m. por 775 de largo, demora n'uma alta região serrana, pois está 1:000 m. sobre o nivel do mar o leito do Douro que lhe corre ao sopé pelo poente, e a planura onde existiu a cidade

é sobranceira ao alveo do rio 65 a 70 m.: além do Douro, que pouco acima recebe o Tera, banha-o pelo sul o Merdancho que desemboca n'aquelle. Os lados mais accessiveis, já pela doçura das rampas, já pela falta de protecção das correntes fluviaes, são o norte e o nascente.

O assento da cidade propriamente dita no sitio mais elevado da colina, cercado por uma muralha de 1:250 m. com a espessura de 10 na maior parte, comprehendia 9,8 hec., segundo a medição feita pelo auctor com o planimetro; era a unica parte provida de casas, nas quaes punham a salvo as mulheres e creanças, occupando os guerreiros as outras linhas de fortificações que se seguiam — duas ordens de muralhas que podiam ter cingido todo o outeiro, acrescendo ainda uma mais curta, com probabilidade limitada á vertente occidental: d'essas duas, a immediata á primeira, acima já medida, tinha 1:400 m. de extensão com a espessura de 10 a 15, e a terceira 1:650 m. por cerca de 15, ambas de construcção menos perfeita que a superior: a altura presumivel de todas seria de 6 m., talvez ainda com um parapeito. Fortificações concentricas, multiplicando a defeza, pois tinham de ser successivamente escaladas umas após outras, eram proprias não só dos iberos, mas de todos os povos primitivos: e como consistiam em muros de pedra encostados a enchimentos de terra *(aggeres)*, quando foram desmoronadas, esta, cobrindo os pedregulhos, produziu as doces ondulações circulares, que o auctor divisou vindo de Sória, como nós aqui as vêmos de longe nos nossos castros não explorados.

No fundo das fortificações mencionadas, possuia Numáncia mais uma obra-exterior, um muro de 4:400 m. (24 estádios) de circuíto, ante-paro defensivo das outras; impedindo a aproximação do inimigo, formava tambem um espaço apropriado para a guarda do gado, e para alojar os individuos do mesmo povo, combatentes ou não que viviam dispersos, e no caso de guerra se recolhiam á sua acrópole, facto caracteristico das populações ibericas; a mesma ap-

plicação tinham os intervallos entre a primeira e a terceira muralha. Guarneciam as altas e grossas couraças de pedraria 8:00 homens, que a tanto montavam os defensores de Numância, numero que comprehende não só os da cidade, como os que habitavam fóra e correram a soccorrel-a. Com esta formidavel fortaleza, munida de gente resoluta a tudo, pois tinha o sentimento claro que se jogava então o destino da patria, vinha defrontar-se o glorioso commandante inimigo.

A secção II contém uma sabia exposição da «circumvallatio» lançada em volta do monticulo pelo general romano, que repetiu aqui o bloqueio de Carthago: se não foi a falta de confiança no seu exercito, apesar da enorme superioridade numerica, foram sobretudo os fortes baluartes que o resolveram, em vez da tomada por assalto, a esse outro meio, embora laborioso, mas de exito seguro. O auctor, depois de discutir as regras da arte dos bloqueios n'esta época, investiga com grande sagacidade a situação provavel das linhas scipionicas, em face das condições do terreno e meios de defeza dos investidos.

Scipião chegou defronte de Numância em outubro de 134 a. de C.: dividindo as tropas em dous acampamentos, cada qual do seu lado do Douro, n'um commandava elle e no outro o irmão Mácsimo, ahi passou o inverno. Os acampamentos, desunidos pelo rio, serviram para dar o primeiro apoio á construcção das linhas; terminadas estas, ficando por detraz, só puderam ser destinados ao arrumo das bagagens e outras semelhantes applicações. O bloqueio principiou no fim de março de 133 a. de C. Feita uma linha provisoria, composta de fosso e estacada, com o fim de proteger os trabalhos ulteriores, distante aqui um tiro de seta (150-200 m.) das obras numantinas, procedeu em seguida o general á execução da «cirvumvallatio». A sua obra isoladora formava-se de diversos elementos, de que vamos dar uma ideia geral no mais curto apanhamento possivel.

Nos cimos dos montes, em redor de Numáncia, alguns dos quaes mais elevados e d'onde se podiam vijiar os movimentos dos sitiados, foram estabelecidos sete «castella»: comprehendia cada um a superficie de 10 hectares com cerca de 4:300 homens, e todos com 30:000. Ligava os «castella» entre si uma «fossa», larga de 3 m. por 6 de fundo, por traz da qual se erguia um «vallum» com a altura de 3 m. e espessura de 2,3; sobre este estava ainda collocada a «lorica», parapeito de espeques aguçados. A «fossa» era contínua, excepto nos pontos em que os accidentes de terreno não permittiam ataques, assim como nos dois cortados pelo Douro, que foi barricado com traves fluctuantes, cravadas de picos de ferro e presas ás margens por cordas. Sobre o «vallum» levantavam-se torres, construidas com solidez, distanciadas umas das outras cerca de 30 m. Serviam não só para dar os avisos de alarme, de dia e noute, por um systema de signaes assás complicado, mas tambem para a collocação de machinas de arremesso. Não fallando nos homens dos «castella» guarneciam a restante linha 20:000, com uma reserva á mão de 10:000. A totalidade, portanto, das forças de Scipião, montava a 60:000 soldados: e a «circumvallatio», incluindo as frentes dos «castella» aproximava-se, por causa das desegualdades do solo, aos 9 kilometros tradicionaes, concordando com o numero transmittido por Apiano de 48 estádios, 8:880 m.

Encurralados n'este circulo de ferro, desajudados das cividades visinhas já vencidas, só duas portas ficavam abertas aos numantinos — a submissão ou a morte; os indómitos bloqueados que repetidas vezes haviam rechassado as legiões dos seus implacaveis adversarios, preferiram a segunda, e por ella sahiram tragicamente em agosto de 133 a. de C., após quasi quatro mezes de resistencia, com um heroismo feroz, que assombrou o mundo. N'este momento decisivo para a Iberia, ¡que homens reuniu o acaso, em volta do general victorioso, contra esse punhado de montanhezes, jámais subjugados! — «Deante dos muros

de Numáncia, escreve o auctor (p. 105-106), fizeram as primeiras armas Mario e Jugurta; aqui C. Graco e Lucilio aprenderam o officio da guerra. As chammas de Numáncia viu Polibio, como tres annos antes tinha visto as de Corintho e Carthago; e na sua extrema velhice deu-se ao trabalho de descrever a guerra numantina, por amor de Numáncia — para prestar homenagem á lucta heroica da independencia hispanica, por amor de Roma — porque no exterminio do derradeiro inimigo presentiu o começo d'uma nova época da sua historia, o tempo da declinação».

Com o desenlace da celebrada campanha, podiamos dar por concluida, consoante os limites acima postos, a presente breve noticia do memoravel livro, que tantas obscuridades veio aclarar n'este assumpto de superior interesse historico, se não tivessemos de acrescentar algumas succintas considerações.

O resumo, cumpre advertir, de ambos os campos belligerantes, que anteriormente fizemos, de modo nenhum enuncia a expressão do texto original, por isso que foi necessario amputar-lhe as observações topographicas, comparativas e eruditas, produzidas a cada passo, com as quaes, acrescendo um poder descriptivo proeminente, tudo se nos representa, como se estivesse á vista. Todavia, ainda com a mais cuidadosa interpretação dos escriptores antigos, cotejada com a localidade, não julga o auctor com razão por emquanto resolvidos todos os problemas, que só o serão, quando uma exploração methodica e completa puzer a descoberto as ruinas e encontrar nos arredores os vestigios das linhas circumvalantes: ¿que thesouros de novos conhecimentos não estarão soterrados ahi, mal grado da depredação secular, realisada pelos lavradores da visinhança? Com o pouco, porém, existente então, com a sua funda erudição e perspicacia penetrante foi possivel ao auctor traçar os quadros magistraes da fortaleza e do assédio, ajudando á intelligencia dos detalhes as gravuras e sobretudo os tres

mappas annexos, dois dos quaes se referem a Numância, sendo o terceiro a planta da citánia de Briteiros. Pela analogia que lhe pareceu ter havido em muitos pontos entre as duas, d'esta falla frequentes vezes o Sr. Schulten, assim como do illustre explorador d'ella, o fallecido Sr. F. Martins Sarmento: por desfortuna não existe uma monographia que a descreva por completo — falta que não lamentariamos hoje, se não lamentassemos tambem o seu passamento.

Destruida Numância, a Hispania estava de facto aberta á conquista romana: ficaram, comtudo, subsistindo por perto de seculo e meio as citánias do noroeste. Isoladas n'este canto da peninsula, fóra das grandes estradas do commercio, estariam, porventura, immobilisadas n'uma remota civilisação, quando foram submettidas pelos legados de Augusto.

Na occasião em que foi redigida a memoria, o eminente historiador allemão não havia ainda feito nenhumas escavações em Numância, a que procedeu, posteriormente, em agosto e outubro transactos. Pela communicação do auctor em meado do ultimo mez ao *Jahrbuch d. k. a. Instituts*, entre outros detalhes preciosos, sabemos que conseguira descobrir, sotopostos á cidade romana, os restos da povoação iberica e no fundo d'estes os d'uma residencia pre-historica, assim como, segundo parece, claros vestigios da «circumvallatio». No principio de novembro, elle com o Sr. C. Könen, sabio especialista de ceramica, visitaram acompanhados pelos Srs. Ricardo Severo e José Fortes o museu de Guimarães, onde os receberam os Srs. Abade de Tagilde e J. J. de Meira; d'alli foram examinar as ruinas de Briteiros e Sabroso, concluindo a digressão com uma rapida visita ao museu da Figueira, que lhes facultou o Sr. Santos Rocha.

A estreiteza do tempo, á disposição dos illustres visitantes, mal lhes permittiu a demora de poucos dias. Não obstante, é provavel que o Sr. A. Schulten tenha determi-

nado algumas averiguações nas nossas duas estancias archeologicas e nos dois museus, em comparação com Numáncia: dado tal caso e em ensejo opportuno, com certeza não deixará de dar publicidade aos resultados obtidos, prestando mais uma vez o seu grande saber á explicação das antiguidades peninsulares.

X

C. BOULANGER

LE DROIT DE MARCHÉ

(Coutume des environs de Pérone). Recherches sur son origine. Pérone, Loyson, lib. : Paris, Pérone, lib.— editeur, 1906.

Dans cet onvrage, aussi fermement appuvé sur des faits que sur une critique pénétrante, le savaut auteur explique une coutume agraire que l'on ne trouve aujourdhui en France que dans l'arrondissement de Pérone.

Elle y frappe encore par une estimation approchée 20.000 hectares en 100 communes. Les terres qui par une tradition immémoriale en sont grevées, appelées par les paysans «du marché» s'entrémêlent â celles soumises au régime du droit commun, les terres libres, ne se confondant jamais avec les autres. Cet usage a établi un droit coutumier sans existence légale, malgré les efforts des législateurs et des magistrats pour l'eteindre, depuis le quinzième siècle.

Mais d'abord il faut déterminer le sens de «marché» et celui de son droit.

Quant au premier mot l'auteur cite le passage suivant de M. Glasson — « . . . on appelait autrefois, en Picardie, les plaines, les champs, des *marchés ou marcais*. A l'origine, ce mot de basse latinité, *marca*, avait désigné la frontière et la terre commune, puis ensuite, et de bonne h ure, il s'était souvent appliqué â tout lot de terre faisant l'objet d'une propriété individuelle». De son coté, M. Boulanger dit — «*marché de terre*, lots qui désignent un lotissement que l'on exploite, que l'on vend ou que l'on achète» [2]: et le droit de marché est défini par lui — *la possession â perpetuité*, pour le fermier, ses descendants et ayant-cause, et en dehors de tout loi, *des terres qu'il occupe en vertu d'un bail*

---

[1] Le Droit de Marché, pag. 15, n.° 2.

[2] Ibid., pag. 15.

ou par tacite reconduction, mayennant une redevance autrefois invarable, presque toujours en nature [1].

Voici donc un bail perpétuel en vertu duquel le permier possèd le droit de transmettre, par touts les moyens légaux, le bien fonds qu'il exploite, mais aux conditions suivantes; —1) une redevance fixe; — 2) un pot-de-vin lorsqu'il y a renouvellement de bail;—3) un droit d'*agréation* on d'*intrade* en cas de mutation de fermier, exceptés les héritiers en ligne directe; — 4) solidarité de tons les fermiers d'un marché de terres ou de ses cessionaires «pour le paiement de la redevance et l'exécution des conditions du bail» [2].

Nons croyons avoir indiqué les points essentiels de cette tenure qui s'est maintenue, en Picardie, par la force de la tradition et par la ténacité des cultivateurs résolus a la défendre. Quoisque eloignée, elle éveille en nous un vif interêt parceque le bail perpétuel prédominait, il n'y a pas longtemps, dans la presque totalité des terres portugaises, possédées soit par des nobles soit par des roturiers; et encore aujaurd'hui, malgré le nouveau courant d'idées introduit dans notre législation, il existe une infinité de ces baux constitués par l'emphytéose—les *prazos* que la loi reconaait, ayant de frappantes analogies avec la coutume de Pérone.

En recherchant l'origine du droit de marché, M. Boulanger l'a fait remonter au calonat galloromain [3]. Son exposition érudite montre avec netteté comment les *villae*, dont le terroir est á present celui du plus grand nombre de communes, se partagèrent en lots de terres distribués aux cultivateurs en baux perpétuels: ces lots s'appelèrent *mauses*, *mausus*, de *maneo*, *mot* qui persista jusqu' à la Révolution [4].

Chez nous les choses ne se passèrent pas autrement depuis la conquête romaine. S'il est permis de se citer soi-même, nous croyons avoir expliqué [5] que le territoire de nos

[1] Le Droit de Marché, pag. 15.
[2] Ibid., pag. 16 e 18.
[3] Ibid., pag. 30 e 41.
[4] Ibid., pag. 38.
[5] «As Villas do Norte de Portugal» («Extrait de Portugalia»), pag. 37-29.

cités *(cividades)* fut aussi partagé en *villae (villas ou vilas)* et le «dominus» *(senhor)*, de «senior» de chacune y installa ses clients en situations variées selon leur conditions, se confondant touts â la fin dans celle des tenanciers perpétuels [1]. Quant à la dénomination des lots, nous avons en plusieurs mots, dont celui qui s'est maintenu et se mantient encore, c'est — *casal* «casales», «casa» [2]. Mais aussitôt après la fondation de nos *villae* il y a en des tenanciers, perpétuels avec la possession du fonds, obligés seulement ao paiement d'une rente.

C'étaient les fermiers *ad placitum canonis* du code wisigothique. Il n'y a pas lieu de revenir ici sur l'explication que nous avons donnée [3]. Il suffit de remarquer que plus tard on a introduit l'emphytéose de Justinien ; elle se popularisa sans doute par son analogie avec le *placitum*, et devint la forme agraire prédominante, bien que connue sous le nom plus ancien de *placito*, anjourd'hui *prazo*, dont à son tour est sorti — *emprazar*, *emprazamento*.

Des baux emphytéotiques portugais, un seul devait etre renouvelé ; c'était l'emphytéose à vies, en général, par trois — *prazo de vidas*. Le renouvellement, à présent aboli, rapprochait done plus ce *prazo* de la coutume de Pérone ; mais les uns comme les autres sont grevés d'obligations identiques, dont la principale est une redevance en nature ou en argent — *foro:* de se mot vient *foreiro* (tenancier), *aforamento* (bail emphy téotique). Le pot-de-vin — *laudemio* («laudemium») a lieu en cas de vent, soi le titre constitutif l'impose ; et s'il ne fixe pas la quote-part sur le prix, on le fixe toujours à deux et demi pour cent. L'*agréation*, seulement exigée dans la cession à titre onéreux, ne se pae pas ; en autre, au troizième siècle il existait le droit d'*intrade* — entrada, dû pour l'habitation de la maison de la ferme et quelque-fois

---

[1] «As Villas do Norte de Portugal» («Extrait de Portugalia»), (ed. ett.), pag. 86-88.
[2] Ibid., pag. 56 a 63.
[3] Ibid., pag. 86 e 87, e 156-158.
[4] Ibid., pag. 160.

pour l'entrée dans celle-ci ; on distinguait alors les deux droits.

Quant à la *solidarité*, on peut alléguer sa ressemblance avec l'institution, assez fréquente chez nous, du *cabecel* (de *cabeça*, tête) : il recoit les redevances de quelques tenanciers, en répond et les remet au propriétaire ; son origine remonte au colonat romain [1].

La *lutuosa*, de *luto* (dueil) consistait dans une augmentation de la redevance dans l'année de la mort du chef de la famille. Cette obligation, provenant de la condition servile de certains colons, s'insinua dans les baux emphytéotiques ; maintenant elle est dérogée [2]. Delà venait aussi la *gayosa*, disparue de bonne heure, payée par le père quand il mariait ses enfants [3].

Tout au contraire de ce qui arriva dans les environs de Pérone, les titres constitutifs existent chez nous, soit au pouvoir des propriétaires, soit au pouvoir des tenanciers. Si le titre manque, la redevance prend le nom de *censo*, certainement de «census» ; mais dans notre *censo* il n'ya pas de pot-de-vin ni d'agréation en cas de vente ; c'est une redevance simple.

Ce consis examen comparatif entre la coutume de Pérone et les *prazos* de Portugal nous révèle une identité d'usages agraires, provenant d'une même source commune, reconnaissable à première une sous le voile léger des diversités accidentelles. Et tous les deux gardent à travers les ages la perpétuité du bail, la distinction entre le domaine éminent et le domaine utile. Non seulement M. Boulanger a traité son sujet d'une manière très complète, mais il a fait encore un travail précieux pour l'histoire comparée des formes de la propriété foncière.

Porto, 1906.

---

[1] «As Villas do Norte de Portugal» («Extrait de Portugalia»), (ed. ctt.), pag. 129.
[2] Ibid., pag. 107-108.
[3] Ibid., pag. 108.

XI

VIMARANIS || MONVMENTA HISTORICA || A SAECVLO NONO POST CHRISTVM || VSQVE AD VICESIMVM || IVSSV || VIMARANENSIS SENATVS || EDITA || VIMARANE || EX TYPIS ANTONII LUDOVICI DA SILVA DANTAS || MDCCCCVIII.

VIMARANENSI SENATVI || AC || CLARORVM VIRORVM COETVI, CVI VVLGO NOMEN || SOCIEDADE MARTINS SARMENTO=IO ANNEES GOMES DE OLIVEIRA GUIMARÃES || ATANAGILDENSIS ABBAS || HOC OPVS || ADDICIT DEVOVET.

Com grandissimo agrado, posto que com a minima idoneidade, venho dar aos leitores da *Portugalia* conhecimento d'esta obra, merecedora de especial consideração. Apresentou o projecto d'ella, na sessão da Camara Municipal de Guimarães de 6 de abril de 1898, o fallecido distincto clinico — Dr. Anthero Campos da Silva — e na mesma occasião propôz que se offerecesse a execução (Pról. IX-X) á Sociedade Martins Sarmento, á qual já sobejavam louros de summa competencia. A Sociedade, acceitando o encargo, depôl-o nas mãos d'um dos seus mais abalisados membros — o Sr. P.e João Gomes de Oliveira Guimarães, Rev. Abbade de Tajilde, perito em trabalhos analogos, dos quaes basta citar a edição dos inéditos de S. Salvador do Souto: investigador infatigavel, conhecendo a fundo o concelho com larga instrucção historica e espirito perspicaz, a ninguem podia tocar melhor a honrosa incumbencia.

O projecto primitivo limitava-se simplesmente á publicação de inéditos, existentes no archivo municipal ou em outros quaesquer (Pról. X), emquanto que o adoptado agora (Pról. XII-XIII) comprehende todos os que dizem respeito a Guimarães e ao seu concelho, divulgados ou não, formando a collecção um todo completo de noticias e tradições as mais antigas que foi possivel rastrear. Ajuntou-lhe ainda o erudito colleccionador acrescentamentos que subministram informações preciosas, extremamente difficeis de obter, e ao mesmo tempo facilitam o estudo dos monumentos colligidos.

Não é de estranhar que ao plano, amplificado depois, só principiasse a dar-se execução ao cabo de dez annos. Feita a trabalhosa busca, seguia-se a coordenação. O auctor, entendendo com bom conceito que os periodos da historia

nacional, acceites no uso commum, se adequavam ao seu proposito com a vantagem de serem conhecidos, delineou a divisão em cinco secções. Abrange a primeira os documentos até ao reinado de Affonso Henriquez: a segunda, os da dynastia burgonhesa: a terceira, quarta e quinta, respectivamente, os da dynastia de Aviz, hespanhola e bragantina. A Pars I e a II teem os titulos em latim, porque n'elle se acham escriptos os diplomas d'aquella, e com poucas excepções os d'esta que são todos em numero restricto, segundo crêmos. Não obstante a rareza dos da Pars II era impossivel incluil-os na secção anterior, podendo todavia como prolongamento d'ella serem julgados alguns, os de data proxima á fundação da monarchia.

A Pars I, unica que acaba de ser publicada, encerra, na totalidade, 76 documentos, procedentes de varias fontes, sendo a maioria respigada nos *Diplomata et Chartae*, *Portugaliae Monumenta Historica;* uns 15, transcriptos do inédito *Liber Falei*, conservado no archivo da sé de Braga, recebeu agora a luz da publicidade; da Torre do Tombo vieram tres: a *Nova Málta* de Figueiredo e a *Chronica de Cister*, forneceram dois; dos *Scriptores*, *P. Mon. Hist.*, provéem o foral do Conde Henrique e o excerpto da vida de S. Geraldo. A collecção, principiando no anno de 870, termina em 1043: n'este periodo, só por feliz acaso, se encontrará de futuro algum escripto relativo a Guimarães ou ao concelho, pois tanto as publicações eruditas como os archivos foram investigados com a maxima diligencia, e os textos revistos escrupulosamente. Mas isto não é ainda tudo.

Entre as difficuldades, que nos depara a interpretação d'esses velhos pergaminhos, avulta a identificação, no sitio, das propriedades, logares, montes e rios mencionados em cada um. Quem uma vez se defrontou com o assumpto, conhece-as de sobra por experiencia propria. Trabalho detalhado, comprehensivo de área extensa, ao qual se possa recorrer de prompto, falta entre nós. Não obstante o progresso dos estudos historicos no nosso paiz, a lacuna conti-

nua aberta, nem é facil de preencher. Quem tiver a dedicação de se entregar a essa improba tarefa, precisa de saber quasi de cór os diplomas e respectivos documentos posteriores para seguir a mudança toponimica se a houve, e simultaneamente conhecer todos os accidentes topographicos para se obter a certeza da identificação — predicados ambos difficeis de encontrar no mesmo individuo. Eis porque as notas, singelas na apparencia, lançadas no fundo de cada diploma, se representam immenso labor de exploração local, são tambem verdadeiras joias de valor inestimavel. D'ellas vae sahir o «index remissivo» (Pról. XII dos topónimos com a identificação correspondente, quando possa fazer-se: e as assignaturas das partes figurantes fornecem a materia para o de nomes pessoaes — duas obras que, augmentando a justa reputação do auctor, completam a PARS I e a II, remattadas com o mappa, desenhado por um distinctissimo engenheiro, em quem o saber technico se une com intensa cultura intellectual.

O mappa indicar-nos-ha a situação dos logares novi-godos com o nome de então a par do actual, as citánias e os castros; assim teremos deante dos olhos o quadro graphico das evoluções sociaes desde o tempo proto-historico até ao presente. A's fortalezas no pincaro dos montes succedem, nos vales e encostas, as villas ruraes do senhor indigena romanizado; depois, onde estas foram, vêem-se as freguezias dos cavalleiros e lavradores que fundaram a nação. O leitor conterraneo poderá divisar através de finos traços a longa cadeia de successos que passaram por cima da sua terra; verá como o nome do obscuro logar, em que habita, possue antiquissima linhagem; e mais que nunca amará o torrão, onde persiste sempre a sua raça, apesar das mutações politicas.

Imagine-se o exemplo seguido por todos os concelhos que têem documentos anteriores á monarchia, pois não faltam ahi homens instruidos e de boa-vontade. Explorada a região do Minho ao Mondego, até onde chegam os *Dipl. et*

Chart., P. M. H., com inéditos que se descobririam sem duvida, tornava-se possivel a elaboração do diccionario de topónimos do periodo novi-godo, em confronto com os hodiernos, como tambem o de nomes pessoaes, comprehendendo o norte inteiro do paiz. ¿As duas obras, commentadas á luz da erudição moderna, quanto alargariam o horizonte do nosso saber historico? Brilhantemente encetada, abre o caminho a compilação vimaranense — modêlo de vindouras monographias.

Seria grave injustiça, se, antes de concluir, ficasse por assignalar a belleza typographica, reveladora do muito amor com que o livro foi composto e impresso na officina do Sr. Dantas. Do mesmo modo, não posso accultar as mais calorosas saudações á Camara Municipal de Guimarães, á Sociedade Martins Sarmento, e ao meu illustre, Rev. Abbade de Tajilde, que tam sabiamente emprehendeu a publicação dos *Vimaranis Monumenta Historica*.

Porto: Julho, 22, 1908.

APENDICE

ESTUDOS D'ECONOMIA RURAL DO MINHO

Este trabalho precedeu a «Propriedade e Cultura do Minho» publicada a pag. 451 e seguintes do 1.º volume, onde foi modificado e ampliado.

Como no emtanto conserva o primitivo interesse aqui se publica.

A estructura geologica da provincia, que antigamente se chamava d'Entre-Douro-e-Minho, póde designar-se como granitica e schistosa, apenas com umas pequenas manchas de terrenos terciarios nos districtos do Porto e Vianna. Em regra geral os granitos occupam a maior extensão, formando quasi todo o centro, com algumas fachas schistosas mais ou menos largas a poente e norte, e a léste no valle do Tamega. Além d'estas, encontram-se quasi por toda a parte fitas estreitas ou manchas pouco extensas d'esta ultima formação atravessando ou misturando-se com os granitos. E' assim que, segundo o quadro formulado por Sr. B. de Barros Gomes [1], dos quarenta e um concelhos que formam a zona «d'Além-Douro litoral», que comprehende a região de que nos occupamos, sómente onze são considerados unicamente graniticos, tendo mais ou menos rochas schistosas os trinta restantes: e todavia talvez uma exploração minuciosa, como era de desejar, reduzisse ainda este numero. Em todo o caso a maior extensão granitica é formada pelos concelhos de Guimaraens, Fafe, Vieira, Povoa de Lanhoso, Amares e Terras de Bouro (districto de Braga), Ponte da Barca, Arcos e Melgaço (districto de Vianna): no do Porto apenas dous e descontinuos, a séde e Marco de Canavezes; e só de schisto, apenas o de Vallongo: em todos os outros as duas rochas misturam-se mais ou menos.

[1] *Cartas elementares de Portugal.*

Esta rapida descripção não diz tudo; a constituição geognostica da provincia não é tão facil como parece á primeira vista; apesar de faltar um estudo detalhado, que comprehenda toda a região por bandas determinadas precisamente, extractaremos comtudo do relatorio [1], apresentado em 11 de outubro de 1867, pelo fallecido Sr. J. B. d'Azevedo Schiappa, o que nos diz respeito. Este relatorio, contendo apenas um reconhecimento feito por aquelle sabio engenheiro, mostra desde logo de como a falta d'uma exploração minuciosa deixa uma grave lacuna na apreciação da structura e composição dos terrenos.

A erupção das rochas graniticas através dos schistos não aconteceu d'uma só vez em toda a superficie; os granitos romperam em diversos periodos, e esta erupção em épocas differentes concorrendo para complicar a orographia e hydrographia da provincia complicou tambem a structura das rochas. As que pertencem a este ou áquelle periodo apresentam differenças muito importantes. No seu reconhecimento, o Sr. Schiappa notou immediatamente quatro especies principaes de granito:

«1.ª O *granito commum de duas micas, quartzo branco translucido* e *feldspatho orthose*, é representado ao poente por uma zona estreita (média de sete kilometros) que atravessa o Douro por um lado e pelo outro se prolonga na direcção de NNO. até se esconder no mar. A erupção d'este granito é devido á ruptura e levantamento das rochas schistosas que têm sido reportadas ao periodo siluriano. Estas ultimas se apoiam sobre os flancos do dorso granitico.

«2.ª O *granito porphyroide* só com *mica negra, quartzo cinzento, semi-translucido* contendo geralmente *dous feldspathos* e accidentalmente crystaes de *talco branco* brilhante, é caracterisado pelos grandes crystaes prismaticos (por vezes tendo mais de $0^{m},1$ de comprimento) de *orthose*, cuja alvura

[1] *Diario do Governo* de 31 de outubro de 1867.

se destaca do fundo cinzento ou cinzento azulado da pasta que o envolve. Este granito predomina na provincia do Minho e occupa a parte central do norte a sul prolongando-se áquem do Douro e além do Minho . . . O granito porphyroide propriamente caracterisa-se pela structura orbicular e pela facilidade de desaggregação na sua superficie. Assim como diminue a compacidade do centro ou nucleo para o exterior, se altera tambem a côr normal cinzenta ou azulada que vai gradualmente embranquecendo nas diversas capas concentricas que se tornam apparentes por effeito da mesma desaggregação até se converterem n'um *verdadeiro saibro branco*. Esta rocha abrange sessenta kilometros aproximadamente em largura, tomada por um parallelo que passe alguns kilometros ao nascente de Braga; essa largura diminue consideravelmente para o norte, porque só entre Monsão e Valladares é que passa a zona de granito porphyroide tendo de ambos os lados rochas de origem differente.

«3.ª Uma terceira especie de granito, tendo exclusivamente *mica branca*, *feldspatho albite* e *quartzo vitreo*, contém um elemento caracteristico, ainda que em pequena proporção, a *amphibole*. Menos commum que os precedentes, fórma esta rocha uma facha estreita (cinco kilometros) ao nascente do Porto intercalando-se entre outras duas fachas, uma estreita ao poente, composta de schistos crystallinos e outra ao nascente comprehendendo micaschistos e gneiss que por transição gradual vão passando ao schisto argilloso, grauwake e ardosia. Encontra-se tambem esta rocha a NNO de Barcellos . . .

«4.ª Finalmente uma rocha de grãos muito finos constitue um quarto membro d'esta serie eruptiva. Observa-se em varios pontos, por exemplo nas immediações de Villa Pouca de Aguiar, ao norte de Guimarães, entre a Povoa de Lanhoso e S. Torquato e mais alguns pontos. Mostra-se esta rocha menos crystallina que as suas congeneres . . .

«Comparando agora estas rochas entre si, permitte a

observação estabelecer que não existe n'estas regiões o granito primitivo. O granito commum de duas micas, sublevando a rocha do periodo siluriano, é posterior á deposição d'esta. Os fragmentos d'este granito entrando na composição dos conglomerados, que formam a base da bacia carbonifera discordante com o terreno siluriano, como se vê, além d'outros pontos ao norte do valle de Deão, proximo a Vallongo, fazem reconhecer este granito como anterior ao periodo carbonifero; por outro lado os grandes movimentos que dobraram e ondularam esta ultima formação, em consequencia da erupção do granito porphyroide, tornam evidente que este ultimo granito é posterior á formação das camadas carboniferas do periodo da hulha.

«O granito amphibolico rompe o porphyroide em varios pontos, d'onde se deduz a prioridade do ultimo em relação ao primeiro.

«Finalmente o granito fino, o ultimo que enumerei, penetra ora o granito porphyroide ora o de duas micas. Sendo portando posterior a ambos, restaria indagar a sua idade com relação ao amphibolico . . .

«Para completar a serie de rochas eruptivas, mencionarei ainda no Minho o porphydo dioritico que rompe em alguns pontos as camadas carboniferas de S. Pedro da Cova . . .

«O quartzo eruptivo que merece ser distinctamente considerado, como tal, conheço-o em dous pontos . . .

«O segundo ponto onde o quartzo revela o mesmo modo de formação é o monte da Santa . . . (Vizella). O quartzo rompeu através um retalho de micacite e gneiss intercalado no granito porphyroide . . .

«As rochas metamorphicas representam um papel importante como seria facil de prevêr pela descripção que precede na constituição geologica das duas provincias. As diversas condições que acompanharam a sahida das rochas eruptivas determinaram nas rochas preexistentes varios modos de alteração que dependiam simultaneamente da na-

tureza d'estas. No contacto do granito do Porto com os schistos, estes umas vezes recebem os elementos da rocha plutonica, convertendo-se em gneiss e micacite, passando por transições suaves ao schisto micaceo e argilloso; outra vez a rocha schistosa no contacto está penetrada de estaurotides, como na serra de Santa Justa em Vallongo . . . O metamorphismo das rochas sedimentares traduz-se ainda no aspecto que estas rochas apresentam na sua juncção com a rocha ignea, transformando-se em uma argilla amarella, outras vezes variegada, devendo geralmente as suas côres ao ferro em diversos graus de oxigenação. N'este ultimo caso quasi que sempre se tem desvanecido os traços da stratificação.

«Por effeito da acção metamorphica possantes camadas de grés siluriano foram convertidas em quartzites, que afloram nas cristas das serras, como tendo resistido pela sua maior dureza á acção dos agentes exteriores. As serras que se levantam sobranceiras a Melres para o S. do Douro offerecem um bello exemplar d'este grupo de rochas.»

Este simples reconhecimento mostra desde logo como o estudo geologico da região é mais complicado do que parece á primeira vista, notando-se que Sr. Schiappa não estava encarregado d'este trabalho; na occasião em que veio ao norte colher amostras d'aguas mineraes, foi no seu percurso notando os differentes accidentes geognosicos que de passagem pôde observar.

E todavia é do exame minucioso das rochas e da sua composição mineralogica que se póde avaliar da fertilidade dos terrenos e da sua aptidão cultural; addicionando-lhe o estudo da meteorologia local e portanto das suas condições climatericas, só então possuiremos o conhecimento dos agentes naturaes, á acção dos quaes fatalmente sujeita opéra a industria agricola. A ignorancia d'estes dados fundamentaes não pôde ser substituida senão por experiencias e ensaios que levaram seculos, em que se gastaram gerações, soffrendo contrariedades infinitas até emfim se estabelecer empirica-

mente o systema cultural adaptado á região. Mas a inspiração genial que era tudo nos tempos antigos, quando a especie humana procurava entre as sombras que a cercavam a vereda que a conduzisse a realisar o ideal que trazia comsigo, essa inpiração desappareceu desde que se começaram a ordenar as observações e a formular as sciencias que constituem hoje a sua gloria. Os povos, que ficaram no estado antigo, decahiram ou depereceram; os outros que souberam substituir por um estudo scientifico a inspiração dos primeiros tempos tornaram-se fortes e preponderantes.

E' pois da maior gravidade a falta do mapa geologico, organisado especialmente sob o ponto de vista agronomico e n'uma escala sufficientemente desenvolvida que mostre com precisão todas as formações e a composição mineralogica das suas rochas; sem elle não conhecem os cultivadores os principios contidos nos terrenos onde se exerce a sua industria, nem os correctivos de que precisam para esta ou aquella cultura. Não basta dizer «granitos e schistos»; cada uma d'estas especies contém uma grande variedade de composição, como se acaba de vêr, que pelo seu desaggregamento podem dar origem a terras de qualidades muito diversas, muito ferteis ou muito estereis.

Era comtudo possivel organisar-se o mapa geologico-agronomico do paiz sem novas despezas para o Estado, uma vez que o governo organisasse em todos os districtos «Postos agronomicos» (Stations agronomiques) com o pessoal que hoje emprega, sem resultado sensivel para a producção agricola, na agronomia districtal. Cada um d'elles seria primeiramente incumbido de estudar as differentes formações na sua circumscripção, e analysar os respectivos terrenos: as cartas districtaes reunidas dariam a carta geral do paiz. Em poucos annos estaria o trabalho completo, por isso que se fazia simultaneamente em muitos pontos. Em seguida seriam encarregados do estudo da meteorologia local, e assim conhecidos os elementos essenciaes, cada um saberia de que recursos poderia dispôr, e seria então possivel dividir preci-

samente o paiz em zonas agricolas. Mais tarde os mesmos postos investigariam os factos de maior importancia local.

Mas no estado actual teremos de nos contentar com indicações vagas. Seguindo a exposição de Sr. Schiappa, os quadros de Sr. B. de Barros Gomes e a carta geologica de Sr. Pery, poderemos fazer uma idéa geral da structura geologica do Minho. A SO. encontra-se uma estreita facha de nove kilometros de largo, que vem desde a Povoa de Varzim encostada ao mar até ao Porto, de granito de *duas micas* e *feldspatho orthose*. Segue-se-lhe outra de schistos silurianos que começa em Espozende, passa entre o Porto e Penafiel e prolonga-se álem Douro. Outra das mesmas rochas vem desde Monsão até Caminha, desenvolve-se na direcção de sul, terminando entre Barcellos e Braga: no centro da provincia estende-se uma longa e larga mancha de *granito porphyroide*, *quartzo cinzento*, *dous feldspathos*, *talco branco* e *crystaes d'orthose*: este terreno começa entre Monsão e Melgaço, desce na direcção de sul e prolonga-se álem Douro: mas ao nascente do Porto apparece n'esta facha outra de granito de *mica branca*, *feldspatho*, *albite* e *amphibole* (em pequena proporção). Ao N. de Guimarães encontra-se uma extensão de granitos de grãos muito finos, mas Sr. Schiappa não indica a sua composição. Na Peneda e no Valle do Cavado (segundo Sr. Pery) apparece um granito de *grão fino* com *mica preta;* e no monte de Airó outro de *mica branca*, empregado nas construcções em Braga. Em alguns pontos o granito apresenta a passagem para as *pegmatites*, como se vê no Gerez, onde se encontra uma variedade com *feldspatho côr de rosa*. Perto de Vizella (Monte da Santa) topa-se o *quartzo eruptivo* entre retalhos de *micacite* e *gneiss*. A S. do Porto (Melres) os *quartzites* formados pelos grés silurianos. Em Valongo os schistos argillosos, grauwakes, ardosias, etc. Emfim a N., Basto, os schistos intercalados com os granitos que irromperam e formaram o centro da provincia.

Uma exploração minuciosa dividiria a subdividiria todas estas zonas em tantas quantas fossem as differenças de com-

posição das rochas: O mapa organisado sobre um estudo assim detalhado mostraria a maior ou menor riqueza de cada fracção e as suas differentes aptidões, assim como os correctivos de que precisaria cada uma. Como pelo desaggregamento das rochas é que se formam os terrenos cultivados, este estudo torna-se por isso da maior importancia. Os agentes atmospherícos fendem e dividem as rochas e as aguas arrastam os fragmentos, cujas substancias, atacaveis pelo acido carbonico que vem dissolvido n'ellas, se decompõem e formam carbonatos e outros compostos que se misturam aos detritos terrosos que se vão assim depondo e dando origem aos sólos araveis. Quanto mais rica fôr a rocha n'estes ou n'aquelles principios que mais aproveitam ás plantas uteis, mais fertil será o terreno. Se n'ella dominar o *quartzo* o paiz terá apenas terrenos arenosos improprios para a vegetação, como acontece em muitas regiões: se dominarem outras substancias poderá dar origem ás terras de maior fertilidade, ou medianamente ferteis, o que tudo depende da composição da rocha.

Os terrenos graniticos têm sempre uma parte d'areias, mais ou menos grossas, formadas pelos fragmentos de *quartzo* e *mica* que se não reduziu a poeira fina. Estas areias são envolvidas por uma maior ou menor quantidade de argilla (silicato d'alumina hydratada) resultante da decomposição da *mica* e *feldspatho:* e este corpo pelas suas bases secundarias *orthose*, *albite*, *oligoclase*, *amphibole*, *anorthose*, etc. produzirá os differentes carbonatos e bicabornatos: além d'estas substancias encontram-se ainda em quasi todos os granitos em inclusão os sulfuretos, que, decompondo-se, produzem os sulfatos, a magnesia, o ferro, a apathite e o phosphato de cal. No ponto de vista agronomico a substancia mais digna de attenção é o *feldspatho*, que pelas suas bases secundarias, e segundo o estado em que se encontram, têm uma acção decisiva na composição do sólo e portanto na maior ou menor fertilidade inicial.

Mas a feição caracteristica das terras d'esta proveniên-

cia é a pobreza ou a pequena dosagem de principios calcareos em estado de poderem ser assimilados pelas plantas: uma grande quantidade de vegetaes não prosperam sem elles, de modo a pagar o trabalho do cultivador; a sua flora natural fica limitada ao numero das especies que vegetam com pouca ou sem cal: a ossatura dos animaes resente-se nos paizes graniticos da mesma falta. Todavia ha muitos terrenos d'esta variedade, onde se encontra em tal quantidade que dispensa qualquer correctivo calcareo [1] e em outros apparece a sufficiente dosagem para sustentar a vegetação que o requer: quando o *feldspatho* tem por base a *orthose*, o terreno póde conter 1 a 2 % de cal no estado de carbonato, e se a oligoclase dará 4 a 5 % da mesma substancia e no mesmo estado. (Sr. Senft, cit por Risler).

A falta de analyses, que comprehendam todas as formações geologicas, deixa uma tal lacuna que nos impede de conhecer d'uma maneira precisa a verdadeira fertilidade e aptidão cultural de cada sub-zona provincial. Mas se attendermos que muitas plantas, exigentes de principios calcareos se cultivam sem correctivos d'esta substancia com sufficiente vantagem, assim como o grande desenvolvimento de muitos animaes, como acontece com os bois de Barroso, onde nunca attingem as proporções que tomam quando creados na provincia, devemos suppôr que os terrenos graniticos do Minho contêm mais ou menos aquelle principio. Não quer isto dizer que as terras dispensem os adubos calcareos; pelo contrario, estes têm uma grande acção, quando são applicados, o que é raro. A observação presente teve simplesmente em vista fazer suppôr á falta d'um estudo directo a existencia d'aquelle principio.

Os agentes atmospherico operando pois sobre as rochas desaggregaram principalmente as suas camadas exteriores, que apresentavam uma structura menos resistente. A penedia primitiva cobriu-se assim d'uma camada por vezes de

[1] Eug. Risler, *Geol. agric.*

muitos metros de profundidade d'um *tuf*, mais ou menos duro, chamado aqui vulgarmente «salon», formado de fragmentos de quartzo, de palhetas de mica e argilla: quando estas duas substancias dominam, então a camada toma o nome de saibro. As rochas cobriram-se d'uma camada terrosa e tomaram as fórmas arredondadas actuaes; apenas se os picos ou os mamelons proeminentes ou em outro sitio mais elevado em relação aos circumvisinhos, as aguas, levando as materias resultantes do desaggregamento, deixaram assim os nucleos mais duros, que têm resistido ás causas de deterioração. São estes nucleos, quer aflorem quer estejam enterrados na massa do *tuf*, que produzem hoje as pedras de construcção. O paiz veio d'esta maneira a tomar na sua generalidade a fórma de collinas ou montes arredondados, fórma caracteristica das formações graniticas.

A pouca inclinação e grande desenvolvimento das ladeiras interfluviaes permittiram portanto a deposição de terrenos cultivaveis por toda a extensão, intercalados com outros incapazes de qualquer amanho. Estes, os mais escarpados ou os que receberam menos principios fertilisantes, foram todavia ainda aproveitados pelo instincto da raça colonisadora na cultura do *mato*, planta ou plantas que deviam representar, como de facto representam um papel tão importante na economia rural da localidade. Por outro lado tambem o homem ajudou a formação de taes terrenos quer sulcando os mais declivosos, quer favorecendo a decomposição e introduzindo principios fertilisantes com as aguas de *rega* e *lima*.

A pobreza de substancias mineraes é todavia compensada pela abundancia d'agua. O esforço do homem póde com facilidade corrigir um terreno aravel, hoje principalmente: mas de modo nenhum poderá modificar-se a structura geologica, que regula o regimen das aguas. Todos os paizes graniticos são geralmente ricos de fontes e nascentes. As aguas pluviaes infiltrando-se nas camadas dos detritos ter-

rosos, escorrem pelas rochas que se escondem debaixo d'ellas e reapparecem aqui e alli, desde que a configuração ou relevo do sólo o permitte. Comtudo as fontes, por causa da sua quantidade, são d'um pequeno volume, se se compararem com as que brotam em outras formações, onde a raridade as avoluma consideravelmente. Se as rochas fossem fendidas e as fendas se desenvolvessem extensamente, as aguas das chuvas seguindo esses conductos iriam rebentar muito longe e assim ficariam grandes superficies privadas de nascentes; é por isso que nos schistos são mais raras e mais difficil a sua exploração e captagem.

Estas nascentes não são por este motivo em geral muito resistentes a fortes estiagens. O proloquio local diz: «Em agosto seccam os montes, em setembro as fontes e em outubro tudo.» E assim é para os primeiros mezes, se escasseiam as chuvas estivaes, e para o ultimo se se retardam as do equinoxio que na provincia coincidem geralmente com o fim de setembro. Em consequencia da sua quantidade, a superficie que alimenta cada uma é muito restricta, e portanto seccarão desde que se esgotem as differentes venulas e fendas que a drenavam. Por isso n'um paiz granitico as fontes serão tanto mais abundantes quanto mais chuvoso fôr o clima e serão tanto mais perennes quanto mais igualmente se repartirem pelas differentes estações.

As aguas de rega têm uma influencia muito importante na fertilidade das terras: operam, ora fornecendo a humidade necessaria á vegetação, ora dissolvendo os differentes principios permittem a sua absopção pelas raizes. Nos terrenos primitivos, ainda que sejam muito puras, confrontadas com as dos calcareos, onde os alcalis as sobrecarregam ás vezes a tal ponto, que se tornam improprias quer para a rega quer para a bebida dos animaes, trazem todavia comsigo muitos principios fertilisantes, sobretudo se atravessam terrenos onde se encontra nomeadamente a *orthose*, a *oligoclase* ou a *amphibole*. No valle da Moselle desde Epinal até baixo de Charmes, conta Sr. Risler, formaram-se seiscentos

hectares de prados, só pela acção da agua (e esta puramente granitica) regando cascalhos com pouca terra.

A abundancia d'agua não exerce menos influencia sobre a distribuição da producção rural. Observa o sabio director do Instituto agronomico de França que só nos paizes graniticos com grande abundancia de fontes é que os cultivadores se podem dispersar por toda a superficie e edificar as suas casas perto dos terrenos que cultivam. Nas outras formações geologicas onde escasseia a agua, a população tem de se agrupar em povos ou lugares junto das nascentes.

Todas estas vantagens são tanto mais apreciaveis quanto se trata d'um clima meridional como o nosso, segundo diremos adiante, onde a agua quasi que é tudo. A inclinação nos terrenos provincianos, orientada a todos os ventos em consequencia das rugas ou depressões através dos levantamentos interfluviaes, dá-lhe facil escôo, de modo que em toda a sua extensão não se encontram planicies encharcadas ou paludosas d'um tamanho apreciavel. Por outro lado tambem as ladeiras dos levantamentos interfluviaes sendo geralmente d'um fraco pendor e dividindo-se em encostas que se vão sobrepondo, retalhadas em valles secundarios, planos e monticulos mais ou menos arredondados, permittiram captar as nascentes de modo a empregal-as na rega dos campos e distribuil-a, tanto quanto possivel por toda a área cultivada: mesmo no outomno e inverno quando as chuvas são mais abundantes, os milhares de milhões de nascentes são aproveitadas em *limar* (regar d'uma maneira contínua) os prados ou lameiros: d'esta maneira a agua cobre uma parte dos terrenos cultivados antes de chegar aos leitos dos rios principaes que n'este regime se podem considerar como gigantescos canos abductores.

Está visto que em toda a região ficam muitos tractos privados do succo nutritivo da agua de rega. E' um equivoco supôr que o Minho é um paiz inundado. Faltam trabalhos estatisticos que permittam avaliar com aproximação a superficie regada artificialmente e a que apenas receba as

regas da chuvas, mas a simples inspecção do relevo geographico mostra desde logo que uma boa parte se comprehende na ultima classe. Uma vez que a terra se vai golpeando e retalhando no dorso das differentes cordilheiras, que separam os principaes rios, em altos e baixos, depressões e collinas, gargantas ou vallesitos, é de vèr que só os terrenos que demoram nos fundos ou a meia encosta de qualquer monte ou levantamento, uma vez que a parte superior tenha a sufficiente extensão para guardar nas venulas ou fendas que a atravessam, um bom abastecimento de agua da chuva, só esses terrenos podem ser regados. Os outros todos serão privados das regas artificiaes: e a provincia é de tal modo accidentada, que por toda a parte d'um ponto ao outro, tomando-se uma extensão um pouco consideravel, se encontram de ambas as especies, em maior ou menor quantidade, segundo a disposição especial do terreno tomado.

E todavia aqui a agua é tudo: é ella quem determina o valor d'uma propriedade, o qual será maior ou menor, segundo a quantidade de que puder dispôr. No outomno e inverno e parte da primavera lima os prados que produzem as forragens, sem as quaes não se podem alimentar os gados e fabricar os estrumes de curral: de verão nutre os cereaes e especialmente o milho, as hortaliças e legumes: por fim depois de fecundar os campos, môe os grãos e *massa* o linho. Devemos todavia lamentar que n'um paiz assim cultivado se deixe perder durante as chuvas fortes e torrenciaes as aguas dos enxurros, de que fica privada a economia da região. O homem do Minho é muito habil em pesquizar as correntes subterraneas, captal-as e conduzil-as para os seus campos, quer em regos a ceu aberto, quer em aqueductos enterrados: mas despreza as torrentes pluviaes que lhe pauperisam os terrenos, arrastando para os rios a melhor camada dos seus campos.

Seria comtudo facil estabelecer nas depressões, nas pregas ou quebradas das encostas, nos accidentes das planuras, onde emfim a configuração o permittisse, barragens,

como nos Vosges alsacianos, ou presas, que guardassem estas aguas, que serviriam quer para regas directas, quer pela infiltração para augmentar o volume das fontes. A agua da chuva sendo muito rica em principios azotados, que se encontram principalmente no estado de ammoniaco, é muito fertilisante e não deve ser perdida, sobretudo n'um paiz onde uma agricultura intensiva, não ajudada pór adubos chimicos que restituam as substancias constantemente exhauridas pelas differentes culturas, tende a esgotar o sólo e a reduzir cada vez mais a sua producção. O clima estando tambem sujeito a estiagens bastante prolongadas, acontece muitas vezes que ás chuvas que duram oito a dez dias succede um tempo secco, com vento léste ou norte: os terrenos sendo pouco absorventes, seccam depressa e precisam d'agua, que não ha, que foi enxurrada para os rios. As presas ou barragens forneceriam demais o lodo, resultante da deposição das materias terrosas que voltariam aos mesmos campos d'onde tinham sido arrastadas.

O aproveitamento de todas as aguas pluviaes torna-se ainda tanto mais necessaria quanto as chuvas se dividem muito desigualmente pelas quatro estações, apresentando o clima um caracter meridional. E' certo que o estudo do clima regional talvez se não possa considerar como definitivo por falta de observatorios meteorologicos nos pontos mais importantes. O do Porto annexo á escola medica e dirigido por um professor de medicina, apenas dará uma idéa do clima litoral: no centro da região e no macisso montanhoso de N. e NE. não existe nenhum; e todavia n'estes pontos deveriam fornecer observações preciosas para a agricultura local. A' falta porém de observatorios, collocados convenientemente, providos dos instrumentos necessarios e dirigidos por especialistas, veremos se com os factos apurados poderemos formar uma tal ou qual opinião a este respeito. Resumiremos o estudo elaborado por Sr. B. Barros Gomes [1], formulado

[1] *Cartas elementares de Portugal: Condições florestaes de Portugal.*

consoante os dados do observatorio do Porto, comparados com os fornecidos pelo de Santiago na Galliza.

Segundo o quadro graphico elaborado por este distincto engenheiro florestal, o total das chuvas no norte de Portugal dividir-se-ha nas seguintes percentagens: inverno, 40 %; primavera, 15 %; estio, 5 %; outomno, 40 %. As chuvas accumulam-se portanto na primeira e ultima e escasseiam nas duas outras, mórmente no verão, onde attingem o minimo de 5 %. Todos os climas portuguezes apresentam esta caracteristica fundamental, chuvas abundantes no outomno e inverno, escassez na primavera e sobretudo no estio: em todos os outros a percentagem é menor no ultimo periodo, excepto em Coimbra, onde a divisão é menos desigual; pois que recebe na primavera 27 % aproximadamente e no verão quasi 10 %. Em toda a *Europa não mediterranea as chuvas do verão entram por 25 % e 35 % nos totaes de cada anno*[1].

Esta desigualdade que todos nós que habitamos a localidade conhecemos praticamente e que deverá ser menor ou maior segundo nos afastamos da costa, dá ao Minho o seu caracter de clima peninsular, posto que seja esta região a que recebe maior quantidade de aguas pluviaes: infelizmente o total não se divide quasi com igualdade, e por isso haverá necessidade de aproveitar toda a agua para que as plantas herbaceas estivaes possam retribuir o trabalho do cultivador: é esta distribuição irregular que produz as estiagens e como é bem conhecido são aqui vulgares as preces *ad petendam pluviam*. Mas se isto é uma condição de inferioridade para o desenvolvimento das plantas herbaceas, não assim para as culturas arbustivas: e esta circumstancia climaterica guiará o proprietario na escolha do cultivo a que deve entregar-se de preferencia, segundo os seus campos são ou não abundantes de nascentes.

A quantidade annual de chuva no nosso litoral regula

[1] B. Gomes, *Cart. agron.*

por 1:200 millimetros e no verão não desce de 80[1]. Esta região é pois uma das que recebe annualmente maior quantidade de agua em toda a Europa, sobretudo no outomno e inverno: na primavera a quantidade é ainda muito abundante, mas no estio *resente-se já bastante da distribuição especial que as chuvas assumem na peninsula e em parte do litoral mediterraneo*. (Cond. Flor., 33).

A maior abundancia aqui d'aguas pluviaes em relação ás outras zonas portuguezas, é confirmada tambem pela maior quantidade de rios que desaguam no mar. A costa maritima de todo o paiz tendo uma extensão de 435 milhas (Sr. Pery) pertencem 45 á do Minho desde Caminha ao Porto. Os rios principaes e secundarios com uma bacia hydrographica litoral apreciavel sendo 18 em toda, d'estes pertencem 7 á costa do Minho: temos pois 45 milhas com 7 rios (não contando o Ancora) emquanto que as 390 restantes apenas possuem 10.

Os thalvegs dos cinco principaes rios provincianos que sulcam mais profundamente o sólo, e os tres secundarios, Ancora, Neiva e Leça, incidindo sobre o mar dão facilmente passagem aos ventos maritimos, que d'esta maneira atravessam facilmente todo o paiz até ao macisso do Gerez e Barroso, e no seu percurso dividindo-se pelos valles transversaes que retalham a cada passo o dorso dos levantamentos interfluviaes, permittem que as chuvas se distribuam sobre todos os terrenos da vertente occidental. O mesmo deverá acontecer na de sul e léste, pois que os mesmos ventos, penetrando pela grande fractura do Douro, sobem do mesmo modo rio acima até ao Marão, que, não deixando pela sua altitude uma franca passagem a léste, deverá fazer com que a maior parte se inclinem e tornem pelo valle do Tamega, onde se encontrarão com as que tinham penetrado pelos valles centraes: mas chegados ahi a maior parte da humidade resolveu-se em chuva, quer durante o seu percurso, quer

[1] B. Gomes, *Cart. elem.*: *Cart. agron.*

principalmente nos dous macissos montanhosos que pela sua acção refrigerante e condensadora os despojaram do vapor aquoso: por isso a região a léste receberá muito menos chuva e assim a cordilheira do Marão e as montanhas barrozans estabelecem naturalmente a divisoria dos dous climas, Minho e Traz-os-Montes.

Das *Cartas elementares* transcrevemos o resumo dos dados que, segundo Sr. Barros Gomes constituem o clima regional «caracterisado por médias mensaes de 70 a 100 % de humidade relativa; 8:200 (Porto) e 2:000 millimetros (Santiago) de chuvas annuaes: 80 a 200 millimetros de chuvas de verão e temperaturas médias de 15°, 14° e 12°, respectivamente na 1.ª, 2.ª e 3.ª zona de elevação; com variações maximas de 38° a 42°.»

Mas as estações são muito irregulares. Os invernos nem sempre são humidos e doces; quando vêm seccos, faltam as hervagens, e portanto a alimentação dos gados e os estrumes: a primavera é a menos regular de todas; depois de alguns dias tepidos no principio, succedem-se quasi todos os annos ventos do norte e léste, entremeados com chuveiros frios e graniso: as geadas tardias apparecem até maio: as arvores e as plantas soffrem, a vegetação atraza-se e o cultivador vê muitas vezes perdidas as suas culturas por uma d'estas frias e formosas noites de luar; o estio é ora secco e ardente, ora fresco e humido; no outomno veem tarde muitas vezes as chuvas do equinoxio, ora cedo de mais, abundantes e excessivamente prolongadas. Nos seus termos geraes crêmos todavia que as estações se poderão definir assim: — inverno humido com alternativas de seccura e frio intenso; a primavera muito irregular, entrecortada de dias frios e tepidos; estio secco e quente, mas mais curto que nas outras provincias; o outomno doce, a mais regular e agradavel de todas.

A altitude tendo tambem uma acção muito importante sobre a constituição do clima, e a região comprehendendo tres zonas d'elevação desde zero a mil e mais metros sobre

o nivel do mar, haverá differenças muito grandes, segundo o terreno occupar uma outra d'estas situações. Ás mais elevadas serão mais frias, mais ventosas e mais humidas, emquanto que as mais baixas serão mais quentes, mais seccas e mais abrigadas. Mas além da altitude é necessario considerar a exposição e as condições locaes particulares. Um paiz enrugado de montes e depressões, apresentará em sitios proximos differenças notaveis, segundo estão abertos a este ou áquelle rumo, e por isso expostos aos ventos frios ou tepidos: por isso dentro da mesma zona de elevação haverá situações mais frescas ou mais quentes, especialmente apropriadas para taes ou quaes culturas. Encostas voltadas ao norte serão mais frescas e os fructos mais tardios e menos saccharinos: as expostas a léste e sul mais ardentes e mais temporãos. Os valles estreitos e fundos, frescos e humidos; os mais largos e abrigados mais soalheiros e quentes. Qualquer pois que seja a situação relativamente a cada zona de elevação, é necessario ter em vista as circumstancias particulares que podem influir tão poderosamente no clima d'uma localidade muito restricta: por isso apesar de se poder considerar no todo a meteorologia da provincia como homogenea e distincta das outras, devemos comtudo assentar que a disposição do sólo a altera muitas e muitas vezes, de modo a poder-se produzir vantajosamente plantas, que em regra geral exigem um clima differentemente caracterisado.

Pais granitico, retalhado de montes e valles, e abundante d'agua, era naturalmente disposto para a pequena cultura, uma vez que a raça tivesse a aptidão, e a prolifiquidade sufficiente para produzir o numero de braços necessarios a esta especie, e se as condições sociaes o permittissem. A historia da agricultura local está por fazer, mas os escassos elementos, que têm sido recolhidos, mostram claramente como a situação ao fundar-se a monarchia era de molde a auxilial-a e a desenvolvel-a. N'essa época em que a raça combatia para estabelecer uma barreira ás invasões do sul, rechaçando-as ao longe, n'esse tempo os colonos de arrendamen-

tos simples escasseavam naturalmente. Os grandes donatarios territoriaes, seculares ou conventos, viram-se forçados a readoptar a emphyteuse romana, e os prazos ou arrendamentos por tres vidas, que depois se tornaram perpetuos, deram de facto aos cultivadores a propriedade do terreno *aforado*, *villa*, *villas*. *casal*, *quinta*, *quintana* ou *quintãa*. Era a unica maneira de fazer render a terra que aliás ficaria inculta.

Este movimento, que fez passar o dominio util dos grandes donatarios, que acompanhavam a côrte nas suas constantes deslocações, para os emphyteutas que residiam na localidade, e d'estes muitas vezes para sub-emphyteutas, quando os primeiros mudavam de vida ou vinham a possuir mais do que podiam cultivar. este movimento creou uma grande classe de pequenos proprietarios ruraes, cultivando directamente os seus prazos. Simultaneamente o progresso social creava pelo commercio e industria uma classe média urbana, a qual a seu turno comprando terras ou obtendo-as de aforamento, as arrendava por arrendamentos simples, justapondo-se á outra, d'onde tirava a sua origem, differente apenas pela maior somma de haveres. Entre as duas veio a apparecer portanto a dos caseiros-colonos, e a dos jornaleiros ou salariados, que reclamavam as necessidades d'uma cultura cada vez mais aperfeiçoada. Todas estas classes misturam-se e confundem-se, hontem como hoje, havendo sempre entre si uma troca constante, uns que se enriquecem e se aburguezam, outros que decahem e voltam ás profissões mecanicas d'onde descenderam.

Os cultivadores assim estabelecidos e fixados na terra mediante uma pequena renda (*foro* ou *canon*) esforçaram-se por tornar cada vez mais productivo o seu casal e no revolver de muitas gerações, augmentando a população e a riqueza, immobilisaram alli um enorme capital, representado em toda esta multiplicidade de obras que demanda a agricultura intensiva n'um paiz accidentado, e exigindo demais com o seu clima peninsular aguas de *rega* e *lima* para o completo

desenvolvimento das plantas herbaceas estivaes. Por toda a parte, a população rural disseminou-se pela extensão da superficie cultivada, vivendo em habitações dispersas, mais ou menos proximas das terras que cultivam. Quem sobe ao alto d'um monte verá as casas rusticas separadas e distanciadas umas das outras pelos limites do casal ou quinta, ou quando são mais proximas geralmente separadas por uma ou algumas pequenas glebas.

Se esta distribuição representa um costume teutonico[1], encontrariamos n'elle a prova d'uma forte infusão de sangue do norte: mas se é sobretudo verdade que são as condições geologicas que determinam a distribuição da população, como expõe na sua *Geolog. agric.* Sr. Eug. Risler, este facto perderá toda a sua importancia no ponto de vista ethnographico. O sabio director do Instituto agronomico de França, diz que «a abundancia de nascentes que caracterisam os paizes graniticos permitte disseminar as habitações e os casaes . . . emtanto que nas outras formações, por exemplo nos terrenos jurassicos e cretaceos, os habitantes são forçados a grupar-se em grandes logares ao longo das raras correntes que os atravessam. . .; a pequena cultura póde estabelecer-se mais facilmente nos paizes graniticos que nos de formação jurassica ou cretacea.»

Todavia a descoberta das citanias pelo meu sabio amigo. Sr. Sarmento, impõe-nos uma observação. Anteriormente á occupação dos romanos e ainda por algum tempo pelo menos durante ella, a população vivia no cimo dos montes, em povoados, muitos dos quaes não passavam provavelmente de logarejos rusticos. Quando se dispersaram esses grupos, de que não ha memoria escripta? Foram os romanos que os arrasaram para melhor dominarem o paiz? Mas a esta hypothese oppõe-se não só o costume dos latinos de residir em povoações em casas contiguas, mas tambem o facto da romanisação da maior parte d'ellas.

---

[1] Sr. Em. de Laveleye. *Econ. rur. de la Belgique*; Sr. Paul Leroy Beaulieu, *De la colonisation chez les peuples modernes.*

Se em tal obscuridade me é permittido aventar uma opinião, esses povoados pertencendo, segundo Sr. Sarmento, aos ligures, povos arianos que mais se aproximavam aos latinos, parece-me que deveriam desapparecer depois do estabelecimento dos suevos, que encontravam um sitio onde podiam viver á maneira das suas tradições e genio da sua raça.

Seja como fôr, é certo que, destruidas as antigas habitações, a população rustica dispersou-se pelos campos, no meio dos quaes se levantaram aqui e alli cidades mais ou menos importantes, mas representando todas uma funcção de grande valor no desenvolvimento agricola. Estas quasi que se tocam muitas vezes, como acontece no litoral entre Porto, Foz e Leça: o mesmo se póde observar entre Villa do Conde, Povoa de Varzim e Azurara: no interior succedem-se tambem, senão tão proximas, amiudadamente. Em quasi todas houve nos tempos passados uma forte industria fabril, decadente hoje em muitas, por causa da transformação da industria moderna, que a falta de ensino technico e a má administração publica lhes não permittiu acompanhar.

Estes centros urbanos exercem uma influencia decisiva na economia rural da região; servem não só de mercado a uma grande parte da producção da terra, como fornecem um emprego aos braços que sobram na outra. A classe burgueza que as habita veio a tornar-se tambem proprietaria, e residindo perto das suas terras está sempre a beneficial-as, excitando e promovendo portanto o melhoramento geral da cultura. Não é menos importante a sua acção moral: a permutação constante, que fazem entre si de individuos e familias, que ora vêm do campo estabelecer-se nas cidades, ora passam d'estas para o outro, estreitando as relações entre as duas grandes classes creou este conjunto de opiniões e tradições que constituem a vida moral da provincia. No isolamento em que se achou depois do estabelecimento da côrte em Lisboa, se houvessem desapparecido estes grupos urbanos, era de suppôr que a população rustica tivesse cahido na

maior barbaria. Felizmente as principaes cidades historicas, tendo-se sempre empenhado mais ou menos em promover o desenvolvimento moral, tornaram-se em outros tantos focos como de attracção ou illustração, agremiando em volta de si as populações ruraes, e desenvolvendo o sentimento provincial deram uma vida propria a toda a região, o que faz que o homem do Minho, qualquer que seja o sito onde se encontre, se lembre sempre com saudade das suas montanhas.

As parochias ruraes são pois habitadas por uma população misturada de lavradores proprietarios, lavradores caseiros, capitalistas proprietarios e salariados, desde os que se empregam no cultivo dos campos até aos que exercem as industrias auxiliares á agricultura e outras. Por entre os casalejos rusticos levanta-se a casa burgueza, que defronta a cada passo com uma pequena officina fabril. No campo como nas cidades uma classe média muito numerosa mistura-se por toda a parte com a massa popular.

De facto a raça apresenta-se homogenea na sua generalidade e como que derivada de duas estirpes ethnicas. Observada de perto parece produzida pel' cruzamento de dois elementos diversos, um do norte e outro do meio-dia, que não ficaram distinctos, mas fundiram-se reciprocamente, de modo a produzir na mesma familia exemplares differentes, desde o cabello louro claro e a carnação branca rosada até ao cabello escuro e a carnação morena. Quando os cabellos são pretos, os olhos são muitas vezes azues, mais vulgarmente castanhos ou cinzentos e as feições brancas: a côr trigueira é em grande parte produzida pelos trabalhos ao ar livre. Geralmente as crianças têm os cabellos alourados que na idade adulta se tornam escuros. Os primeiros são mais communs nas mulheres, e nos homens algumas vezes a barba é loura e o cabello preto. Todavia este ultimo, e sobretudo o castanho escuro é o mais predominante, d'onde parece que o elemento meridional era, ou mais numeroso ou absorveu o outro. Em todo o caso os filhos dos mesmos paes apresentam vulgarmente os dois typos, e a cada passo se vêem irmãos

com o seu differente, do norte ou peninsular. O mesmo facto, reproduzindo-se em todas as classes, indica que o cruzamento foi geral e que todos, pobres ou ricos, têm a mesma ascendencia ethnographica.

Não vem aqui discutir a proveniencia e formação da raça. Se a côr escura dos cabellos pertence aos ligures, que, segundo Sr. Sarmento, habitavam as citanias, os mais antigos povoados da localidade, que estes se cruzassem primeiro com os celtas-ruivos, que ambos se misturassem com os suevos louros, que dominaram sobretudo no centro da provincia, pois tiveram em Braga a sua côrte e a séde do seu governo, e que os tres recebessem ainda mais sangue do norte, posto que em menor escala, dos homens que vieram de lá com o conde D. Henrique [1], são questões que não pertencem ao assumpto presente: basta-nos notar sómente que a raça não parece pura, mas sim produzida pelo cruzamento d'um elemento de cabellos pretos, que devia ser o mais numeroso e o mais absorvente, com est'outros louros vindos mais tarde.

Os individuos são geralmente grossos, de estatura mediana e com uma tendencia a engordar e adquirir *embonpoint:* geralmente na provincia homens e animaes engordam facilmente: a *egua gorda e o boi gordo do Minho* são proverbiaes. E' raro vêr-se individuos seccos, delgados e leves, como os que constituem a generalidade das populações do sul. A magreza que se póde observar aqui, é sobretudo proveniente da deficiencia da alimentação. A sua intelligencia não tem um desenvolvimento tão precoz como o d'aquellas, nem possue a faculdade de comprehender no primeiro momento qualquer questão. A raça é morosa e pesada, mas tem no grau mais elevado a paciencia e tenacidade do trabalho, a sensatez ou juizo prudencial, a feição emfim de dirigir lentamente o pensamento, caracteristica que accentua sobretudo o genio portuguez, e a differença das outras raças hespa-

[1] Herculano, *Historia de Portugal*, 3, pag. 214.—Duas colonias, uma em Guimarães, outra em Caminha.

nholas, vivas, impressionaveis e nervosas, excepto a gallaica-asturiana, sua irmã; e foi provavelmente pelo seu incessante trasbordo para o sul, pela sua mistura com as populações mais escassas que dominavam lá, que influiu principalmente na formação e accentuação do caracter portuguez, tal como se apresenta hoje, diminuindo comtudo immensamente a sua influencia no desenvolvimento politico da nação, depois que a séde do governo se fixou em Lisboa.

Districtos e concelhos	Extensão de hectares	População de facto, segundo o recenseamento de 1887	Habitantes por 100 hectares
Vianna (distrito)	223:819	201:390	89,97
Braga (distrito)	273:002	319:464	117,01
Porto [1] (distrito)	233:783	461:881	197,56
Mondim de Basto (concelho) .	24:528	7:255	29,57
Ribeira de Pena (concelho) . .	13:414	8:006	59,68

Como em todos os paizes, em que a população é compacta, e este é um dos mais densos da Europa, a alimentação é fraca e insufficiente. E todavia a abundancia de comida é uma necessidade para a sua organisação e a intemperança um dos seus vicios. As privações a que se sujeita o homem do Minho são filhas principalmente dos poucos recursos de que póde dispôr: mas desde que as circumstancias o favorecem, a sua primeira preoccupação é uma mesa farta. Nos jantares de festa popular as vitualhas accumulam-se na mesa em massas enormes; as grandes terrinas e escudellas de viveres seguem-se n'uma successão interminavel, intermeadas com as infusas e canecões de vinho verde, que quanto mais rascante mais lhe estimula o appetite, aliás sempre complacente.

[1] Esta superficie comprehende a zona «d'Além-Douro litoral» segundo Sr. B. Barros Gomes: apenas acrescentamos o concelho de Gaya, por nos parecer que a sua capital faz parte integrante da cidade do Porto e que as suas terras obedecem ao clima e regime do Minho.

Em geral desleixada na limpeza, e no vestuario sobretudo emquanto trabalha é todavia avida de *luxos*, de vestidos vistosos e as mulheres de adereços d'ouro. A maior parte das economias femininas é collocada n'estes enfeites, que nos tempos tristes são vendidos e o seu producto applicado á satisfação de necessidades mais imperiosas. Quando se vêem caminhar para uma feira ou romaria os ranchos de mulheres minhotas, com fatos domingueiros, pujantes de vida, com grandes brincos e o peito coberto de cordões e adereços, todas faiscantes d'ouro, vem-nos naturalmente á lembrança as flamengas endomingadas, como as descreve Sr. E. de Laveleye.

Como em todos os paizes de pequena cultura e basta população, são grandes as privações com que tem de luctar o maior numero. As habitações são commummente pobres, sem aceio e carecem do conforto necessario á vida remediada. O trabalho dura todo o dia e muitas vezes prolonga-se pela noite. Mas apesar de tudo a raça não perdeu a sua alegria.

De todas as provincias portuguezas é talvez a unica que se veste de côres garridas e variegadas, especialmente as mulheres: apenas na Maia predomina a côr preta nas saias: em todos os outros cantões as côres preferidas são o branco, o vermelho, o amarello e o verde, misturadas nas differentes peças do vestuario. As musicas verdadeiramente locaes, como a *chula* e a *cana-verde*, são alegres, como uma nota viva e cheia de esperanças, que faz esquecer por um instante a imaginação das suas preoccupações utilitarias. Ha vinte annos os fados tristes e saudosos do sul, eram completamente ignorados aqui: só depois que se facilitaram as communicações, é que os cantores ambulantes introduziram essas toadas melancolicas, que se confundem hoje com as indigenas. O homem do povo ouve-as com attenção, mas sabe que lhe não pertencem, porque a experiencia de todos os dias lhe ensina que a vida é uma lucta e não uma alegria. A melomania é geral em toda a provincia. São famosas as questões das musicas em Amarante e Guimarães. Em qualquer freguezia

rural ha orchestras e philarmonicas, compostas como na Flandres, de lavradores, jornaleiros e operarios. Quando se vê esta gente aos domingos de tarde, reunida nos soutos ou em outro sitio da freguezia, rindo e conversando alegremente, com difficuldade se acreditará ser a mesma que se viu na vespera luctando nos mais duros misteres.

As suas faculdades artisticas revelam-se sobretudo na poesia. Na provincia ha ainda hoje pela festa dos Reis autos-sacros, chamados *reisadas:* actores e compositores são indigenas. Quem percorreu a provincia tem ouvido os improvisos (descantes) acompanhados pela viola, rebeca e clarinete, assim como a *flirtation* em verso rimado. Estas faculdades poeticas são representadas na historia litteraria por Gil Vicente, Diogo Bernardes, Pedro d'Andrade Caminha, Francisco de Sá de Menezes, Gabriel Pereira de Castro, Garrett e Camões, que pela sua ascendencia gallega pertence á ethnographia do Minho.

Mas o que caracterisa principalmente e quasi lhe dá uma feição especial é a sua religiosidade. A religião constitue realmente o fundo de toda a sua vida moral. Andam-se leguas para se ouvir um prégador de fama, e quasi todos os sermões nas freguezias ruraes se terminam por choros e gritos femininos. Apesar da grande vigilancia da Igreja catholica, a raça ainda produz seitas religiosas. Citarei uma que appareceu em Guimarães, haverá uns quinze annos, prégada por um carpinteiro. O Porto é uma das poucas cidades onde ha uma igreja protestante portugueza. Por toda a parte se edificam templos e capellas. Em poucos annos levantou-se o santuario da Senhora do Sameiro, e a camara de Guimarães emprega actualmente quasi todo o seu rendimento na construcção d'uma igreja apparatosa no cemiterio da cidade. E todavia o maior numero dos padres são transmontanos; uma vez ordenados, deixam a sua terra para se estabelecerem aqui, em qualquer dos pingues beneficios ecclesiasticos que abundam na provincia.

Quando n'este seculo estiveram cortadas as relações

com a curia romana, o Minho era talvez a mais scismatica de todas as provincias. As missas e os officios do culto celebravam-se ás escondidas, nos sobrados dos lavradores e nas bouças tufudas de carvalhos: se a situação persistisse por mais alguns annos era de suppôr que a excitação religiosa produzisse uma nova seita. E' raro haver pessoa que não pertença a muitas associações religiosas, confrarias ou irmandades. Parte da sua vida passa-se a discutir assumptos concernentes á religião: morta, o seu cadaver é envolvido em mortalhas que representam habitos de santos ou das extinctas ordens religiosas.

Mas a religião não o desvia dos interesses mundanos, nem já mais lhe amaciou a dureza e o mercantilismo do seu caracter. Como os dois povos mais religiosos do mundo, os judeus e inglezes, é dominado constantemente pela ganancia, avido de riquezas, aventureiro por causa d'ellas, avaro e capaz de atraiçoar os interesses alheios por amor dos seus proprios. Especular e enriquecer são as grandes preoccupações: os meios indifferentes.

Este genio de especulação, o espirito de aventura e o aperto da vida obrigam o minhoto a emigrar; mas a emigração faz-se não por familias, mas sim por individuos: são os do sexo masculino, sobretudo os que emigram, e sempre com o sentido de voltar, esperança que nem sempre se realisa: uma boa parte estabelece-se ahi e casa com as mulheres da região, onde a necessidade os levou.

Dentro do paiz emigra unicamente para o sul: tendo aliás a léste e muito perto, em Traz-os-Montes, terras desoccupadas de bastante fertilidade, não ha noticia de irem para lá colonias de cultivadores minhotos: e tal é esta tendencia do seu desenvolvimento a sul que é muito raro que individuos dentro da provincia sigam a marcha contraria. Muitas vezes a emigração faz-se por escalas. O individuo que nasceu em Cabeceiras ou qualquer outro ponto extremo, começa por procurar uma occupação em Braga ou Guimarães; se se não fixa n'estas cidades passa para o Porto, e se as cir-

cumstancias o não favorecem, continúa a sua derrota para além-Douro. Nos do sexo feminino acontece o mesmo, mas n'este a emigração é em numero muito menor. E' este trasbordo de população que augmenta sempre e incessantemente a do Porto, e que cobre a deficiencia de muitas cidades do sul, principalmente de Lisboa. Para fóra emigra facilmente para o Brazil, e se a fortuna o não favorece, de lá passará para a Africa occidental. D'este modo, depois de percorrer muitas e variadas paragens e exercer differentes profissões, vem acabar no mesmo sitio onde nascera.

Raça eminentemente cultivadora na sua provincia, fóra d'ella e principalmente dentro do paiz, não exerce a lavoura: nem os seus emigrantes se fixam como colonos. Os individuos da classe pobre estabelecem-se como negociantes, pequenos industriaes ou criados: os da classe rica occupam-se de profissões liberaes.

A falta de instrucção não permitte infelizmente aos primeiros ir além das occupações mais ordinarias e menos remuneradoras, privados como ficam do mais precioso instrumento de trabalho. Emquanto vivem na sua localidade têm de contentar-se com o ensino tradicional e quando as circumstancias os obrigam a emigrar, serão na industria fabril operarios de segunda ou terceira ordem e no commercio não passarão de logistas.

Mapa-resumo da instrucção elementar por 1:000 habitantes segundo o censo de 1878

Distritos	Sabem lêr e escrever	Sabem lêr	Analphabetos
Braga	165	24	811
Vianna	173	28	799
Porto	193	46	761

E' esta deficiencia que lhe grangeou a fama de intelligencia obtusa: raça pesada, morosa e ignorante, posta em face da viveza espontanea do sul, devia de facto parecer de

curtos alcances. E, todavia presentemente poderá haver esperanças que a situação se modifique? A grande absorpção que a desordenada administração publica faz sempre e cada vez mais dos recursos do paiz, em toda a especie de impostos, que se somem ao longe, não se sabe aonde, não deixa ás localidades depauperadas e esgotadas estabelecer a rede de escólas primarias, profissionaes e technicas, como era de absoluta necessidade.

Sem exagero póde dizer-se que a população agricola pouco deve á administração geral. Em toda a região não ha uma unica escóla agricola, um unico posto agronomico. A extincção dos dizimos apenas produziu um alivio momentaneo aos encargos que pesavam sobre a lavoura, pois que actualmente os impostos já os representam sufficientemente, se os não excedem.

A extincção dos fóros por titulo gratuito foi pouco mais que um expediente politico de momento, por isso que tendo sido extinctos pelo decreto de 13 de agosto de 1832, mais tarde foram pedidos de novo e remidos pelo dinheiro dos lavradores, lei de 22 de junho de 1846: restaram só abolidos os serviços pessoaes, que na maior parte dos casos parece que não estavam já em vigor. Da protecção que no sentido moderno o governo central é obrigado a prestar aos seus administrados, a provincia nada lhe deve. O abandono da direcção de todas as forças locaes, é a norma governamental que tem sido adoptada nos ultimos cincoenta annos. Pela sua indifferença, desleixo e má administração, estamos vendo desapparecer todos os dias as industrias fabris locaes, que exerciam um tamanho predominio no adiantamento agricola: esta perda não compensa quaesquer outras pequenas vantagens, pois que sem estes grupos fabris não é possivel nenhum grande desenvolvimento da agricultura [1]: e algumas leis recentes, como as da contribuição de registo, longe

[1] Leroy Beaulieu, *De la col. ch. les p. mod*; Lavergne, *Ec. r. de La France*; Laveleye *E. r. de la B.*

de fomentar a conservação do typo historico da propriedade, estão causando um grande embaraço e confusão.

A organisação administrativa de todo o paiz, formulada não se sabe sobre que principios, depouperisa e esgota as parochias ruraes: estas, depois de pagarem os impostos geraes que se vão afundir no mar tenebroso da administração nacional, os districtaes e municipaes, que vão aformosear e sustentar principalmente as obras das capitaes dos districtos e municipios, ficam privadas de recursos para os mais insignificantes melhoramentos: e quando uma lei insensata, sem considerar as condições em que as collocou, as obriga a grandes despezas e assim a taxar despropositadamente, os politicos espantam-se e pedem providencias, sem quererem vêr a origem do mal. Segundo a legislação em vigor, as parochias ruraes, cujo maior numero demora a grande distancia da cabeça do concelho, têm de concorrer para sustentar alli não só as despezas, de que uma parte evidentemente lhes pertence pelo seu caracter municipal, mas além d'estas muitas outras obrigatorias, que só prestam utilidade aos habitantes da villa ou cidade, como as que se referem ao cemiterio, illuminação, abertura e calcetamento de ruas, extincção de incendios, abastecimento de aguas, policia urbana, medico de pobres que não é obrigado a visitas gratuitas além das barreiras; ficam ainda de fóra as facultativas, em que se póde exercer largamente a phantasia dos vereadores. A seu turno os municipios, e portanto as mesmas parochias concorrem tambem para um certo numero de instituições que só aproveitam ás capitaes do districto, como as instituições de beneficencia pseudo-districtal. D'onde acontece que vem a haver cemiterios parochiaes e municipaes, cadeias municipaes e districtaes, e tantas outras cousas em *al* e *aes*, que parecem como o sonho d'uma imaginação febricitante.

A mesma symetria legislativa, dando a todas as parochias identica organisação, quer pertençam a uma grande cidade quer demorem na quebrada d'uma serra, esta symetria absurda indica da parte do legislador ou uma extrema

ignorancia ou o intuito de annullar a sua importancia. Se tal foi o seu proposito, póde dizer-se que o conseguiu plenamente. Mas acima d'estas pobres juntas, que não têm de facto vida real, mas simplesmente uma ficção no Cod. Adm., estão as camaras municipaes, tão mortas como ellas. Eleitas por obscuros *influentes eleitoraes*, servindo unicamente o partido que as elegeu, desconhecendo as necessidades da época, applicam pessimamente os seus rendimentos, occupando-se geralmente em realisar os projectos mais desvairados. As decrepitas camaras representam em miniatura o desgoverno do poder central. Acima d'estas e como digno remate, quedam as juntas dos districtos, obedecendo na sua chamada *administração* á conveniencia do partido que as tirou da urna.

Se a nação tem ainda alguma vitalidade para reagir, a primeira necessidade seria distinguir precisa e claramente nas despezas publicas, as que são geraes, e pertencem ao paiz, as municipaes que incumbem aos municipios, e as parochianas que devem ser custeadas sómente pelas parochias. Nos grupos de população urbana é essencial crear outra corporação, com attribuições em relação á sua maior ou menor importancia, uma especie de junta edil, que se occupe unicamente dos negocios da cidade ou villa, ficando a camara municipal só com os geraes do municipio; e os districtos ou extinguil-os ou deixar-lhes apenas uma sombra que não estiole o resto, como acontece hoje. A monstruosa organisação actual dá como resultado que a maior parte, senão quasi todas as parochias, carecem de escólas que nunca terão, porque os seus rendimentos são levados para outro destino: que emquanto as cidades se melhoram os campos permanecem no seu estado antigo e como que abandonados. Faltam absolutamente os caminhos vicinaes e os de exploração agricola: póde dizer-se que d'estes nem um metro está construido, emquanto que as juntas de districto dão largas á sua phantasia, construindo á custa das parochias estradas, que podem aproveitar a este ou áquelle sitio, mas nunca ao commum das

cotisadas. E todavia a grande necessidade é a construcção d'aquell'outras, aliás o cultivador ficará sempre privado de tirar qualquer utilidade das vias principaes, que foram na maior parte construidas a expensas suas, e portanto terá de se servir eternamente da sua carreta archaica, porque só ella póde transitar pelos caminhos desiguaes, ingremes, pedregosos ou lamacentos, que são os unicos que existem a communicar com as estradas geraes de rodagem.

Estes defeitos profundos da administração actual sentem-se principalmente n'esta provincia, onde as condições sociaes exigem uma organisação delicada e attendendo a todas as necessidades, para se poder manter a vida d'uma população que por assim dizer se acotovela constantemente. Por outro lado tambem a área das parochias é geralmente muito limitada e sobretudo muito desigual. Encontram-se desde as que tem vinte fogos (Espirito Santo de Brufe, Povoa de Lanhoso) até quatrocentos e tantos (S. Torquato, Guimarães): organisal-as definitivamente, alargal-as de modo que possam custear facilmente as despezas necessarias ao seu desenvolvimento moral e material, é a mais imperiosa necessidade. Se como parece sufficientemente demonstrado, os desarranjos governamentaes procedem do nenhum interesse que a população geral toma na gerencia das cousas publicas, que por esse facto se tornou a occupação privativa d'uma classe que começa nos *bureaucratas* até terminar nos *influentes eleitoraes* das localidades, se a unica solução é destruir a classe dos *politicos* e interessar todos os habitantes no governo da nação, o primeiro passo não póde ser outro, senão reconstruir e organisar estes primeiros grupos administrativos, que estão para o Estado como as cellulas para os corpos organicos. Desde que a população se interesse pelas suas questões e negocios locaes, será immediatamente levada a occupar-se de todos os outros, pelas intimas relações e mutua dependencia que existem entre si.

As provas de incapacidade, que ultimamente está dando a classe dos politicos, occupada unicamente com os seus

arranjos, desorganisando, para melhor dominar, todas as forças vitaes do paiz, levam a concluir que a primeira necessidade é expulsal-os do governo, e portanto quebrar d'uma vez todo o velho machinismo bureaucratico administrativo e simplifical-o de modo que possa ser comprehendido pelo povo, que deve evidentemente tomar o lugar, que ella não soube desempenhar.

Esta necessidade de organisar d'uma maneira definitiva e pratica as parochias ruraes, torna-se tanto mais urgente quanto começa a sentir-se aqui a mesma corrente que nos paizes modernos arrasta as populações rusticas para as cidades. Este movimento, que parece ser o precursor d'uma catastrophe social, accumulando em habitações sem ar nem luz, apinhados uns sobre outros, individuos e familias que se não conhecem, e a quem nenhumas tradições prendem á nova localidade, este movimento, ainda que filho de condições sociaes, que parecem improprias para o novo modo de ser da industria moderna [1] póde pelo menos ser consideravelmente retardado, se a legislação tornar mais attractiva a vida das freguezias rusticas. Se no estado actual a solução da maior parte das questões sociaes está longe ainda de se apresentar com a nitidez sufficiente de maneira a poder-se traduzir em artigos de uma lei, será todavia uma falta da maior gravidade deixar caminhar a desorganisação e a anarchia, sobretudo n'um paiz, que começa agora a sentir-se impellido para este confuso movimento das sociedades modernas, quando até certo ponto póde ser modificado ou demorado, de sorte que haja tempo de o dominar e dirigir. N'este sentido a primeira necessidade é prender nas pequenas localidades a população que as fórma; e o unico meio de que se póde dispôr desde já é fazer de cada parochia um organismo que se administre a si mesmo, e simultaneamente dar-lhe os meios de tornar ahi a vida mais attractiva, tanto nas suas condições materiaes como moraes. O que impelle muitas vezes um individuo

[1] Henry George, *Social Problems*.

da terra, onde nasceu, não é tanto a avidez d'um maior salario, como o aborrecimento e tristeza de se vêr n'um sitio abandonado e desprezado. Mas que seja a parochia quem organise o seu registo civil, o seu cadastro, a sua matriz industrial, e o orçamento da sua receita e despeza, que tenha uma escóla ou escólas e uma bibliotheca popular, que possua os meios de melhorar os seus caminhos vicinaes e ligal-os com as estradas geraes de rodagem, que possa soccorrer os seus desvalidos e educar os seus filhos, que debata toda as suas questões e delibere em comicios que póde celebrar na igreja parochial, que se lhe dê um juiz electivo com funcções determinadas tanto em caso de transgressões policiaes como na formação de inventarios em certos limites, que se lhe concedam os meios de aformosear as suas localidades, como se dá hoje ás camaras municipaes, que possa regular a sua policia e tomar as medidas sanitarias de primeira necessidade, tal organisação, satisfazendo á justiça social, concorrera energicamente para prender mais e mais o individuo á sua terra, e livrando-o das illusões das grandes cidades, voltar-lhes-ha a attenção para o estudo das questões que o rodeiam.

Só n'este caso póde haver esperanças que se melhorem as nossas antigas industrias e especialmente a agricola. O estado doentio da maior parte dos vegetaes uteis reclama hoje um cuidado, uma observação e uma sciencia que nossos paes desconheciam. Sendo certo que, como escrevia ha pouco tempo o Sr. conde de Samodães [1], «nos coube em sorte sermos outra geração dos luctadores, para que sejam menos atribuladas aquellas que nos vão seguir», é necessario tambem que todos e cada um se interessem na campanha e se auxiliem reciprocamente; que todos estudem, observem e experimentem. Transformar cada rustico, a quem o mantuano chamava «ignarus», n'um experimentador, não se póde evidentemente conseguir, sem que se mudem tambem as condições que o cercam.

[1] *Bolet. de ampelografia e œnol.*, vol. I, n.º 1.

A CULTURA DO MATO

Por toda a parte, nos cimos dos montes e nas ladeiras ingremes, entre as penedias que afloram á superficie, onde nunca poderá chegar a charrua, ou em baixo nos sitios mais magros e pedregosos, d'onde jámais tirará qualquer proveito, nascem espontaneamente estes arbustos silvestres e bravios, conhecidos pela denominação geral de «mato», dando aos montes todo o anno pela persistencia das suas pequenas folhas, uma côr verde caracteristica e em certas épocas cobrindo-se de bonitas flôres amarellas. Communs a todas as formações graniticas, rudes e intrataveis por causa dos seus espinhos agudos, são, apesar da sua difficil abordagem, uma das mais preciosas producções com que a natureza quiz porventura compensar a pobreza inicial d'estes terrenos, e que o genio da raça, que se fixou no paiz, soube converter em beneficio dos outros que melhor se prestavam ao cultivo.

E' assim em todos os paizes graniticos, desde o Minho até á Bretanha: em todos a agricultura recorre áquellas plantas, como a um dos principaes elementos fertilisadores e de maior valia que a natureza lhe pôz á disposição.

E de facto se viessem a desapparecer, veriamos a producção agricola do Minho muito reduzida: a região contendo 50 % de terras montanhosas, a metade das quaes pelo pouco não daria nenhum vegetal de producção directa, nem outro, a não ser este, que pudesse prestar qualquer auxilio á sua lavoura, o lavrador teria então de applicar ás camas dos animaes a palha com que actualmente em parte do anno susten-

ta o gado; e a falta d'esta deveria ser substituida por hervagens que teria de produzir especialmente para tal fim nas terras onde hoje produz ou grãos ou fructos destinados ao sustento do homem. Se o cultivador minhoto póde acommodar á producção agricola todos os cantos aproveitaveis da sua terra, é sobretudo por causa d'estas sarças agrestes que vegetam até no alto dos montes entre as pedras e que veem fertilisar os campos dos valles e da meia encosta, trazendo-lhes principios fertilisantes, que aliás lhe ficariam muito caros: á falta de conhecimentos technicos positivos, a intuição mostrou-lhe o merecimento economico de taes plantas que se lhe representam com verdade como o mais valioso auxiliar da sua industria.

A palavra «mato» ou «tojo» representa pelo menos tres ou quatro especies botanicas, confundidas como termo geral na linguagem popular, que aliás as distingue perfeitamente quando precisa de as individualisar:

Tojo ou mato arnal: ulex welwitschianus, Planchon; ulex australis, Wellw.: ulex europæus, Brot.

Caule villoso, folhas agudas; espinhos espalhados e ramosos. Caule hirsuto de duas sepalas coloridas, de foliolo superior ligeiramente bi-denteado. Corolla papilionacea, amarella. Estamos monodelphos. Legumen entumescido, apenas mais comprido que o calice. Floresce todo o anno.

Tojo: stauracanthus aphyllus, Brot.; ulex genistoides, Brot.

Caule espinhoso; ramos novos pilosos, sem folhas; foliolo superior do calice bi-partido, inferior tri-denteado. Legumen oblongo de dobro do comprimento do calice, villoso, com quatro a cinco sementes. Floresce na primavera.

Mato ou tojo molar: genista triacanthus, Brot.

Folhas glabras, umas simples lanceoladas, outras tornadas rentes; foliolos linear-anceolados; espinhos simples e compostos; ramos superiores quasi inermes e sub-tomentosos. Corolla amarella. Floresce entre março e abril.

Mato ou tojo gadanho: genista falcata, Brot.

Folhas simples, alternas, sub-lanceoladas, espinhos muitas vezes tridenteados. Legumen em fórma de fouce. Corolla amarella. Floresce em março e abril [1].

Estas variedades, ora umas ora outras, acompanhadas quasi sempre mesmo nos terrenos francamente graniticos por uma ou mais especies de urzes *(ericas)*, que se tornam predominantes nas zonas schistosas de modo a expulsar completamente as primeiras, cobrem os tractos incultos da provincia e fornecem á sua lavoura a base principal dos estrumes e em certos periodos a pastagem do gado.

Distinguem-se facilmente á primeira vista. O gadanho é delgado, muito espinhoso, e muito difficil pela sua dureza de se decompôr, como elemento de estrume. O arnal é mais grosso, muito picante e muito duro, mas desaggrega-se mais facilmente. O molar é quasi um arbusto civilisado. Conserva sim a sua armadura primitiva, mas as púas são mais flexiveis e menos picantes, quasi não ferem. Desaggrega-se rapidamente, cresce menos que o anterior, mas fórma tufos mais espessos, e quando bem semeado e tratado convenientemente entapeta por igual o terreno, que na primavera e em certo grau de crescimento se apresenta como enrelvado.

São estas duas ultimas as que a cultura utilisa principalmente e que propaga de preferencia, por serem as que se prestam melhor, quer á formação dos adubos quer á pastagem. Teem ambas a faculdade de vegetar á sombra das arvores, vantagem enorme quer sob o ultimo ponto de vista, porque os animaes encontram ahi no estio uma sombra que aliás lhes faltaria, quer quanto ao primeiro, porque as folhas juntando-se ao mato augmentam o seu rendimento, sendo por isso tambem possivel o estabelecimento de florestas e a

[1] Devemos á obsequiosidade do distinctissimo director do jardim botanico da Academia Polytechnica do Porto, o snr. Joaquim Casimiro Barbosa, a descripção das quatro especies, com os seus nomes vulgares.

arborisação das terras mais ingratas, sem prejuizo da área cultivada. As unicas arvores que o destroem são as resinosas, como o *pinheiro silvestre*, quando embastece em massas compactas. N'este caso o pobre arbusto que resiste ás maiores intemperies e que sabe extrahir da fenda das rochas a sua nutrição, morre á falta de ventilação. O calor suffocante, que se póde observar nos mezes de verão dentro dos pinhaes densos, abafa-o e destroe-o: mas uma vez desbastados, e convenientemente rareados, continuará a vegetar e a dar o seu utilissimo producto.

O caracter silvestre, que o distingue, permitte o seu desenvolvimento em todos estes chãos que abundam na provincia e são chamados «bravios» ou de «monte». O observador que desconheça os processos da agricultura local, identicos a todos os paizes graniticos, suppora que uma boa parte dos terrenos do Minho não estão aproveitados. Este equivoco desvanecer-se-ha com um exame mais detido. Durante o verão, quando os campos estão semeados de vegetaes uteis e no inverno quando o frio não deixa crescer as hervas, o gado encontra alli um pasto saboroso e nutritivo. Cortado, o mato misturado com a folhagem sècca das arvores dá-lhes uma boa cama, e o que mais é, a base d'um excellente adubo de curral, base tanto mais preciosa quanto a planta exhauriu da terra os principios fertilisantes que escasseavam nas suas courelas.

Ouçamos a este respeito o que diz, tratando dos terrenos graniticos, o sabio director do Instituto Agron. de França [1]:

«Muitas vezes tambem o gado vai pastar nos matagaes e traz assim para o casal uma parte dos principios fertilisantes que se concentraram no mato, cujos rebentos frescos come e na herva que cresce em volta d'elle. Todas as plantas que lá vegetam naturalmente, as urzes nos sitios mais magros, o mato e os fetos nos terrenos mais fundos, condensam d'alguma fórma os vestigios de cal e acido phosphorico.

[1] Eug. Rilers, *Géol. agricole*.

que se achavam disseminados ahi e que o chimico mais habil não poderia descobrir: o cultivador breton, para utilisar estas materias em beneficio das suas culturas, serve-se de dois meios. Ora roça o mato com alguns centimetros de terra e relva; leva tudo para casa e emprega-o como cama nos estabulos, ou faz *compostos* depois de o ter deixado algum tempo no *eido* ou *eirado*. Outras vezes queima tudo, enterra com uma lavoura as cinzas e os restos d'humus e tira do terreno duas ou tres colheitas, centeio, trigo mourisco, areia etc., abandonando por fim a terra á sua vegetação espontanea. E' o systema cultural a que o conde de Gasparin chama «systema celta» precisamente porque é usado na Bretanha.

Por toda a parte, nas montanhas do Auvergue e do Forez, nos Vosges como na Bretanha, encontra-se este systema; necessario por causa da pobreza chimica dos terrenos de granito, convém tanto mais quanto o clima fôr mais humido, em consequencia da visinhança do mar ou da sua altitude.»

O snr. Leonce de Lavergne na sua obra classica sobre a *Economia rural da França*, tratando do oeste, diz:

«Estes bravios não são por si mesmo inteiramente improductivos: formam pastos melhores do que parecem e entre as plantas selvaticas, de que se compõem, ha uma, o mato, que occupa um lugar entre as riquezas naturaes, depois que se tornou sufficientemente conhecido. Póde ter quatro applicações differentes que correspondem a outras tantas necessidades; fórma sebes, que o desenvolvimento dos seus rebentos e espinhos torna depressa impenetraveis: produz uma grande abundancia de lenha n'um paiz que carece de combustivel: fornece constantemente camas para os curraes; e é sobretudo precioso pelo excellente alimento que, cortado miudo e esmagado, proporciona a todos os animaes e especialmente aos cavallos. Já se não contentam com o que rebenta naturalmente: semeiam-no. O mato semeado dura de vinte a trinta annos; é considerado como o equivalente

d'um bom prado. A' medida que a cultura o modifica, torna-se mais tenro e ha esperanças que venha a perder os espinhos. E' a luzerna da Bretanha.»

As duas passagens que antecedem mostram claramente o grande valor economico do mato e os recursos de valiosissimo preço que fornece aos terrenos cultivados. A feição caracteristica das formações geologicas, como a do Minho, é a escassez maior ou menor, segundo o granito, de calcareo e d'acido phosphorico: possuir uma planta selvatica, que se dê nas terras magras e improprias para qualquer cultura, que o exhaura e concentre, é sem duvida ter por beneficio da natureza um elemento de prosperidade. Se os cultivadores, guiados pela intuição genial, que nunca faltou ás raças civilisadas, não o tivessem sabido aproveitar, o rendimento em fructos e grãos das suas terras amanhadas seria muito menor, sobretudo nos tempos anteriores ao nosso, quando não estavam ainda desvendados os segredos da nutrição das plantas e animaes. Se a estas considerações juntarmos est'outra do relevo accidentado regional e da disposição dos terrenos, que se misturam os mais fundos e ferteis, com os que apenas possuem um sólo aravel d'alguns centimetros, facilmente nos convenceremos da alta importancia d'estas sarças montezinas e da perspicacia de que deu provas o homem do Minho aproveitando-as com todo o cuidado.

O systema agricola que estabelece a introducção do mato é o mesmo que o snr. Laveleye observa na campina belga [1]. Tanto faz que o cultivador se sirva de urzes e torrão *(gazon)* para fazer os seus estrumes e que pastoreie o gado na charneca communal, como que semeie o mato em sitios analogos e o utilise para os mesmos fins. No fundo fica sempre a mesma condição fundamental — o sacrificio d'uma parte da terra em favor d'outra; dá-se em tal caso a combinação da *cultura extensiva e intensiva*, que é caracteristica

[1] Em. de Laveleye, *Ec. rur. de la Belgique.*

das duas regiões. Mas, como expõe este sabio economista, é esta combinação que tem auxiliado poderosamente o progresso agricola na campina, por isso que permitte, dado um terreno geralmente pobre, concentrar n'uma extensão muito restricta, a cultivada, os principios fertilisadores d'uma área extensa, a *lande:* mas aqui o methodo é tanto melhor, quanto não só se escolheu a mais util d'essas plantas selvaticas, mas tambem porque os terrenos *de bravio* não se podiam sujeitar na sua generalidade a nenhuma producção directa pela sua incapacidade improductiva.

Sabe-se que nas localidades ferteis e inicialmente ricas em principios assimilaveis, toda a superficie é cultivada: mas em cada casal as glebas estão divididas em afolhamentos de 3 até 9 annos: nem todas produzem grãos ou fructos, mas unicamente uma pequena parte, sendo as outras destinadas a forragens, ou plantas industriaes. A successão cultural é determinada pelo consumo que cada especie faz de certas substancias, de modo que a terra se vai melhorando nas rotações successivas. As palhas servem então exclusivamente para as camas dos animaes, que se alimentam de penso verde ou feno, produzido em lotes que lhes são especialmente destinados. Este systema, sem mato, faria diminuir sobremodo o rendimento da agricultura regional, por isso que com elle os campos podem produzir todos os annos quasi sempre duas colheitas; e, dada aquella eliminação, ficariam abandonadas sem proveito as terras que o produzem, visto não ser possivel haver lá nem hervagens nem cereaes.

O mato será pois sempre uma planta de grande interesse agricola na região, sendo digno de notar-se que as applicações, que lhe dá o breton, são as mesmas que se encontram aqui, excepto o uso de o cortar e esmagar para a alimentação dos cavallos: o que deveria experimentar-se, pois não é difficil a construcção de esmagadeiras apropriadas, e em certas quadras do anno seria um recurso de muito proveito.

Devemos todavia observar que o processo e época de o

cortar e a maneira de fazer com elle os adubos, se poderiam aperfeiçoar notavelmente e com grande vantagem, sem novas despezas ou mais trabalho.

Actualmente é cortado rude e brutalmente com enxadas rombas, quando ha vagar: esta operação designada pela palavra «roçar» é feita quasi sempre ou por conta propria no intervallo de outros serviços, ou é dada por empreitada a jornaleiros, que a vão fazendo nos dias em que lhes faltam trabalhos a jornal. As duas variedades são muito rusticas e resistem aos peores tratamentos, mas ainda assim vão-se resentindo e enfraquecendo até se extinguirem. Torna-se então necessario semear de novo, o que occasiona uma despeza e uma cessação de rendimento durante dous annos.

Se attendermos á sua vegetação, o córte deveria fazer-se sempre desde agosto até ao fim de outono, isto é, durante a estação em que não cresce nem enflora, havendo demais a vantagem de ter vingado a semente, que poderá revestir as clareiras que qualquer circumstancia tenha escalvado.

O córte deveria fazer-se com instrumento especialmente proprio, talvez com uma fouce curva de fórma aproximada ás que se usam na ceifa do feno, apenas um pouco mais curta e talvez mais pesada [1]. D'este modo o golpe seria mais firme e os cotos rentes ao chão não ficariam quebrados ou esmagados, como acontece actualmente.

Quanto ao seu aproveitamento ha igualmente muitas negligencias a corrigir. Todas as casas rusticas do Minho possuem um pateo, cercado pela casa d'habitação e curraes, a que chamam *eido*, *eirado*, *quinteiro* e em alguns sitios *rua*. O mato é transportado para aqui e estendido ao ar livre. Fica ahi, dizem, para se ir esmagando debaixo dos pés dos animaes, quando entram ou sahem: depois é passado para os estabulos e em algumas localidades só uma parte; a outra permanece ahi, sendo depois empilhado com o das córtes.

[1] No caminho de ferro do Minho onde se usa o mato para sustentar os aterros, não é permittido roçal-o á enxada: vendem-no com a clausula de ser cortado com a *fouce roçadoura* commum.

Este methodo é muito deficiente. Exposto ás intemperies vai-se decompondo e as chuvas levam-lhe aquelles preciosos principios que a planta tinha concentrado.

Considerando todas as circumstancias enumeradas, deveria ser roçado unicamente na época morta, com um instrumento afiado, e em casa deveria ficar debaixo d'um abrigo, até ser introduzido nos estabulos á medida que fosse sendo necessario. Conservaria então toda a sua riqueza primitiva e produziria um adubo d'uma qualidade superior sem augmento de trabalho ou despeza.

No Minho como na Bretanha não se satisfazem e com razão com o que brota naturalmente. Semeia-se. Esta operação é d'uma execução muito facil. Basta cavar a terra á profundidade de $0^{m},20$, o que se chama *picar*: se a sementeira se faz em terreno coberto de urzes é necessario queimar os torrões, aliás estas matal-o-hiam. As pequenas pedras soltas juntam-se a um lado e empregam-se na composição de qualquer caminho, pois que a limpeza do terreno facilita muito o trabalho do córte. A cavagem deve fazer-se entre julho e agosto: em novembro grada-se a terra e semeia-se, ou só ou associado ao centeio ou tremoços; n'este ultimo caso é necessario estrumar. Quando se empregam os tremoços, diz-se, que elles pagam toda a despeza; mas o centeio tem a vantagem de o proteger na primeira idade, pois parece desenvolver-se melhor com este abrigo. D'uma extrema robustez quando adulto, nos primeiros tempos é muito delicado: mas desde que as suas profundas raizes penetrem pelo sub-sólo, tenho visto algumas que descem a 3 e 4 metros, arrostará por largos annos as inclemencias do clima, a magreza do terreno e os maus tratos que lhe dá o cultivador e o seu gado.

Sómente um fino e delgado vegetal o destroe: é uma parasita, pequena planta herbacea, a que o povo chama *linho de raposa*, coscuta elegante e delicada, que o abraça e enleia em tantas e tão multiplicadas voltas de modo que o pobre succumbe irremediavelmente. Quando appareça, o

unico remedio é cortar cerce o tufo inteiro, enrolal-o e queimar tudo immediatamente. O mal não se propaga: mas se ha a imprevidencia de misturar os mateiros atacados com outros as sementes espalham-se, o mal caminhará rapidamente. E' por causa d'esta negligencia que se vêem matagaes destruidos; torna-se necessario semeal-os de novo, trabalho e despeza que um ligeiro cuidado evitaria.

A colheita da semente é uma operação delicada e que demanda muito cuidado. Como a de todas as leguminosas envolvida n'uma vagem (legumen) que quando madura abre e deixa cahir os grãos. Estes, para se aproveitarem, devem ser colhidos antes do seu perfeito amadurecimento. As pessoas que os apanham, geralmente mulheres e crianças pobres, fazem-no furtivamente e por isso deterioram os matos onde operam. Para se guardarem dos espinhos, envolvem as mãos em tiras de couro, e apertando o tufo ao rez do solo, correm-nas de baixo para cima: a mão vem cheia de vagens, mas tambem de folhas e ramilhos quebrados, ficando a mouteira amarfanhada e como que calcada: se não fôr cortada logo, enfraquece e rebenta mal mais tarde. Este processo barbaro deveria ser substituido pelo emprego de tesouras que se aproximassem ás de podar. Collocando a cesta debaixo dos ramos d'onde pendem as vagens, e cortando-as, a planta apenas soffreria uma poda ligeira que em nada a prejudica n'este periodo da sua vegetação.

As glebas onde se produz tem differentes designações locaes, conforme a sua situação e extensão. Todavia *bouça* é o termo mais commum; indica uma parcella, vedada de paredes ou valos e semeada de mato, geralmente com arvores, carvalhos e sobreiros no Minho central, pinheiros bravos (pinus maritima) na zona litoral. Estas glebas encontram-se por toda a parte, intermeando-se com os campos: são ellas que pelo seu caracter florestal e silvestre quebram a monotonia de lavradio, que aliás possuiria toda a região: são ellas as que lhe dão este tom fresco e risonho,

as sombras e o cambiante de colorido que fazem parecer todo o paiz a uma grande floresta com umas certas clareiras cultivadas: são ellas emfim que abundam o cultivador do principal elemento da fertilidade das suas terras araveis, e que lhe fornecem uma pastagem nutritiva ao gado, quando aquellas estão occupadas de cereaes, abastecendo-o tambem de combustivel, madeira e tutores para as outras culturas. Na beira-mar, onde o carvalho desapparece e é substituido pelo pinheiro, a paizagem torna-se mais sombria e monotona, mas o regimen economico é o mesmo, com a differença que durando menos tempo, é necessario renoval-o mais amiudadamente.

Quando a extensão vedada é muito grande e a parede excede a $1^{m},30$ ou $1^{m},40$, a gleba toma então o nome de *cerca*. Esta especie é hoje só possuida pelas grandes quintas e antigamente pelos conventos: mas a cerca não differe em outra circumstancia mais da *bouça*, excepto ter arvores maiores, porque os proprietarios ricos podem-nas conservar mais tempo.

A palavra *deveza*, que está a desapparecer da linguagem popular designava especialmente uma plantação de carvalhos de *talhadia*. Nos concelhos, que prendem com o nordeste montanhoso, exprimem estas glebas com a palavra «mato»: possuir um «mato» é ter um carvalhal que se corta de tempos a tempos ao rez do chão, sendo o seu principal e quasi unico rendimento a lenha e a casca que é aproveitada cuidadosamente, para ser vendida aos fabricantes de couros.

Todos estes termos indicam terrenos ematados e misturados mais ou menos com os lavradios. Dada uma área, o cultivador excluiu da cultura aquella parte que lhe pareceu impropria para a producção directa e semeou-a de mato. Nos sitios onde os terrenos são todos cultivaveis, as bouças afastam-se e estabelecem-se mais longe, onde o sólo se mostrou incapaz e rebelde á cultura. Por isso se encontram em sitios manchas extensas de mato; nos montes sobretudo

este caso é vulgar. Aqui apparecem tambem as *sortes*, restos ainda talvez d'uma antiga propriedade communal. Esta palavra designa uma gleba, limitada com marcos de pedra ou arvores, onde o proprietario só tem como direito exclusivo o de *roçar*, sendo a pastagem commum a todos os visinhos d'uma freguezia ou lugar. Os montes, divididos assim entre os proprietarios dos valles e da meia encosta eram governados por dous regimens differentes: a propriedade particular quanto ao *roço*, a commum quanto ao pasto. Por toda a região ainda se encontra actualmente este regimen, que já desappareceu em muitos pontos e desapparecerá fatalmente dentro de alguns annos da provincia. A pratica tendo mostrado que o arvoredo não se póde desenvolver nos montados, sujeitos a este costume, e que o mato, tozado constantemente pelo dente do gado, cresce vagarosamente e se torna excessivamente lenhoso, e por outro lado o codigo civil permittindo a vedação, os proprietarios vão tapando cada um as suas sortes, de modo que dentro d'um periodo curto não mais haverá terras d'esta especie no litoral e centro do Minho. Este movimento não se fez comtudo facilmente: em muitos sitios houve levantamentos da população pobre e sobretudo dos pequenos lavradores, a quem faria falta o logradouro commum. Mas no estado em que se achavam ultimamente os montes tosquiados e rapados pelos homens e animaes sem arvoredos e com pouco mato, a utilidade que prestavam era na verdade insignificante, para não dizer nulla.

«Em alguns concelhos em que se dividiram os baldios tem-se tirado bom resultado, como se vê no concelho de Monsão, que está coberto de pinhaes, tendo talvez a melhor agricultura do districto, muitos gados e vivendo bem os povos sem os baldios [1].»

A resistencia, que se oppunha ao movimento era mais produzida pelo habito tradicional, do que por uma verda-

[1] *Recenseamento geral dos gados*, 1870: Relat. do snr. J. Lino Emilio, pag. 349.

deira necessidade; pois de facto esses terrenos vagos estavam realmente assolados. Mas tapados cobrem-se e tufam-se immediatamente d'arvores; picados e semeados de mato o rendimento n'esta especie sobe de 1 a 10 ou mais.

As terras *de bravio* não tem um valor independente no calculo geral d'uma propriedade: consideradas como auxiliares indispensaveis das outras, não se lhes attribue um rendimento directo. E' certo que as *de lavradio* terão n'esta relação mais ou menos merecimento, segundo possuem annexadas as glebas de mato em maior ou menor quantidade, e mais ou menos proximas: como aquelle producto vem fertilisar as ultimas, é evidente que o lavrador que o vendesse, esterilisaria os seus campos. Na compra d'uma propriedade que não tem *bravios*, o comprador calcula o mato que será necessario e abate-lhe o seu valor.

Em toda a provincia a extensão d'estes terrenos é muito consideravel, como se deveria suppôr em consequencia dos beneficios que prestam á lavoura. O *Relatorio ácerca da arborisação geral do paiz*[1] calcula a sua área em 224:000 hectares, que divide da seguinte forma:

Entre Douro e o Cavado:		
Ao nascente do Tamega, entre este rio e a ribeira de Teixeira, suppondo-a prolongada para o norte até ás alturas de Mondim	19:000	hectares
Ao poente do Tamega, na corda de serras que se prolonga desde o Douro até ao Cavado (70 a 75 kilometros) desde Melres até á Cabreira	32:000	»
Sólo inculto correspondente á bacia do Sousa	9:000	»
Dito ao norte do Ave, Terra-Negra, etc.	3:000	»
Dito entre Villa Nova de Famalicão e Guimarães	1:300	»
	64:300	»

[1] Lisboa, typographia da Academia Real das Sciencias, 1868.

Transporte . . .	*64:300*	*hectares*
Sólo inculto na serra da Falperra a contar das alturas de Pedralva para SO.	5:200	»
Dito desde Aboim até Guimarães . .	10:500	»
Dito desde as alturas de Ruivães até Braga	8:200	»
Dito no monte das Caldas (entre Braga e Barcellos) e serra d'Airó. . . .	800	»
	89:000	»

Entre o Cavado e o Minho:

Serra do Gerez e da Abadia	16:000	hectares
Serra Amarella entre o Homem e o Lima	13:000	»
Retalhos incultos que cercam o Neiva	21:000	»
Serras do Soajo, Castro Laboreiro e outras situadas entre a fronteira da Galliza e o Valle de Vez.	51:000	»
Serras do Corno-de-Bico, de Miranda e da Bolhosa	11:000	»
Ao poente das serras de Miranda e da Bolhosa, comprehendendo as da Labruge, d'Arga, de Perre, de Santa Luzia e de Faro, situadas entre os valles do Lima e Coura, e nas de Carvalho e Sampaio, entre os valles do Coura e Minho	23:000	»
	135:000	»

Pela descripção que precede vê-se que as manchas incultas são mais consideraveis nos sitios onde escasseia a população, o que é devido principalmente á configuração do

sólo, e onde a agricultura se torna mais *extensiva*. Essas partes montanhosas, de encostas escarpadas, e de valles apertados, estão na sua generalidade dispostas a receber florestas. O cultivo deverá ser a excepção. Nos outros pontos a cultura atacou por todos os lados os terrenos aproveitaveis, deixando apenas fóra da sua industria os tractos que se não prestavam a ser explorados senão indirectamente, por um producto que a viesse auxiliar.

Fica comtudo avaliada a extensão inculta em 224:000 hectares: mas este calculo deve ser inferior á verdade, por isso que os illustres redactores do Relatorio apenas attenderam ás nodoas mais largas, deixando de lado as pequenas que se intercalam no meio das culturas e que sommadas devem perfazer uma verba importante.

Em todo o caso a relação entre a área total da provincia, representada por 768:546 hectares [1], e o terreno inculto será 1 de bravio para 3,4 da superficie geral.

Se se quizesse procurar a relação entre as terras agricultadas e as incultas, seria necessario deduzir primeiramente á superficie total o espaço occupado pelas cidades, casas dispersas, leitos dos rios, estradas, etc., e acrescentar ás segundas a somma de todas as parcellas, a que anteriormente nos referimos, o que daria certamente a relação de 1 : 1 ou antes com mais verdade uma maior extensão das ultimas. A primeira vista a agricultura vêr-se-hia reduzida a menos da metade da superficie livre para o exercicio d'esta industria: mas ponderada a funcção que estas exercem, como temos exposto, é fóra de duvida que se devem considerar aproveitadas, pelo immenso auxilio que prestam á producção agricola. Só em certos sitios, onde as manchas são maiores, se encontram excepcionalmente bravios, que podiam ser arroteados, como acontece no Alto-Minho, segundo observa o Relatorio.

---

[1] *Revista de Guimarães*, vol. II, n.° 4.

Dada a topographia e a geologia do Minho, a conservação do mato representa uma verdadeira necessidade local. Não quer isto dizer que o seu aproveitamento satisfaça todas as precisões da formação dos adubos e que o cultivador deva, como até hoje, continuar a privar-se do uso das substancias calcareas, que exercem uma influencia fecundante de primeira ordem n'uma terra, em que faltam ou escasseiam notavelmente; mas sim que é e será sempre um recurso immenso, porque põe á sua disposição uma enorme massa de substancias fertilisadoras por um preço minimo, produzidas em terra de que aliás não poderia tirar outro proveito.

N'este ponto a sua actividade deveria convergir em ematar por igual os seus bravios principalmente com a variedade *molar*, mais rendosa, mais tenra e que se desaggrega mais facilmente, formando uma pasta mais fina e mais espessa. A arborisação devia seguir este trabalho, escolhendo-se as essencias que sejam proprias para a producção de madeira e lenha. O rendimento de taes terrenos, considerados como productores de pastagens, mato e madeiras poder-se-hia elevar muito consideravelmente. O desnudamento florestal, que se póde notar em algumas localidades da região, representa na maior parte uma negligencia condemnavel, porque com um pequeno trabalho o paiz augmentaria a sua riqueza e o aformoseamento das suas terras.

A falta de combustivel que se sente em sitios não tem outra origem: emquanto a população lucta com difficuldades para obter a lenha necessaria aos seus usos domesticos, e a transporta de grandes distancias, ao pé existem bouças despidas d'arvores. É um erro suppôr que n'estas condições o mato cresce e se desenvolve melhor: pelo contrario, exposto, sem o abrigo das sombras, á acção directa do sol, torna-se mais duro, mais lenhoso e de mais difficil decomposição.

N'um paiz, como este, tão densamente populoso é preciso bemfeitorisar toda a terra, e qualquer que seja o aproveitamento, imposto pela sua situação e qualidade, é neces-

sario que se torne o mais rendosa possivel. O cultivador na maioria das vezes, colono por simples arrendamento, não póde empreehnder e realisar estes melhoramentos a largo prazo: é então que deve apparecer a acção do proprietario, a quem cumpre não deixar diminuir o rendimento e ao contrario esforça-se para que vá augmentando successivamente.

A APROPRIAÇÃO DA TERRA E AS CLASSES QUE CONSTITUEM A POPULAÇÃO CAMPESTRE

A quem vê hoje a provincia, coberta d'uma rede inextricavel de divisões, dispostas por toda a parte em estreitas malhas, ajustando-se a todos os contornos e relevo do sólo, com as casas rusticas dispersas pelos vales e encostas, — parecerá que nunca foi d'outro modo e que se houve canto do mundo em que a propriedade individual tinha de nascer espontanea, devera ser este, onde tudo estava indicando o regime actual, desde a configuração do terreno até á abundancia da agua.

Houve todavia uma epoca, em que a população vivia no alto dos montes: era esta a regra normal em toda a região, como mostram as ruinas da citania de Briteiros e Sabroso (Guimarães), da do Monte da Saia (Barcellos), da de Paços de Ferreira e de tantas outras que cobrem os picos culminantes das cordilheiras que atravessam o paiz.

Que essas ruinas representam verdadeiros logares rusticos, onde a população se recolhia para maior segurança, como indicam as muralhas de defeza, é sem duvida uma hypothese verosimil. Com os habitantes assim aldeados ou grupados em povoações, partindo d'alli para os seus trabalhos, a provincia apresentaria já uma feição muito differente, feição que chegou até á occupação romana, por isso que muitas d'estas se encontram romanisadas. Até pelo menos a essa epoca, o regime quanto ás habitações era totalmente diverso do presente e deixa supôr que o da terra

seria tambem outro, adequado a tal disposição das casas. Se com as habitações dispersas é necessaria a propriedade individual, a collectiva torna-se possivel quando se agrupam em logares.

E de facto os vestigios d'esta, posto que raros, transparecem ainda sufficientemente para mostrar que a situação actual, se creou e se desenvolveu sobre um regime diverso, o qual, destruido e arruinado, como as antigas citanias, deixou comtudo alguns restos que afloram por entre o presente, como as pedras soltas d'aquellas edificações através dos escombros e das plantas espontaneas que as entapetam.

Ainda n'este seculo, até quasi ao fim do segundo quartel, a maior parte dos montes da provincia eram todos baldios ou communs aos visinhos d'uma parochia ou logar, quer por costumes antigos quer por provisões regias, que não tinham outro fim senão sanccionar o uso tradicional contra as pretenções de algum rico senhor da visinhança. Ali pastoreava o gado de todos, ali, roçava o mato ou cortava lenha quem queria. No meio d'estes terrenos via-se raramente n'um ou n'outro sitio uma *tapada* particular e outras vezes appareciam as *sortes*, glebas soltas em que o roço era de propriedade individual, mas o pasto commum.

Tapadas e *sortes* eram a excepção, mostrando esta segunda palavra qual o regime anterior. «O sorteio era um uso muito antigo que as populações da Grecia e da Italia praticaram sempre para a apropriação da terra e sem o qual parecia não ser possivel constituir-se a propriedade particular . . . Na linguagem popular *possuir pela sorte* significava — possuir com exclusão dos outros. Quando se queria dizer que um homem de simples occupante se tornava proprietario em virtude d'um titulo regular, dizia-se que possuia não por occupação mas por sorte, *ex occupatione tenebat in sorte.*» [1]

As *sortes*, não se podendo dar senão sobre terrenos que

[1] Fustel de Coulanges, *Hist. des institutions politiques de l'ancienne France*, 194

não eram de propriedade individual, serviam para fazer entrar os outros n'este regime: entre os romanos tanto bastava para o estabelecimento da propriedade particular; mas aqui os habitos e os costumes de pastorear o gado livremente não respeitava os marcos divisorios. A nova fórma de possuir nos montes continha demais uma revolução quanto ao sustento do gado e numero de cabeças. Em toda a provincia abundavam os rebanhos de ovelhas que se alimentavam quasi exclusivamente do pasto d'estes terrenos: constituidos em propriedade particular, está visto que esses rebanhos deviam desaparecer, o que de facto aconteceu. Por isso o antigo costume resistia; por isso para esses tratos saírem definitivamente da collectividade, era necessario vedal-os com paredes ou valos continuos que excluissem da sua fruição os animaes que costumavam pastorear ali.

Por outro lado tambem a *sorte* havia perdido o seu antigo caracter sagrado: significava apenas uma extensão pertencente a um particular, que aliás tinha de a defender, se quizesse gozal-a completamente com exclusão dos outros: mas nem por isso deixa o termo de ter o valor necessario para mostrar a passagem do velho ao novo regime.

Foi assim que nos ultimos cincoenta annos se tem transformado a propriedade dos montes. Divididos e aforados aos visinhos d'um logar ou parochia, que já os possuiam em commum, cada um recebeu a sua gleba, *sorte*, que limitou com marcos. Dá-se então quanto ao uso um systema mixto. O roço é exclusivo, mas o gado pastorea ainda livremente. Depois o dono da sorte, veda-a d'uma maneira continua, e aparece então a *bouça*, que termina a serie e estabelece definitivamente a propriedade particular. Assim se taparam ou se estão tapando todos os montados, assim vão desaparecendo os baldios n'estes terrenos.

Descendo dos montes, encontram-se em certas planuras enxutas campos mais extensos que ordinariamente, e onde podem ser cultivadas as plantas da antiga lavoura, — centeio, trigo, aveia, cevada, painço e milho alvo: vedados exte-

riormente por paredes ou valos, e dentro divididos em fitas ou bandas paralelas, chamadas *leiras*, [1] limitadas sómente por marcos ou regos, com um caminho commum que se abre ou fecha, segundo ha ou não culturas pendentes, estes campos são conhecidos em quasi toda a provincia pelo nome apelativo de *agras*.

Cada leira tem o seu dono, cada um amanha a sua, e recolhe os fructos, mas o afolhamento é o mesmo em todas, que são semeadas e ceifadas simultaneamente. No tempo de repouso abre-se o caminho e o gado pasta ali quasi livremente.

O aspecto d'estes campos largos e abertos n'um paiz de pequenas glebas, as suas divisões regulares com a mesma orientação, contrastando com as fórmas irregulares dos que os cercam, sem outras divisões além de marcos quasi rentes ao sólo, quando as outras parcellas ao lado se erriçam de muros, todas estas circumstancias estão mostrando a communidade primitiva.

Esta fórma especial tão distincta e caracteristica deixa-nos prever que a collectividade deverá ser o primeiro regime juridico d'estas chans, então sem duvida possuidas d'essa maneira pelos moradores d'um logar, como mostram as circumstancias anteriormente mencionadas e sobretudo a vedação comprehendendo todas as leiras e o caminho de servidão commum.

Quando aconteceu a transformação d'esse regime?

A designação foi-lhes dada com certeza pelos romanos que deveram chamar-lhes *agri*, *ager*, ou por serem uns plainos mais amplos, ou por se destinarem unicamente á producção de grãos, ou por terem sido na occasião da conquista incorporados no dominio publico — *ager publicus*, e n'esta hypothese mais tarde por elles mesmos talvez convertidos em propriedade individual.

---

[1] Esta palavra parece vir da latina *lira* que significa *margem* ou *taboleiro* de terra lavrada.

Seja como fôr, é certo que conservando o mesmo exterior archaico, estes campos atravessaram assim todas as convulsões e invasões que soffreu a provincia, até caírem em poder dos grandes detentores feudaes; mas quando chegou o tempo dos prazos, estes tiveram de os incluir nos emprazamentos: dizem estes titulos — «item uma leira na *agre* de . . .»

Outro exemplo, como os precedentes, podemos notar tambem nos *logares:* quando as habitações se agrupam, quasi nunca arruadas, mas espaçadas e separadas pela *horta* e *curtelho* ou *curtinha*, ficava em face, como ainda hoje é vulgar, um terreno de logradouro commum, plantado de carvalhos ou castanheiros — o *souto*. Actualmente dividido em leiras abertas, aos donos de cada uma pertencem a lenha e os fructos das arvores; mas o logradouro quanto á passagem, reunião, entrada e saída do gado, etc., é de todos os visinhos. Quando se fizeram os aforamentos estes terrenos ficaram sem duvida no uso colectivo: mais tarde foram divididos, ficando os lotes soltos: modernamente estão a desaparecer, ou a reduzir-se pela vedação de todas ou algumas leiras. N'esta especie encontramos o mesmo processo que se adoptou na transformação do regime dos montes.

Do mesmo modo, as aguas que constituem uma das grandes riquezas naturaes da região, nem sempre são de propriedade individual, mas mais geralmente são communs a muitos com-proprietarios, que se chamam *consortes*, termo expressivo e que por si só mostra, como anteriormente se expôz, um antigo regime communal.

As antigas culturas prescindiam de regas, a não ser os prados, destinados á producção das forragens. Não admira pois que a agua não fosse um elemento tão essencial, como depois da introducção do milho grosso *(zea mais)*, que produziu uma revolução agricola na região, como em todos os paizes meridionaes. Só então, n'esta epoca em que a terra já estava constituida na fórma da actual propriedade, é que se devera tratar sériamente do aproveitamento das correntes,

e do seu rateamento de modo que a nova graminea pudesse ser vantajosamente cultivada.

Mas muitas nascentes resistiram a esta apropriação, nomeadamente no inverno: ou fosse difficil a divisão, ou aos visinhos de certos sitios agradasse mais o uso commum, é certo que se encontram hoje muitas correntes indivisas, e reguladas pelo costume de *torna-em-torna*.[1] O dono do predio, por onde passa o rego, tem o direito de desviar toda a agua ou parte, á sua vontade, uma vez que ninguem esteja a guardal-a: é de todos, cada um póde tomar a que quizer; não pertence a este ou áquelle, e portanto quem mais tirar, maior proveito terá.

As outras, quer derivadas de ribeiros, quer de nascentes isoladas, estão divididas em dias e até em horas: muitas vezes uma pequena corrente, *rêgo de regar*, no verão vai levar de taboleiro em taboleiro, de depressão em depressão a riqueza e a abundancia; uns consortes terão apenas uma hora ou horas de certo dia por semana, outros dias completos: quando acaba o tempo do que está regando, o que se lhe segue está já prompto *a pegar no rego*, ou é avisado pelo toque d'uma *busina:* de noite e dia se faz esta divisão d'uma cousa realmente communal, por isso que pertence a muitos: de noite e dia a agua vai correndo rateada pelos differentes consortes.

Os vestigios que acabamos de expôr são bastantes para demonstrar que anteriormente á occupação romana devera existir um modo de possuir a terra muito differente do actual. Mas o novo direito introduzido pelos conquistadores, as subsequentes invasões e estabelecimento dos suevos e wisigodos com os seus costumes e a divisão das terras, depois as guerras contra os arabes e a defeza que foi necessario organisar contra elles, todos estes acontecimentos cheios de luctas e convulsões sociaes destruiram o regime antigo, crearam a classe dos grandes detentores, senhores feudaes,

[1] *Tornar* significa desviar a agua d'um rego para outro.

seculares e ecclesiasticos, chefes e guerreiros que comandavam e batalhavam.

Ao fundar a monarchia, estes grandes donatarios — commendadores, conventos, cabidos e igrejas, tiveram de recorrer á emphyteuse romana para poderem tirar qualquer proveito das suas terras, como anteriormente se indicou. [1]

Que estes prazos foram primitivamente constituidos aos colonos não póde haver nenhuma duvida, como, além dos dizeres expressos dos titulos, o demonstram as pequenas dimensões de cada emprazamento, determinados em regra geral pela extensão que poderia ser amanhada por uma familia.

Quando um donatario era senhor d'um tanto consideravel, com differenças muito acentuadas quanto á sua capacidade productiva, estabelecia os emprazamentos não em zonas continuas, mas tomava parcellas nas diversas accidentações, de modo que cada casal viesse a possuir glebas de todas as qualidades. No vale ou na depressão humida e regada teria cada um d'elles o lameiro ou lameiros destinados a produzir as forragens, pois só muito tarde, quando se introduziu o milho grosso, é que estas terras mudaram de cultura; nos sitios secos ou que se podiam facilmente enxugar, os campos destinados á producção dos grãos, sustento da familia, o centeio, a aveia, o trigo, o painço *(panicum italicum)* e o milho alvo *(panicum miliaceum)*: nos pontos mais pedregosos ou incapazes de producção directa, as glebas de bravio, d'onde tiraria o mato para os estrumes, a lenha e a madeira para seu consumo. No local destinado á casa ficava sempre, além do chão em que esta deveria edificar-se, junto a elle o sitio da horta e um pequeno campo que por toda a provincia conserva o nome de *curtelho* ou *curtinha*. [2]

---

[1] *Revista de Guimarães*, vol. II, n.º 4

[2] Na Flandres, segundo o snr. Em. de Laveleye *(Econ. rur. de la Belg.)*, esta gleba junto á casa é designada nos documentos dos seculos VIII e IX pela palavra *curtis*: cita dous textos — *Curtis clausa cum domibus sepeque circumdata*, *Curtem cum sepe circumcinctam*. Em Portugal chama-se *curral* a pequenos cerrados, tapados, de propriedade particular, onde cultivam plantas annuaes. Não estão proximos ás casas, mas constituem manchas de propriedade particular no meio de terrenos collectivos.

Este systema d'acquisição por arrendamento perpetuo, tirando a terra quer do regime colectivo, que pelos vestigios anteriormente indicados ainda n'esta epoca devia subsistir em parte, ou fazendo-a passar para a usufruição dos cultivadores do dominio dos grandes donatarios, que se haviam apossado de largos tratos, — este systema, constituindo definitivamente a propriedade individual em lotes reduzidos, desenvolveu em todos e cada um o desejo tenaz de possuir bens de raiz, ainda mesmo que estes não pudessem satisfazer todas as necessidades ou dar emprego ao trabalho de toda a familia.

O apparecimento dos prazos deveu tambem modificar completamente o modo de ser da classe dominante. Por isso talvez nunca pudesse fundar-se uma forte aristocracia feudal. Desde que o colono possuia de facto, a acção do directo senhor limitava-se apenas a receber o fôro e os outros encargos, que por fim pouco mais eram que o reconhecimento d'um direito em muitos casos duvidoso. Mas o vinculo profundo que o ligava á terra estava desfeito. O donatario, que emprazava ainda que com o intuito de receber mais tarde a terra em condições melhoradas (prazo de vidas), abdicará desde logo realmente da propriedade, como effectivamente aconteceu, quando o foreiro, forte pelo direito do trabalho e das bemfeitorias, forçou o senhorio a reconhecel-o como verdadeiro proprietario.

A propriedade rustica do Minho, começando pois nos tempos historicos pela concentração nas mãos dos grandes detentores, passou em seguida a retalhar-se em pequenos lotes, adoptando-se para cada um systematicamente a dispersão das glebas; mal que se aggravou profundamente quando após uma lucta que se prolongou durante seculos, entre foreiros e senhorios, veio esta a terminar-se modernamente pela extincção da maior parte dos prazos, cujos terrenos livres terão agora, segundo a legislação actual, de se retalharem e dispersarem cada vez mais.

Esta dispersão das glebas, se nos primeiros tempos sa-

tisfazia uma necessidade, perequitando a capacidade productiva d'um conjunto d'emprazamentos com terras de diversas graduações, é hoje um grave embaraço ao adiantamento da agricultura local. Se a pequena propriedade tem sobre a grande a vantagem de dar á terra os amanhos, de que a outra é incapaz, torna-se comtudo necessario que opere n'uma extensão contínua, que possa estar constantemente debaixo da vigilancia do cultivador, e de modo que este não perca tempo no transporte dos adubos, dos utensilios e por fim das colheitas, assim como tenha a liberdade e a independencia de cultivar o que mais lhe convém. A dispersão das glebas é o mal profundo [1] que afflige e affligirá por muito tempo a agricultura local emquanto leis geraes e a comprehensão das necessidades actuaes não fomentarem a reunião. Só depois de cada casal estar formado por superficies contínuas, é que poderá ser aplicado ás culturas que lhe são mais adequadas.

Se antigamente o mercado não recebia grande variedade de productos e era sobretudo de boa economia que cada um produzisse o que lhe era necessario para a vida, não assim hoje, que não só é possivel mas preciso que á industria agricola se adapte a divisão do trabalho e que cada terra produza de preferencia o que está principalmente na sua capacidade natural.

Em todo o caso, o regime da emphyteuse, regra geral da propriedade minhota, se tornou de facto a terra a propriedade do cultivador, visto que o *foro* ou *canon* nos primeiros tempos era uma percentagem tão minima que não abatia a renda e tinha apenas por fim o reconhecimento do senhorio directo, tambem, pelo augmento posterior da riqueza mobiliaria, permittiu aos que se enriqueceram formar grandes, ou medianas fortunas territoriaes, divididas em pequenos prazos, dispersos por varias localidades da pro-

[1] Sobre a dispersão ou separação das glebas de que dispõe um cultivador, póde-se consultar — J. Boyd Kinnear, *Principles of property in land*, pag. 126 e segs., e Alp. de Foville, *Le morcellemant*, cap. XIII e seg.

vincia, e arrendarem-nos por arrendamentos simples a colonos pobres que vieram ajuntar-se aos lavradores proprietarios.

As familias abastadas actuaes possuem na generalidade as suas terras por emprazamentos, quer ás extinctas commendas e corporações religiosas, quer aos donatarios seculares, que na maior parte trocaram a capital pela provincia, desde que sem acção directa sobre a cultura, apenas lhe restava um como direito ideal sobre as terras que cercavam os seus solares.

Os terrenos allodiaes eram raros, e onde apareciam alguns retalhos n'estas condições, chamavam-se em sitios *dizimos a Deus*, como indicando que não tinham outro senhorio, nem estavam sujeitos a mais encargos senão áquelle imposto ecclesiastico abolido em 1833.

Em todo o caso, sem o reconhecimento do dominio directo era impossivel constituir um casal d'uma extensão apreciavel.

Mas a pequena propriedade, representando uma grande somma de trabalho na cultura, deveria crear em volta d'ella uma massa consideravel de salariados, indispensaveis em certos periodos do anno, assim como todas estas industrias, que começando por lhes servir de auxiliares, não só pelas necessidades que lhe satisfaziam, mas tambem pelo emprego que dariam aos braços na estação morta vieram mais tarde a exportar e a vender os seus productos nos mercados da provincia e algumas em todos os do paiz.

Assim nasceram a fiação de linho e lã, a tecelagem, a carpintaria agricola, que produz a maior parte dos instrumentos e utensilios da lavoura, e tantas outras até á ferraria, d'onde deviam nascer as serralharias e cutelarias provincianas.

Todos estes pequenos industriaes, vivendo fóra dos agrupamentos urbanos, entraram igualmente no movimento geral da divisão da terra, e posto que as suas occupações ordinarias os prendessem a outros mistéres, todavia o desejo

de possuir bens de raiz levou-os a adquirir os lotes minimos, ora a casa e horta, ora além d'estas um pequeno campo annexo. As familias verdadeiramente proletarias «sem eira, nem beira ou ramo de figueira» são muito raras no campo e representam uma fracção minima. Possuir pelo menos a sua habitação é um ideal que acompanha sempre o homem do povo e que só deixará de realisar, se lhe forem constantemente adversas as eventualidades da vida.

O typo dos patrimonios ruraes, ainda que referindo-se sempre á pequena propriedade, devia comtudo, n'um paiz tão densamente povoado, soffrer oscillações desde o minimo — a casa só ou com horta, até á exploração agricola, que começando em 2 ou 3 hectares póde ir até 25, que nos parece ser o limite maximo para um só casal, comprehendendo-se n'esta conta os terrenos de mato. Só quando se juntam alguns casaes n'uma peça continua, o que não é vulgar, é que póde apparecer uma quinta de 60 a 70 hectares, mas dividida sempre em lotes, para ser agricultado cada um por uma familia. Sómente pela absorpção de muitos prazos e arredondamentos successivos é que é possivel obter-se uma superficie contínua d'esta extensão. [1]

Segundo a sua extensão e bemfeitorias os patrimonios tomarão differentes designações.

No fundo da escala encontra-se o que se chama uma *propriedade:* é constituida ora unicamente por uma só casa de habitação popular, muitas vezes com horta, e algumas tambem com um pequeno campo annexo. A casa é sempre terrea : a um lado a cozinha, junto um ou dous compartimentos soalhados, uma loja e um pequeno curral de porcos. Se o proprietario exerce uma industria que exige um aposento á parte (carpinteiro ou ferreiro) terá annexo um telheiro onde trabalha. A cultura na gleba que possue é quasi sempre

[1] A falta de dados estatisticos não nos permitte avaliar exactamente a extensão de cada especie de predio, e das glebas que os compõem. As verbas que apresentamos são sempre aproximadas.

a horticola, excepto se tem maiores dimensões, porque em tal caso semeará milho ou centeio: ao lado da casa fará a pilha do estrume que as creanças ajuntam nos caminhos, e que fertilisará a sua terra ou será vendido aos lavradores visinhos. Ha propriedades só com a casa d'um unico aposento, que serve para tudo incluindo o alojamento dos animaes: ha outras com edificações quasi luxuosas, e seu quintal murado. Pertencem estas a capitalistas repatriados. A série que começa na cabana do pobre termina no palacete do brazileiro.

Segue-se-lhe o *eido*, [1] agrupamento de 3 ou 4 glebas, com uma pequena casa de exploração. Não sustenta nem dá que fazer a uma familia durante o anno inteiro, e comprehende desde 2 a 3 hectares ao todo. O proprietario d'esta especie junta quasi sempre á cultura outra profissão, seja uma industria propriamente dita ou a de negociante. No tempo de maior faina o dono e a sua familia trabalham nas suas courelas: passada esta, cada um procura outro trabalho ou em outra parte.

O *casal* é o patrimonio rural typico do Minho: compõe-se d'uma casa de exploração, hortas, terras de lavradio (secas e regadas) e de mato: a sua extensão é variavel desde 4 a 25 hectares, sendo raros os que excedem esta superficie no conjunto das suas glebas, que podem oscillar de 12 a 15 para a cultura e um numero um pouco menor das de bravio. O casal, que corresponde talvez ao que nos primeiros tempos da monarchia se chamava *villa*, é um predio rustico destinado precisamente á producção agricola. Os muros de vedação são geralmente baixos, levantados unicamente com o fim de obstar ás invasões dos animaes: as glebas podem ser continuas ou dispersas: geralmente estão n'estas ultimas condições: a casa é destinada tão sómente á habitação do cultivador, proprietario ou arrendatario.

---

[1] Esta palavra designa tambem em muitos sitios o pateo interno, *quinteiro* ou *rua*: foi talvez por extensão que se lhe deu o significado de pequeno casal, significado que aliás tende a desaparecer da linguagem popular.

A *quinta* designa um casal ou alguns reunidos, differençando-se apenas d'este pela casa de habitação ou por não ser cultivado pelo dono: a quinta segundo a sua denominação actual além das construcções destinadas á exploração agricola e habitação do colono, tem uma casa maior ou menor destinada ao proprietario, ali residente ou não, mas que não cultiva: assim se diz. *casas de habitação e de caseiros:* a quinta póde ser mais pequena que o casal, mas o que a distingue presentemente é a casa ou a cultura por arrendamento. Muitas quintas teem alguns casaes agrupados, e são portanto constituidas por muitos titulos de emprazamentos, raras vezes por um só e muito mais ainda pelo *vinculo*.

Ordinariamente a quinta possue glebas dispersas, sobre tudo as de lameiro quando a sua situação principal é em terrenos secos. Entre estas encontram-se algumas que foram solares das antigas familias feudaes, que pela maior parte saíram da provincia, sendo hoje possuidas por outras.

A cada um d'estes typos de predios rusticos corresponde uma classe perfeitamente caracterisada. O proprietario da quinta não cultiva e ora reside n'ella, ora em outra, ou n'uma cidade. O absenteismo tem-se acentuado mais ultimamente; a passagem da propriedade das antigas familias para as mãos dos capitalistas, que preferem geralmente as cidades, as necessidades maiores da vida actual, obrigando os proprietarios d'esta classe a procurar em qualquer profissão um rendimento auxiliar ás suas despezas, e a maior facilidade de comunicações que tornam mais faceis as visitas de cada um ás suas propriedades, todos estes factos teem concorrido para saírem das freguezias ruraes as familias mais ricas, que costumavam residir ali. O absenteismo todavia aqui não é tão prejudicial, como em muitos outros paizes: as extensões possuidas sendo muito limitadas, e os valores mobiliarios não subindo a tal importancia que deixem os bens de raiz n'uma posição secundaria, é fóra de duvida que cada um, mesmo ausente, se esforçará para beneficiar as suas terras de modo que possa tirar d'ellas um

rendimento de que aliás não póde prescindir. Não poucas vezes este proprietario *absenteista*, por isso que reside nas cidades, e póde conhecer melhor o movimento da agricultura moderna, é o introductor de processos novos, e sobretudo de novas variedades de plantas e de raças aperfeiçoadas de animaes. Geralmente respeitado e bemquisto de toda a população, é d'elle principalmente que se póde esperar, que um dia a agricultura provincial melhore os seus antigos processos, e aperfeiçoe os seus productos. Possuindo os capitaes, e tendo o prestigio moral necessario para convencer os outros pequenos possuidores, a quem faltam os meios e a instrucção, esta classe se se unisse e estudasse extensamente todas as questões d'agronomia e economia rural, é fóra de duvida que dentro em poucos annos a lavoura regional poderia fazer grandes progressos e collocar-se rapidamente ao lado dos paizes melhor e mais economicamente agricultados.

O proprietario d'esta classe é conhecido geralmente pela designação de *fidalgo*, qualquer que seja a sua ascendencia. Este termo corresponde precisamente ao *bourgeois* francez, com differença todavia que aquelle indica ainda um respeito antigo, que já não tem est'outro; mas se o ponto de vista antigo se conserva na palavra, o sentido é actualmente diverso. O que faz a *fidalguia*, diz o povo, «não é o nascimento, mas o dinheiro»: e é este pensamento que exprime na extensão que dá ao termo que seus paes antigamente reservavam ás pessoas descendentes de familias nobres.

O *fidalgo* actual não possue commumente maiores lotes que muitos proprietarios lavradores, que não raras vezes são mais ricos, que elle, em bens de raiz. O que o distingue principalmente é a sua posição social, maior illustração e talvez mais valores mobiliarios. E' elle que construindo, edificando e plantando tem concorrido para os melhoramentos que se vão effectuando todos os dias. A sua acção seria mais energica, e mais productiva se fosse melhor dirigida e sobre-

tudo se fosse sujeita a um plano uniforme, depois de estudadas devidamente as questões locaes.

O lavrador proprietario segue na cultura o ensino tradicional. Privado de instrucção technica e de capitaes não póde emprehender grandes melhoramentos: o seu esforço limita-se a conservar as suas propriedades n'um estado regular de producção, segundo a média geral. Trabalha nos campos com a sua familia. Vive, traja e alimenta-se como o povo, de que se distingue sómente pelos seus haveres. O ensino pratico seria um dos maiores beneficios que o estado lhe poderia conceder. Se cada um soubesse os recursos que póde tirar do seu campo, o progresso na cultura caminharia rapidamente: proprietarios e cultivando directamente, as suas economias aplicadas intelligentemente em bemfeitorias, realisariam dentro de pouco tempo uma maior somma de adiantamentos.

Os arrendatarios de predios rusticos (caseiros) constituem uma classe geralmente pobre, sustentando-se a si e á sua familia com difficuldade, e com custo acumulando alguns meios para os dias tristes da velhice.

Os arrendamentos fazem-se por um anno [1] ou a renda fixa em generos (arrendamento a *sabido*) excepto o vinho que é sempre o *terço*, isto é ⅓ da colheita para o arrendatario ou a por parceria agricola *(a meias)* pela qual se divide a producção em duas partes, uma para o proprietario outra para o caseiro: o vinho sempre a *terço*. Os arrendamentos a sabido são sempre estabelecidos sobre a *ametade*, que todavia augmenta ou diminue, segundo as localidades e a maior ou menor procura.

O caseiro não edifica, não arroteia nem planta: todos estes encargos como os demais, impostos, reparos, constru-

---

[1] O arrendamento termina sempre no dia de S. Miguel, 29 de setembro, mas a mudança só se effectua *pelos Santos*, 1 de novembro. O novo arrendatario tem todavia o direito de cortar o matto, semear o nabal, semear a neiva, plantar a horta nos mezes d'agosto, setembro e outubro: mas não se estabelece na casa senão no de novembro.

ções novas, etc. recaem sobre o proprietario. Recebe a terra prompta e explora-a tão sómente. Não precisa de capitaes; basta-lhe o gado e a *apeiria;* e nem sempre aquelle lhe pertence, pois não faltam pequenos capitalistas que lh'o forneçam a *perda e ganho* (parceria pecuaria). Estas operações antes da crise actual, eram tão rendosas e seguras, que havia muitos individuos que não davam outra applicação aos seus fundos. O *seareiro* (socio capitalista) vai ás feiras com os interessados assistir ás compras e vendas recebendo logo ali o seu quinhão. Consideram-se felizes os caseiros que teem quem lhes empreste o dinheiro pela taxa corrente de 5 %. N'este caso, se se administra bem, se o arrendamento é em termos razoaveis, e se possue habilidade profissional, poderá fazer com muita economia uma pequena fortuna.

Mas em geral os caseiros teem quasi sempre de procurar n'uma industria auxiliar os meios que os ajudem a viver: a commumente preferida é de *carreteiro (carroceiro)*: são elles que fazem o geral dos transportes em toda a provincia, concorrendo com os caminhos de ferro, a quem tiram a maior parte do trafego das mercadorias. A sua carreta archaica, puxada por bois, encontra-se em todas as estradas da provincia, transportando tudo, desde as fazendas estrangeiras que desembarcam no Porto, até aos productos da região. Muitas vezes estes transportes fazem-se por etapas successivas, passando d'uns a outros, desde o ponto de partida até ao destino definitivo.

Esta industria é um dos grandes males da agricultura regional: se é certo que o arrendatario pelos limitadissimos capitaes de que dispõe precisa de procurar no exercicio de qualquer outra profissão os meios para dar á terra o trabalho necessario, é tambem verdade que esta devia ser eliminada, porque emquanto o chefe da familia acompanhado d'outra pessoa ora um filho ou filha, ora um criado, estão ausentes, o casal fica abandonado: quando chega a casa a fadiga da marcha não o deixa trabalhar n'esse dia: o gado

estafa-se, emagrece e deixa pelas estradas as dejecções, e portanto uma parte dos adubos que deviam fertilisar os campos.

O unico meio de remediar este mal seria que os proprietarios fomentassem o desenvolvimento de todas estas pequenas industrias ruraes, que existem hoje decadentes por toda a provincia, e que introduzissem novas adequadas ás diferentes localidades: industrias que podessem ser exercidas no proprio domicilio, e nas epocas mortas, nos dias de chuva e frio, quando não ha ou não é possivel o trabalho ao ar livre. D'este modo os lavradores arrendatarios estariam sempre em casa, vigiando as suas cousas e teriam uma profissão auxiliar que lhes daria os meios que hoje procuram com insuficiencia n'um trabalho que os arruina.

Estas quatro classes, o fidalgo, o lavrador proprietario, os arrendatarios, jornaleiros e industriaes, formam a basta e densa população da provincia: foi sob a sua acção que esta se retalhou e dividiu em pequenos patrimonios ruraes, de modo que cada um viesse a possuir uma nesga, que lhe désse pelo menos a base da alimentação.

Se no genio da raça estava a organisação e constituição de pequena propriedade, é tambem certo que só esta, por isso que opéra n'uma extensão muito restricta, é que podia emprehender e levar a cabo todas as obras multiplicadas que demandava a disposição dos terrenos.

Uma vez investido na posse, o proprietario, que se dispunha a arrotear o seu pequeno casal, entrava n'uma lucta incessante, que deveria durar toda a sua vida, se porventura tivesse a felicidade de levar a cabo a terrivel e obscura campanha a que se ia lançar. Não poucas vezes a empresa que começava, era terminada pelos filhos ou netos, se no intervallo algum visinho mais feliz ou que tinha já herdado bens arroteados não absorvia o casal em via de formação e completava as obras necessarias. O que antigamente devera passar-se, póde-se observar ainda hoje, quando um d'estes

corajosos trabalhadores tenta o arroteamento d'um inculto: raros podem na sua velhice triumphar da natureza rebelde e amansar a madrasta cruel, indiferente á sua obra de civilisação.

Primeiro que tudo será necessario vedar pelo menos ligeiramente o pequeno trato com uma sebe, que mais tarde se transformará n'um valo e por fim n'uma parede, se o campo der a pedra necessaria, pois, na falta d'esta, tal melhoramento terá de ser espaçado até que haja capitaes para a trazer de longe.

Depois, a terra dura e pedregosa precisa ser surribada e limpa das rochas que se oppõem á passagem da charrua: precisa que se lhe extirpem os arbustos espontaneos e as hervas ruins invasoras: a sua inclinação pede socalcos (muros de suporte) que sustentem a camada lavradia e impeçam que as chuvas a arrastem e deixem a descoberto os nucleos duros da penedia. O seu clima, sujeito a estiagens, exige agua de *rega* no verão e de *lima* no inverno, agua que é necessario ir procurar no flanco do monte visinho ou na primeira elevação, que possa conter uma quantidade suficiente nas venulas que a atravessam, ou colhel-a com uma *levada* do ribeiro visinho.

Em seguida é necessario estrumar sempre e constantemente, porque o sólo é pobre e nada produzirá se nada receber.

Além das culturas annuaes que hão de dar o pão e os legumes, é necessario preparar a bebida de todos os dias: uma vez que o clima o permitte, esta será o vinho que deverá ser abundante para chegar a todos; e portanto será necessario plantar á borda dos campos as vides e as arvores que lhes hão de servir de tutor, as fruteiras que lhe hão de dar as frutas, que pouparão o pão e o presigo, e lhe avivarão o paladar do seu comer monotono, sempre igual, e de pouca nutrição, porque a terra não dá para mais. Mas por isso que ha de viver unicamente das suas pequenas glebas, é necessario que o casal lhe forneça tudo quanto é essencial

a vida; «o que ha de casa é o melhor e o mais barato», diz o proloquio local. As parcellas mais fundas, com abundancia d'agua, produzirão, afolhadas, o linho de que se fará o bragal, as hervagens, que hão de sustentar o gado, e actualmente no estio o milho grosso: nas outras cultivará o centeio, nas de melhor qualidade algum trigo: nas mais secas plantará a oliveira que ha de produzir o azeite. Em volta da habitação deixará uma pequena gleba, que destinará á horta, onde terá as couves que hão de ser a hortaliça de todos os dias, a hortaliça do seu *caldo verde*.

Assim absorvido pela terra que o ha de alimentar a si e á sua familia, o cultivador do Minho pede á casa apenas um abrigo sem luxo nem conforto. Basta-lhe uma cozinha, onde se passará a maior parte da sua vida de portas a dentro, um sobrado onde possa dormir e morrer, e uma ou duas lojas para guardar os seus generos: o resto pertence aos animaes, que com o seu trabalho e os seus adubos hão de fertilisar a terra O maior espaço é occupado pelo *eido*, *eirado*, *quinteiro*, ou *rua*, que alastrará de mato, e será como a grande officina dos seus estrumes: a um lado levanta a casa da sua vivenda, occupando o menos terreno possivel, porque em volta o que avulta são com as barras sobrepostas interiormente para a guarda da palha os curraes ou as córtes, que hão de alojar os bois, a egua, os porcos, que o hão de prover do seu quasi unico sustento animal, as gallinhas, e as ovelhas que lhe darão a lã necessaria para os usos mais imperiosos.

O quinteiro ao meio, a um lado as córtes com os animaes nedios e gordos, ao outro a cozinha terrea com a sua grande lareira e os escabellos de carvalho, seguida do sobrado, onde tambem guardará as arcas trasbordando de grãos, a varanda que lhe dá communicação pela escada exterior, debaixo do sobrado a adega e o lagar, no fundo o telheiro para guardar a apeiria — é n'este limitado recinto que se concentra toda a vida do casal; é aqui, onde pessoas e animaes, atascados em estrume meio feito, vivem em ver-

dadeira confraternidade, ameigando-se ou ralhando-se alternadamente, tristes ou alegres consoante a fartura ou a magreza dos tempos; onde emfim nunca cessa o movimento e a vozeria, senão quando a noite obriga a recolher cada um ao seu ninho, uns ás enxergas duras do sobrado outros á palha fôfa das barras.

Junto á casa e outras vezes a pequena distancia n'um logar desafogado e aberto ao sol, edificará o *cobêrto* e a *eira*, construcções que depois da introducção do milho vieram a ter uma grande importancia. Antigamente quando as culturas predominantes eram o centeio, o trigo, o painço e milho alvo, colheitas de verão, a eira era de terra batida e o *cobêrto*, uma barraca de colmo aberta dos lados. Estes grãos colhendo-se nos mezes de julho a agosto, não havia necessidade de os defender das chuvas do outono: em algumas propriedades ainda hoje se póde observar o typo antigo d'estas construcções. Depois quando se introduziu o milho grosso é que devera dar-se aqui, como em todos os paizes meridionaes, uma profunda revolução na economia rural: as condições da colheita mudaram completamente: a nova graminea amadurecendo em setembro e outubro, foi mister arranjar novas accommodações para obstar á deterioração dos grãos. Apareceram primeiramente os *caniços* ou *espigueiros*, onde se guardavam as espigas ou maçarocas, á medida que se iam colhendo, ficando a debulha para os dias de sol do inverno ou primavera proxima. Mas o espigueiro não satisfazia completamente: o mau gosto que muitas vezes o grão adquire, a sua conservação forçada obrigaram á construcção de eiras ladrilhadas a cantaria e de cobêrtos amplos e com dous andares assim vieram estes a ser uma edificação importante e muitas vezes a que mais se destaca entre todas as outras.

Emparedado e metido no seu pequeno casal, vigiando atentamente todos os recantos, como o dono d'uma fabrica que nunca perde de vista os seus machinismos e apparelhos de producção, o cultivador do Minho adquiriu um forte sen-

timento individualista e na sua intelligencia arreigou-se a noção de propriedade de tal modo que esta terminou por vencer e dominar todo o regime da terra provincial. Baldios municipaes, parochiaes e pertencentes aos grandes donatarios ou á corôa, foram desaparecendo successivamente cerceados todos os dias pelos emprazamentos de maneira que em muitos sitios já não ha vestigios da propriedade communal e onde ainda se conserva nos montes soltos, extinguir-se-ha fatalmente dentro d'um curto prazo, excepto talvez no norte, nordeste e nas localidades mais montanhosas onde em virtude das suas condições especiaes, a pastagem e o logradouro commum persistirão ainda por muito tempo.

Como acaba de vêr-se, n'uma propriedade do Minho as bemfeitorias são tudo: se deduzirmos do valor actual d'uma quinta ou casal o custo do desbravamento dos terrenos de lavradio das construcções de habitação e exploração agricola, os muros de vedação e suporte, os conductos d'agua a céo aberto ou subterraneos, as plantações das vides e fruteiras, — o resto será uma quantia insignificante. Ha certos casos em que todas essas obras abranjem muitas vezes o valor da propriedade.

Foram provavelmente estas circumstancias especiaes que determinaram o estabelecimento o mais rigoroso da propriedade individual — pequena propriedade, em que são tudo as obras d'arte, isto é o esforço e o trabalho do homem. Murada, circuitada e portanto defendida de qualquer acção estranha, a terra tornar-se-ha como uma extensão da individualidade do proprietario, que póde ali empregar toda a sua actividade e toda a sua intelligencia, fazel-a produzir, enriquecel-a e adornal-a, transfomando-a de pobre terra de urzes e matos em campos ferteis e viçosos.

O GADO

Se desde os primeiros tempos, quando começa a despontar a luz da civilisação, os animaes domesticados adquirem immediatamente uma tal importancia, que por si sós representam a principal senão toda a riqueza mobiliaria e se tornam o elemento principal do commercio, dando depois no mundo romano com o seu nome *(pecus)* a designação ao agente universal da troca e mais tarde ao esboçar das nações modernas a de *capital*, que n'essa época era ainda sobretudo constituido pelo gado, — não é menos verdade tambem que este representa hoje, por maior que tenha sido o adiantamento da sociedade, uma das maiores riquezas agricolas de qualquer paiz [1].

Como nos tempos primitivos, a vida humana está dependente dos herbivoros que o genio dos antigos soube domesticar, legando-nos a mais preciosa herança e o mais poderoso instrumento do progresso.

---

[1] «Se fosse possivel fazer uma estatistica dos animaes domesticos em todo o mundo, chegar-se-ia a numeros d'uma grandeza eloquente. O genero humano deve-lhes a melhor parte da sua subsistencia, do seu bem-estar e dos seus progressos. Sem os thesouros, que elles lhe proporcionam, teria ficado n'um estado de selvageria e de miseria incuravel». Louis Bourdeau, *Conquête du monde animal*, pag. 321-322. Paris, 1885.

Companheiros e serviçaes do homem, trabalhando por elle, transportando-o, alimentando-o e vestindo-o, é de vêr que iriam obtendo estas ou aquellas qualidades, consoante fosse progredindo, modificando-se igualmente segundo os climas e regiões para onde tivessem de emigrar com elle. Assim se formaram as raças e sub-raças, tendo cada uma em maior grau as aptidões correspondentes ás necessidades a que haviam de satisfazer.

Primeira riqueza agricola e ao mesmo tempo a maior gloria do cultivador, pois que de todos os seus productos nenhum outro mostrará melhor as suas faculdades creadoras [1], — o gado, depois de ter recebido a impressão das forças da natureza, da civilisação e genio do homem, a seu turno imprime posteriormente a uma zona cultural a physionomia predominante. Considerado na sua quantidade, qualidade e regime, bastará elle para se conhecer o grau de desenvolvimento da agricultura de qualquer região, a sua fertilidade e o aproveitamento da terra. Por isso é força estudal-o, posto que em resumo, separadamente por classes.

De todas as especies pecuarias, o boi é o animal de predilecção do cultivador minhoto: é elle que lhe lavra as suas courelas e as fertilisa com os seus adubos: que lhe faz todos os trabalhos ruraes, e o ajuda a viver, como animal de tir ; e era elle que, antes da depreciação actual, pelo valor successivo que ia adquirindo sempre até chegar ao seu termo, lhe cobria pelo ganho obtido as deficiencias da sua agricultura antiquada.

Tratado em geral com tantos desvelos, como uma pessoa da familia, o boi domina toda a industria agricola local e, se não fosse a pobreza ou antes a ignorancia do lavrador, as raças provincianas, já ha muito, teriam attingido a ultima perfeição.

---

[1] «Entre o homem que se civilisa e o animal que se melhora, observa-se uma correspondencia exacta, uma evolução parallela. Tal amo, tal servidor». L. Bourdeau, obr. cit., pag. 350.

Da sua importancia póde avaliar-se pelo seguinte quadro, extractado, como os que se hão de seguir, do recenseamento de 1870 [1].

	Total das cabeças	Valor	Cabeças por 100 hectares	Cabeças por 1:000 habitantes
Vianna (Districto)	42.198	733:566$680	18,85	207,87
Braga »	64.226	1.861:545$100	23,52	201,96
Porto »	62.882	2.489:369$800	26,90	150,43
Mondim de Basto (Concelho).	2.180	40:950$300	8 88	
Ribeira de Pena »	1.542	22:823$550	1,14	
	173.028	5.148:255$430		

E' a maior densidade bovina portugueza [2]: nenhuma outra provincia se lhe aproxima quer na quantidade quer no valor. Os tres districtos occupam o primeiro logar com as suas relações especificas por 100 hectares, que são as mais elevadas e tam altas, que exceptuando o districto d'Aveiro com 16,07 cabeças pela mesma superficie, nos outros a relação cae desde 6,23 em Villa Real até 2,13 em Beja.

E' evidentemente uma grande riqueza: e se é facil avalial-a em algarismos, não assim descrever o cuidado de todas as horas que custa a sustentação d'estas 173.028 cabeças n'um sólo geralmente ingrato.

Antes de indicar o regime hygiotechnico, convém fazer a resenha das principaes raças que povoam a provincia.

A primeira e a mais notavel é a *barrozan*, oriunda «principalmente das montanhas de Barrozo, nos concelhos de Montalegre e Boticas: mas ha tambem bastante producção d'ella na serra do Gerez, na sua vertente sul e nas-

[1] *Recenseamento geral dos gados* no continente do reino de Portugal em 1870. Lisboa, 1873.

[2] Comparando esta densidade com a de quatro nações do norte da Europa, vemos que se avisinha da Prussia (22,3), da França (23,5) e da Inglaterra (28,1), ficando todavia muito áquem da Belgica (42,7): sendo sempre superior á dos paizes meridionaes, á Hespanha 5,9) e á Italia, que apenas chega a 13,2. *Recens.* I, 6.

cente, assim como pelo Minho dentro entre o Cavado e o Tamega, fóra da beira-mar. Porém no Minho é menos importante a producção propria que a recriação dos almalhos que vem directamente de Barrozo.» [1] Em regra geral póde dizer-se que esta região produz e a nossa recria. É superior a todas, sobretudo para a engorda, e a que constitue as melhores rezes. Possuindo uma bella estampa, com uma soffrivel aptidão cevatriz, e de todas produzindo a carne mais fina, foi para ella que se voltou a attenção dos lavradores quando começou em grande escala a exportação de bois gordos para a Inglaterra.

Misturada com a *barrozan* encontra-se nos mesmos sitios, norte e centro, a *minhota* ou *gallega*, na qual «chega a distinguir-se tres grupos ou familias, a dos *vermelhos*, *marellos* e *braguezes*.» [2] A primeira domina no districto de Vianna. Produz-se na Galliza fronteira e desde ahi até ao Cavado e Valença e sobretudo á beira-mar. A segunda está espalhada por toda a provincia, mas encontra-se principalmente no centro. A terceira prevalece na «parte serrana do Alto Minho e abas da serra do Gerez até á Galliza e n'esta mesma nas terras fronteiras a Melgaço e Barrozo.» [3] Avaliando as suas funcções, diz o snr. S. B. Lima: «É uma raça principalmente de trabalho, com pretenções a cevaticia, valendo n'estas pretenções mais a familia dos vermelhos que dá boas rezes de ceva . . . Os marellos são rezes mais para trabalho, menos para leite e soffrivelmente cevaticios. Os braguezes reputam-se não somenos nas suas aptidões zootechnicas que os vermelhos, muito desiguaes e quasi sempre incertos n'ellas.» [4]

Menos bella d'estampa, menos cevadiça que a *barrozan*,

---

[1] Snr. Silv. B. Lima, *Recens.* I, 58. Por brevidade, vejo-me obrigado a deixar de transcrever a descripção, que este sabio zootechnista formulou a respeito d'esta e das outras raças.

[2] *Recens.* I. 57.

[3] *Ibid.*

[4] *Ibid.*

mas mais sobria e ao que parece mais adequada ás condições naturaes, mais mansa, a raça *gallega* é preferida em sitios á outra, e d'ella a dos *braguezes*, que dando boa carne chega a ter em Braga e outras localidades um preço igual á de Barrozo.

A léste e na parte superior do valle do Tamega apparece a *maroneza*, que parece filiar-se na *barrozan*. O seu «solar é toda a região serrana do Marão, estendendo-se por todo o concelho de . . . Mondim de Basto, Ribeira de Pena e Ribeira da Cova até ao rio Tamega defronte de Barrozo.» [1] Pela proximidade deve estender-se talvez para baixo ainda até Amarante.

É pouco importante quanto ás suas qualidades; apenas serve como gado de trabalho, tendo muito poucas aptidões para carne. Segundo o snr. S. B. Lima, se fosse menos trabalhada e mantida nas condições da de Barrozo, é provavel que se lhe aproximasse pela affinidade que ha entre as duas.

Ao sul temos ainda a *arougueza*, oriunda das terras de Arouca, que por Castello de Paiva, marginal ao Douro, defronta com o oeste da provincia.

«Afigura-se-nos, diz o snr. S. B. Lima, que se pódem estabelecer no gado arouquez tres grupos ou familias: os de S. Pedro do Sul, Paivotos e Caramuleiros . . . *Arouquezes paivotos* (assim chamados no districto do Porto) são os grandes arouquezes que trabalham e se engordam n'este districto, sendo seu principal centro de producção em terras d'Arouca e Cambra e nas que abeiram ao rio Paiva . . .»

Tratando das suas funcções, indica que são «robustos e aturadores, não debiqueiros nem mimosos . . . e que os grandes arouquezes ou paivotos figuram como os melhores bois de trabalho do districto do Porto.»

Segundo o mesmo auctor competem na engorda com os *barrozans*, mas não quanto á qualidade da carne, que não é tam fina.

---

[1] *Recens.* I, 59.

Ainda no sul deve mencionar-se o gado *canavez* ou *serrano* do Minho: «com este nome é designada . . . uma certa qualidade de rezes bovinas, que apparecem em maior numero . . . nos concelhos de Marco de Canavezes. Entre-ambos-os-rios e Baião, reproduzindo-se, criando-se e recriando-se nas serras d'Eiras e outras entre a confluencia do Tamega e Douro.» [1]

Misturada e confundida com as anteriores, encontra-se nos sitios onde predomina a recriação a chamada *raça da terra*, nascida ahi, sem selecção de reproductores, apresentando os caracteres d'uma ou d'outra, e produzindo animaes melhor ou peor conformados, segundo o acaso permittiu. É a que o snr. S. B. Lima inscreve com justiça sob a designação de «*villanagem bovina.*» [2]

No meio d'estas seis raças ou sub-raças antigas, mais ou menos mescladas, que formam a população bovina regional, encontram-se algumas cabeças de *turinas* e estrangeiras, que teem sido importadas, como curiosidade ou experiencia, sem todavia nenhuma d'ellas ter conseguido até hoje occupar uma área sufficiente, para ter uma importancia que mereça notar-se.

Em todo o caso mencionem-se, posto que de passagem entre as leiteiras, a *Bretonne*, a de *Jersey* ou *Alderney*, *Ayr* e entre as destinadas a produzir carne a *Durham*. Creio que não ha estudos e observações publicadas que permittam fixar a zona em que melhor se dará qualquer d'estas, o regime a que devem ser sujeitas e as modificações para melhor ou peor que o clima e o sólo tem produzido no seu desenvolvimento, na qualidade e quantidade dos seus productos. Sabe-se todavia, e registe-se o facto, que a manteiga fabricada ultimamente com o leite d'algumas d'estas raças novas é tam fina como as melhores.

Mas são as antigas que constituem a massa bovina da

---

[1] *Archivo rural*, XIII, 397.
[2] *Ibid.*

região. Por toda ella se produz e por toda se cria, mas os principaes focos de producção, póde dizer-se d'uma maneira generica, são as orlas da provincia, emquanto que o centro se dá sobretudo á recriação e engorda. Onde domina a producção o trabalho é feito com vaccas criadeiras, e onde prevalecem as outras occupações são empregados n'elle os bezerros e os bois em idade proxima de entrar na engorda.

Os animaes começam a ensinar-se aos 10 mezes e a trabalhar de um a anno e meio, tendo a designação de *touros*.

Primeiramente fazem trabalhos muito leves, puxam a carros vazios, gradam e dão *emposta* (sotas) nas ladeiras mais fortes. Á medida que vão crescendo e desenvolvendo-se, vae augmentando tambem o serviço. Aos seis dentes tomam definitivamente o nome de *bois*, e só 2 ou 3 annos pelo menos depois de deitar os *caveiros* é que principiam a ser pensados especialmente para a engorda.

Em todo este tempo a mesma *junta* ou parelha tem percorrido varios donos, dando sempre em cada passagem ou transacção um lucro ao vendedor. Uns criam ao apartar do leite, outros estimam mais o gado já meio ensinado, outros o que já está feito, outros emfim *engordam*, e n'esta phase ha ainda dois periodos, o da *meia carne* e de *bois gordos*.

Commummente encontram-se no mesmo casal animaes em diversas idades: quem possue duas juntas, terá uma de bois e outra de touros. Quando estes se tornam adultos, adquire uma nova junta de bezerros e vende aquelles, ou engorda-os, se elle mesmo é cevador. Raras vezes serão todos da mesma idade. Se o penso não chega para quatro, terá uma junta que trabalhe e uma vacca.

É nos extremos da vida que se póde observar o maior cuidado. Quando bezerro, o animal é amimado como uma criança. Em casa dá-se-lhe a melhor e mais tenra herva: no campo pasta quasi livremente: é com todo o escrupulo agasalhado do frio e da chuva, e toda a familia se desvela em carinhos. Quantas vezes esta junta não representa para

ella a melhor esperança e cuja perda seria um verdadeiro desastre!

Na idade adulta persistem os cuidados mas não tam extremados: continúa a viver n'um regime mixto, estabulação e pastagem. No inverno pastoreia nos campos devolutos ou nas bouças, quando não chove muito ou o frio não é demasiadamente intenso, desde sol alto até á tarde. No estio faz uma sésta de 5 a 6 horas. Ao recolher á córte tem uma ração de palha, de palha e herva misturada, ou só de herva ou nabos, onde os ha, consoante a época e a menor ou maior abundancia de forragens verdes. Á noite receberá outra. Se ha serviço, de madrugada terá uma ração supplementar.

Sempre e incessantemente debaixo da vista do dono, ou longe ou perto da casa, nos campos ou no monte, o gado é constantemente *olhado* (vigiado): em geral são as crianças que fazem este serviço que constitue a primeira aprendizagem da lavoira: se são raparigas ou mulheres, aproveitam o tempo fiando na roca.

Na idade adulta, quando começam a diminuir as forças, depois de ter passado por muitas mãos e muitas localidades, depois de ter feito todos os trabalhos ruraes e ter acarretado todas as mercadorias d'um a outro extremo da provincia, quando deu quanto podia em serviço e em lucros, que se foram repartindo pelas differentes transacções, chega emfim ao cevador, que lhe vae pôr a carne e por assim dizer a ultima toilette.

É então que lhe são satisfeitos todos os appetites. No estabulo morno e sombrio servem-lhe todo o penso, desde as raizes carnudas, as hervas, as folhas e rebentos das arvores até á agua grossa de farinha de milho maïz. O animal cançado saboreia em socego a comida succulenta, que incessantemente lhe apresentam e variam. A córte, alastrada a cada passo de mato, folhagem secca e palha, fórma uma cama fofa e absorvente das dejecções. N'esta atmosphera pesada e quasi na escuridão, comendo e remoendo, com as ventas humidas e a vista satisfeita do gastronomo, vae ela-

borando lentamente esta massa de tecidos, que o hão de fazer a elle, magro e cançado do trabalho, o *boi gordo*, o *boi bento* das antigas procissões de Braga [1].

É assim em toda a região, excepto em alguns pontos onde a cultura é menos activa, e principalmente no norte e nordeste. Ahi, havendo largas extensões devolutas, o gado pastoreia mezes e estações inteiras; estas localidades constituem tam sómente uma excepção, em consequencia das circumstancias especiaes em que se encontram. Mas fóra d'ellas, o cultivador dá sempre ao seu gado bovino uma attenção minuciosa e incessante.

Infelizmente, considerado nos seus merecimentos, nenhuma das raças antigas possue as aptidões, exigidas nos paizes d'agricultura intensiva.

A *barrozan*, que é tida pelos zootechnistas nacionaes como a menos má, não se aproxima, mesmo no ponto de vista da elaboração da carne, que é a sua qualidade dominante, com a *Durham*, a de *Contentin* melhorada, a *Charolaise* e todas as outras que teem sido modernamente aperfeiçoadas para este fim especial. É tardia, não engorda nem avoluma tanto como estas, enjoando muitas vezes o penso no ultimo periodo.

A este defeito, sendo constantemente trazida de fóra, acresce o de «ser menos resistente ás intemperies e escassez d'alimentos e menos sobria, e as crias não só estranharem ao principio os pastos e forragens d'este districto, mas até contrahirem affecções exanthematicas . . .» [1]

As outras são ainda muito peores, por isso que sendo menos cevaticias, a carne é de qualidade muito inferior.

No ponto de vista da lactação, nenhuma d'ellas é leiteira, e por isso não pódem ser empregadas na producção

---

[1] *Recens.* II, 67. «O Egypto adorou o boi Apis: por uma tradição envilecida, o *bœuf gras*, querido da pasmaceira parisiense, fazia lembrar, ha pouco ainda, o seu passeio triumphal pelas ruas de Memphis». L. Bourdeau, obr. cit., pag. 212.

[2] *Recenseamento*: Relatorio do snr. Lopes Gonçalves, II, 73-74: a pag. 80-81 este muito distincto veterinario discute extensamente os meios de a melhorar por infusão de sangue estrangeiro.

de leite para o fabrico de lacticinios tam vantajosamente, como se possuissem em grau elevado essa aptidão. Todavia com o pouco leite, que produzem e sem as qualidades distinctas, que deveria ter, fabrica-se bastante manteiga nas localidades onde domina a producção bovina, taes como em Vieira, Cabeceiras, parte de Fafe e Celorico, ao norte, nordeste e éste, e ao poente em Espozende e sobretudo em Vianna, cuja manteiga d'Afife e Carreço é conhecida no mercado nacional. Se as raças fossem sufficientemente productivas e lhes dessem o *golden* e as finas qualidades que os bons paladares exigem, é facil de vêr qual não seria o augmento de receita para seus productores.

Como animaes de serviço tambem não satisfazem plenamente. Mas é esta aptidão sobretudo que lhe pede o cultivador: em primeiro logar quer o trabalho, ainda que mal feito; o leite ou a carne vem como um complemento; e a ultima, quando o animal já está n'uma idade avançada e as forças decahiriam, se lhe não dessem este destino.

Este modo de conceber as funcções do gado bovino é que tem sido e continuará a ser a causa da sua imperfeição, por isso que será sempre impossivel obter uma raça que corresponda perfeita e simultaneamente aos tres fins. Se se lhe pede o trabalho, só no estado adulto é que elle o poderá prestar com vantagem decidida e portanto não terá a precocidade na engorda, o que occasiona um immenso prejuizo de tempo e conseguintemente de dinheiro, nem tam pouco haverá em alto grau a faculdade de elaborar a carne, visto que o trabalho se ha de fazer á custa d'esta. Se se deseja uma grande capacidade lacticinia, o leite absorverá toda a actividade do organismo.

Criando e engordando os seus bois ter-se-ha proposto o cultivador um fim determinado? Evidentemente nenhum. Falta-lhe a instrucção technica e os meios; por isso limita-se a aproveitar o que acha á mão. Vive mal, labuta rudemente e apenas tira da sua lavoira o essencial para não morrer de fome, emquanto é novo e forte.

O que não tem conseguido o lavrador pobre e ignorante, devia-o fazer uma associação de proprietarios que estudassem as questões locaes e, determinado o rumo, trabalhassem n'esse sentido.

Em todo o caso, se me fosse licito aventar uma opinião, diria que o trabalho do boi está condemnado pelas condições em que deve operar actualmente a industria agricola. A celeridade, com que devem fazer-se os trabalhos para serem remuneradores, exclue o gado bovino, que se deve ter unicamente como productor de carne ou leite.

Introduzir duas raças finas, adequadas a estas duas producções, parece-me o unico modo de estabelecer a balança economica n'este ramo. Dado este facto, cada um se entregaria áquella que fosse mais do seu agrado: e o leite deveria ser empregado tanto no fabrico da manteiga, que se está ensaiando tam vantajosamente, como no do queijo, industria que não existe presentemente na provincia.

Ao mesmo tempo se aperfeiçoaria a especie cavallar, transformando-a sobretudo em animaes de tiro, que nos primeiros annos fariam os trabalhos do campo, sendo vendidos na idade adulta para o serviço das cidades.

Vejamos pois, o estado em que se encontra o gado cavallar. Tomando os dados do recenseamento, temos:

	Total das cabeças	Valor	Cabeças por 100 hectares	Cabeças por 1:000 habitantes
Vianna (Districto)	2.552	29:814$170	1,14	12,57
Braga »	5.166	73:379$800	1,89	16,24
Porto »	5.094	110:911$100	2,17	12,18
Mondim de Basto (Concelho) ..	164	2:852$500	0,66	22,6
Ribeira de Pena » ..	131	1:763$000	0,97	16,36
	13:107	2.8:720$570		

Vê-se que se a quantidade não deixa muito a desejar dentro do paiz, por isso que a maior percentagem pertence

ao Porto, que tem 2,17 cabeças por 100 hectares, seguindo-se-lhe immediatamente a de Braga com 1,89 e Vianna apesar das suas sonegações tem ainda 1,14, estando acima d'este apenas Lisboa (1,79) e Santarem (1,50), não assim se consideramos o que deveria ser, se este gado exercesse uma funcção agricola [1].

Se a quantidade não é tam elevada como era de desejar, a qualidade é muito peor, pois que n'esta especie é fóra de duvida que a região nunca póde modificar a sua antiga raça, o cavallo gallego ou galliziano, que segundo Duarte Nunes de Leão [2] ainda no seu tempo chegava até ao Mondego.

D'estes cavallos de pequena estatura (ordinariamente abaixo de $1^{m},32$) diz o snr. S. B. Lima que «são em geral de rija tempera, sobrios, muito ciosos e rufões por indole. É no norte do paiz e principalmente na provincia do Minho o solar d'este typo, solar que se estende por Hespanha dentro, da Galliza ás Asturias, provincias Vascongadas e Navarra.» [3]

No meio d'estes que formavam, como ainda formam a massa geral hippica, apparecia antigamente a cada passo, hoje menos vulgarmente, o cavallo hespanhol, a cavalgadura de luxo dos proprietarios ricos, e cuja recriação constituia uma industria importante, antes da construcção das estradas de viação ordinaria. Os potros hespanhoes concorriam em manadas ás feiras da provincia, eram comprados pelas pessoas mais abastadas, que os recriavam, ensinavam e depois vendiam para o sul. Ultimamente com estes vinham individuos já modificados dos campos de Aveiro e Coimbra, os quaes todos constituiam a parte nobre da especie.

Parte realmente nobre, não só pela sua conformação e

---

[1] Comparando a densidade cavallar da região com a das seis nações, com que anteriormente comparamos a bovina, ver-se-ha como é grande a sua inferioridade, pois que a Prussia tem por 100 hectares 6,3 cabeças, a Belgica 9,4, a França 6,1, a Inglaterra 5,3, a Italia 4,9 e apenas a Hespanha 1,3.

Ainda que addicionemos aos nossos cavallos o gado muar e asinino que apparece n'uma proporção minima nos paizes do norte, a inferioridade persiste sempre.

[2] *Descripção de Portugal*, cap. XXIX.

[3] *Recens.* I, 30.

corpulencia, mas tambem pelo tratamento, dado constantemente na cavallariça, onde lhe prestam os cuidados do costume; d'elles se diz, que *estão á argola*, para os distinguir dos seus congeneres plebeus, que se chamam o *cavallo* ou *egua de bouça*, pelludos e cabisbaixos no inverno, pastando nos campos ou no mato com os bois e recolhendo a casa com elles. Mais uns grãos de milho ou uma agua de farinha em certas épocas, são sempre sujeitos ao regime bovino.

Assim se misturam e acotovelam as duas classes, como as da população. O fidalgo e o lavrador, cada um tem o seu cavallo e cada um o pensa á sua maneira. Quantas vezes o galliziano não entra na estrebaria do rico, justamente como o trabalhador se enriquece e afidalga?

Mas dados esses diversos typos, existindo conjuntamente n'um paiz, onde ninguem se preoccupava como hoje ainda desgraçadamente se não preoccupa de aperfeiçoar raças, era de esperar que apparecessem cruzamentos apresentando diversas conformações, desde o pequeno e antigo garrano, até á *faca* e ao *cavallo de marca*, proveniente elle mesmo de varias procedencias. Todos estes são descriptos extensamente pelo snr. Lopes Gonçalves no seu *Relatorio do Recenseamento* [1] e pelo snr. S. B. Lima no vol. x do *Archivo Rural* [2].

Antes de passar adiante, registrarei uma indicação que teve a bondade de me fornecer o meu amigo e elegante escriptor hippico, o snr. José Martins de Queiroz. Na Maia parece haver uma raça o seu tanto caracterisada, de que se tem tirado boas parelhas de tiro ligeiro possuindo uma certa elegancia que se póde observar nas eguas dos lavradores d'esta localidade, distinctas das dos outros pontos da região. Terão recebido algum sangue estrangeiro, ou serão tão sómente modificadas pelo terreno quasi plano e melhor nutrição? [3]

Em todo o caso o typo galliziano, mais ou menos cru-

[1] *Recens.* II, 59.

[2] Pag. 225.

[3] No *Recenseamento* o intendente de pecuaria no Porto não a especifica.

zado, apresentando ora exemplares na mais completa decadencia, ora outros de melhores fórmas, mais baixos ou mais alevantados, é elle que constitue o fundo do gado d'esta especie, que povôa a provincia e lhe dá o tom geral. Se é certo que era esta a mesma raça a que se referia o velho historiador, deve ter decahido espantosamente, por isso que d'estes não se póde dizer hoje que *sam ventos ou semelhantes aos ventos*.

Tambem não é difficil explicar esse abastardamento para o qual tem concorrido muitas causas. Convém mencionar primeiramente o abandono da raça indigena pelas pessoas ricas. O galliziano passou a ser o serviçal do pobre e a soffrer a fome e o frio quê o esperavam n'estas condições. Ao mesmo tempo a sua producção, occupando um logar somenos, era de vêr que se faria sem escolha de reproductores. Filho de maus paes e mal creado, não admira que tivesse cahido n'uma situação tam degradante que chegou a suppôr-se, não poder haver aqui vantajosamente esta producção, que aliás se adapta ao sólo e clima [1]. A mais celebrada coudelaria franceza, a de Pompadour, está localisada n'um terreno granitico, como o nosso [2].

E teria sido sempre assim?

Ouçamos a este respeito o sabio zootechnista, o Sr. S. B. Lima [3]:

«De alguns documentos da nossa historia patria com referencia a este assumpto se tira: que se esta producção correu selecta e apurada nos principios da monarchia . . ., ella foi successivamente declinando do seu bom quilate á medida que essas vastas terras se foram successivamente retalhando nos emprazamentos que iniciou el-rei D. Diniz para os reguengos incultos, e que os nobres senhores imi-

[1] As circumstancias physicas da provincia, isto é, o clima temperado e oceanico, mais humido que secco, sólo abundante d'agua, fertil e lanceiro de pujantes hervaçaes, são mais para abonar uma producção cavallar de forte corporatura de que a vil garranada que pullula. Sr. S. B. Lima, *Archivo rural*, vol. x.

[2] Risler, *Géologie Agricole*.

[3] *Archivo rural*, vol. x, pag. 227.

taram para as suas terras proprias afim de augmentar a cultura e a povoação da provincia.

. . . . . .

«Já em tempo de D. João I ordenando-se por provisão de 17 de agosto de 1413, que se não lançassem eguas de criação a sendeiros nem a asnos, exceptuava-se a comarca de Entre-Douro-e-Minho, *por não haver ahi eguas capazes de se acavallarem por cavallos de marca.*

«Nas côrtes d'Evora de 1490 pedem, mas debalde, os povos do Minho a D. João II, que não só lhes permitta ter *eguas gallegas* (menores da marca), mas consinta tambem o poderem lançal-as a asnos para obter mulatos, *porque é terra mui pobre e fraca de mantimentos e nem se póde manter gado grande nem eguas cavallares.*

«E a difficuldade de arranjar mantença propria a este gado cresceu com a introducção na provincia, no seculo XVII, da cultura do maïz ou milho grosso.

. . . . . .

«Não me parece que a producção cavallar do Minho sahisse da triste e deploravel situação que indica a provisão de D. João I e o pedido em côrtes a D. João II, senão depois que os regimentos coudelicos, a partir de D. Sebastião em 1566 até 1822, obrigaram em todo o reino aos lavradores, em certa condição de bens de raiz, a ter boas eguas de lista. O Minho então, com mais ou menos esforço e mais ou menos constrangidamente, houve melhor producção de cavallos.

«Com a extincção porém das coudelarias, em 1822, voltou logo a ser outra vez o solar da garranada e cahiu na situação que deploramos.»

O costume de recriar potros, vindos de fóra e não fazel-os nascer, abastardando a raça antiga, não permittia que se formasse outra que a substituisse.

Considerado unicamente como cavalgadura ou besta de carga, o cavallo ficou fóra dos trabalhos agricolas: e assim devia ser, porque sendo a provincia um paiz monta-

nhoso, e de difficil tracção, nunca teve estradas regulares, e pelas que antigamente possuia, não era possivel passar, senão esta carreta archaica, de eixo de pau mobil e rodas macissas, que ainda hoje persiste, e pela simples razão que são identicas as condições da viação vicinal: só um animal paciente e vagaroso, como o boi, podia prestar-se a esse mister. Por isso o cavallo não podia ter, como nunca teve, um logar proeminente na economia rural.

Só os paizes, onde trabalha nos campos, é que podem ser de boa procreação; depois de prestar aos lavradores os serviços do mais subido valor, é que elle vem para as cidades ou para os exercitos ser o nobre animal.

Mas melhoradas as condições geraes da viação ordinaria na provincia e paiz, e havendo um grande consumo de cavallos de tiro, tanto para os serviços urbanos, como para os de diligencias, que empregam aqui geralmente animaes que são a vergonha da especie, havendo procura, que causas impedem a producção? Falta uma raça apropriada, e esta não póde de facto estabelecer-se. Não ha ainda bons caminhos vicinaes nem os d'exploração agricola. Não basta que estejam construidas as linhas geraes, se as parochias e os casaes, que demoram a distancia, continuam a permanecer na situação antiga. Uma vez que ha muitos kilometros a percorrer com transito o mais difficil, se para ir de casa aos campos ou á estrada nova não ha um caminho de boa trilha, é certo que terá de continuar o antigo carro de bois. Por isso é da maior necessidade reformar o codigo administrativo, de modo que as camaras não desbaratem em beneficio exclusivo das cabeças dos concelhos um ceitil dos impostos das parochias, impostos que devem ser empregados desde já na construcção d'esses caminhos, a qual além d'isso deve ser auxiliada pelo estado, como indemnisação das sommas que lhe teem sido absorvidas em pura perda [1].

Outra causa impediente não menos notavel é a insen-

[1] *Revista de Guimarães*, vol. II, n.º 4.

sata comprehensão no imposto *sumptuario* do cavallo do lavrador, residente n'uma parochia rural, onde a Lei de 9 de maio de 1872 e o Decreto de 30 de agosto do mesmo anno no seu furor fiscal, na sua estulticia financeira, viram um luxo d'aquelle animal ou n'um carro tirado por elle [1]. Se por um lado o estado, facultando padreadores, parece desejar um melhoramento, por outro lançando este imposto nas terras de 6.ª ordem provoca uma verdadeira prohibição, e faz demais uma grave injustiça, porque ataca um auxiliar indispensavel a quem reside muitas vezes longe dos povoados, onde tem de tratar dos seus negocios ou cumprir preceitos legaes.

São esses motivos e a ignorancia do cultivador, que tolhem haver aqui bom gado cavallar, e não a pequena propriedade, como superficialmente se tem dito. Basta o exemplo da Belgica, pois como anteriormente se viu é a nação que tem a maior densidade: e em vista esta, diz o Sr. Laveleye: «eis ahi um argumento decisivo contra os que entendem que os paizes de pequena cultura não podem ter abundancia de cavallos.» [2]

Desde que a industria agricola se melhora, e a terra, para se aproveitar convenientemente, se divide mais, abandona-se por toda a parte o systema de coudelarias, com extensos pastos.

Então dividem-se ellas pelas casas dos lavradores, onde os animaes nascem e se criam com mais vantagem. Aos proprietarios da Prussia Oriental, aconselhou o Sr. Knobelsdorf: «. . .o que ha melhor a fazer é que cada cultivador crie todos os annos um potro, e toda a provincia será uma grande coudelaria, como o Yorkshire.» [3]

---

[1] Segundo a tabella do decr. cit., actualmente em vigor, nas terras de 4.ª, 5.ª e 6.ª ordem, o imposto com as taxas addicionaes vae desde 1$960 reis por um só cavallo até 28$560 reis por um vehiculo de 4 rodas para 2 cavallos, além da contribuição d'estes na importancia de 4$760 reis!

[2] *Econom. rur. de la Belgique*, 251.

[3] Cit. a pag. 262 pelo Sr. Felix Villeroy, *Manuel de l'Eleveur de Chevaux* onde se póde ver desde pag. 257-265, vol. I, uma discussão completa a este respeito. As palavras cit. resumem, por assim dizer, a opinião do auctor.

E' este o regime seguido em França na producção dos famosos percherons:

«Na criação d'estes, ha a particularidade que os animaes de 4 ou 5 annos, que se encontram á venda na feira de Chartres, são trazidos ahi pelo seu terceiro proprietario. Os cultivadores que se occupam de produzir só tem eguas e vendem os potros aos 6 mezes, que são comprados por creadores que os conservam durante um anno: aos 18 mezes são vendidos a outros, que começam a empregal-os no trabalho, que lhes paga a comida, e por isso consideram lucro liquido a differença entre os preços da compra e venda.» [1]

E' o mesmo costume adoptado presentemente na provincia na criação e producção do gado bovino: basta sómente applical-o ao cavallar e acabarão por este lado as difficuldades.

Mas que raça conviria adoptar em cada zona da região? pois me parece que segundo o terreno fôr mais ou menos accidentado, e tiver abundancia ou escassez de pensos, deve variar a estatura e a conformação.

Como a escolha está cheia de detalhes technicos e de despezas extraordinarias, só poderá ser resolvida por uma associação de proprietarios mais abastados; tomada cada zona, resolver-se-hia com peritos se valerá a pena aperfeiçoar a raça ahi existente por si mesma, *in-and-in*, ou por infusão de sangue estrangeiro, e qual, ou se conviria mais introduzir uma nova, eliminando completamente a indigena.

Feito isto, começar-se-ia por operar n'um grupo de parochias confinantes, adquirindo ou distribuindo-se por alguns proprietarios um padreador e as eguas fantis, que passariam a fazer os serviços ruraes: estabelecer-se-ia um registro, d'onde se tirassem os certificados para acompanhar os animaes vendidos. Dentro em pouco sem duvida a raça ir-se-ia estendendo e desenvolvendo de casal a casal,

[1] F. Villeroy, obr. cit., 213, vol. I.

até comprehender toda a zona, se tudo fosse bem dirigido e com os necessarios conhecimentos praticos.

A acção do governo será necessaria para fomentar a construcção dos caminhos parochiaes sem augmento de contribuições para a propriedade, pela extincção do imposto sobre os cavallos e por um auxilio directo, como o fornecimento gratuito e a sustentação do padreador, e qualquer outro soccorro que se julgasse conducente. Mas antes é necessario saber primeiramente o que se quer, aliás tudo será desordem e confusão, como acontece agora na distribuição ás cegas de garanhões de todas as raças, na mesma região, dois ou tres de differentes n'um anno, no seguinte ainda d'outras e assim successivamente, d'onde resulta não ser possivel formar-se uma raça adequada ás condições naturaes, de cultura e do mercado de cada provincia.

Para concluir esta secção seja-me licito invocar mais uma vez a opinião auctorisada do Sr. S. B. Lima:

O Minho, disse eu já n'este jornal, póde e deve pois, não obstante a sua pequena propriedade, produzir ou recriar cavallos de corpo nas suas baixas e planicies, ahi onde a actividade agricola comprehende na sua cultura intensiva a producção forraginosa; fique ainda o galliziano, muito embora, para os logares mais serranos onde faltem estes recursos e seu serviço melhor se ajuste ao accidentado do sólo que pisam e á pequena fortuna dos seus habitantes.

. . . . . .

«O Minho criaria assim como os cria a Flandres, a Perche, a Normandia e o Hanover os cavallos de lavoira e n'elles os bons cavallos de tiro mais ou menos pesado, dispensando-nos de importar todos os annos uma soffrivel quantidade de percherons, anglo-normandos e hanoverianos que empregamos n'este serviço.

«Devem ser estas as tendencias do Minho, tanto mais que votado á industria da ceva bovina, importa para o bom successo de semelhante industria, poupar, senão escusar

inteiramente, as rezes cevandas aos trabalhos, encarregando estes principalmente aos cavallos.» [1]

Notemos tambem a opinião do Sr. L. Bordeau: «O emprego do cavallo, diz elle [2], nos trabalhos agricolas só tomou uma certa extensão muito recentemente; mas a tendencia do progresso a especialisar cada vez mais as attribuições dos animaes domesticos, impõe-lhes na nossa época o trabalho dos campos, afim de applicar a especie bovina unicamente á producção.»

Passando aos muares, vêr-se-ha como é pouco importante este gado:

	Total das cabeças	Valor	Cabeças por 100 hectares	Cabeças por 1:000 habitantes
Vianna (Districto)	294	3:729$100	0,13	1,44
Braga »	1.260	32:077$500	0,46	3,96
Porto »	2.034	33:273$600	0,87	4,86
Mondim de Basto (Concelho)	57	970$900		
Ribeira de Pena »	29	423$200		
	3.674	70:474$300		

A maior densidade é a do districto do Porto com 0,87 cabeças por 100 hect., entretanto que Braga desce a 0,46 e Vianna a 0,13, estando todos tres immensamente inferiores aos do sul. Só o concelho de Beja com 2.275 cabeças tem mais que todo o districto do Porto, e os concelhos de Moura e Serpa cada um quasi tantos, como o districto de Braga.

É claro que estamos n'uma região em que os mús ou se não adaptam ás condições naturaes ou não estão no gosto popular. Esta ultima circumstancia é a que parece mais verdadeira: pois que ha uma certa producção que é vendida ao apartar do leite: «se estes dois districtos (Braga e Vianna)

[1] *Archivo rural*, vol. x, pag. 228.
[1] Obr. cit., pag. 220.

apresentam menos crias muares ao recenseamento é porque a maioria das que ahi se produzem são vendidas logo depois de desmamadas para outros districtos e para a Hespanha.» [1]

Como são ordinariamente mais valiosas que as cavallares, o dono d'uma egua commum prefere muitas vezes dal-a de preferencia a esta producção por causa do excesso do preço: mas vende a cria ao desmamar. O costume, é de crêr, já vem de longe; e provavelmente os mulatos, que os nossos passados desejavam tirar das suas garranas no tempo de D. João II, deveriam ter o mesmo destino.

Os mús, que pela sua organisação e conformação são os animaes de serviço por excellencia nas regiões seccas e ardentes, onde escasseia o penso verde, como algumas do sul, não satisfazem á mesma precisão no nosso clima, ao qual se presta melhor o cavallo, mais docil e portanto mais do gosto d'uma população acostumada a lidar com bois.

Segundo o relatorio do ex-intendente de pecuaria do districto de Braga apparecem n'este tres raças — a *da terra*, a *barrozan*, que vem de Montalegre e a *hespanhola*. Posto que não diga a relação em que estão umas com outras é de crêr que a primeira seja a mais vulgar; entretanto que as segundas devem encontrar-se raramente e sobretudo as duas ultimas; nos relatorios do Porto e Vianna não se menciona senão a *da terra*.

Os muares são geralmente empregados, como bestas de carga, poucos no serviço de sella e menos ainda no de tiro. Os unicos industriaes que os preferem são os almocreves, que estão a desapparecer, e os moleiros.

Raça sem distincção, geralmente de pouca corpulencia, fazendo o transporte de pequenos volumes por maus caminhos, satisfaz plenamente o que se lhe pede e irá cedendo o passo á medida que estes se melhorem. Não vale a pena pois tentar esforços para levantar a producção: muito mais

[1] *Recens.* I, 50.

util é que estes, quanto a animaes especialmente de trabalho, convirjam no aperfeiçoamento da raça cavallar.

No gado asinino é maior ainda a inferioridade da provincia em relação ás outras, tanto na quantidade como na qualidade.

	Total das cabeças	Valor	Cabeças por 100 hectares	Cabeças por 1:000 habitantes
Vianna (Districto)	418	1:095$720	0,18	2,05
Braga »	2.089	7:204$700	0,56	6,56
Porto »	2.241	8:160$300	0,36	5,36
Mondim de Basto (Concelho)	43	133$400		
Ribeira de Pena »	42	150$500		
	4.833	16:744$420		

Todos os tres districtos e os dois concelhos que formam a região possuem menos da terça parte das cabeças do districto de Lisboa (16:291) e de Santarem (14:576), quasi de Leiria (13:109) e menos da metade da Guarda (10:186) e assim por diante, vindo a occupar aproximadamente o ultimo logar.

Se d'uma maneira geral se póde dizer que o burro é o companheiro e serviçal do pobre, não assim no Minho, onde a despeito de dominar a pequena cultura, este equideo apparece n'um numero tam limitado.

«É aos moleiros pobres, diz o Relatorio de Braga, ás padeiras, aos carvoeiros das serras, aos doentes e aleijados, para pequenas cargas, assim como para a producção do leite . . . que o gado asinino é prestavel.»

Relegado aos ultimos misteres, não faz trabalhos ruraes nem auxilia o cultivador. A este presta-lhe immensamente mais beneficios o verdadeiro garrano, o menor typo da raça galliziana, mais agil, mais forte e consumindo quasi o mesmo penso — aquelle que o Sr. Lima julga com razão

que se devia conservar, para o serviço dos menos favorecidos. E na verdade são incalculaveis os prestimos que os pequenos proprietarios tiram d'este animal tam intelligente, e tam robusto, que vale a pena não só conserval-o mas aperfeiçoal-o, dando-lhe a elegancia que geralmente lhe falta, e portanto mais valor na venda para fóra da provincia.

N'um paiz de forragens frescas, o pobre devia preferir o garrano de boa boca e mais valente que o transporta com rapidez a todas as feiras e percorre n'elle com facilidade muitas legoas por dia, emquanto que o burro, vagaroso por cautela, é «só bom emquanto ouve o sino da freguezia», diz o proloquio local; mais proprio das regiões seccas, é lá que presta a maior utilidade pela sua sobriedade, mas não aqui, onde, desde que cesse o imposto sobre os cavallos, o seu numero deve antes diminuir; por isso de nada monta fazer qualquer esforço para melhorar a raça, por mais rebaixada que esteja.

Cavalgadura de pessoas fracas, doentes, aleijadas e das mais pobres, ou besta de pequenas cargas, assim como é, satisfaz todas as exigencias.

No gado ovino observa-se a mesma inferioridade, que nos dois anteriores: e se é certo que, uma vez melhorada a cultura, este vae sendo substituido pelo grande e especialmente pelo bovino, aconteceu aqui esse facto, porque a região sendo a melhor agricultada em todo o paiz, é tambem a que possue menos rezes lanares [1].

As relações especificas são as menores, pois d'uma maneira geral póde dizer-se que só tem abaixo de si o districto de Lisboa (12,3 cabeças por 100 hectares) e o de Faro

[1] Confrontando a quantidade que se encontra na provincia com a das 6 nações, que me tem servido de termo de comparação, fica evidente a sua inferioridade; apenas o districto de Braga é superior á Belgica, que tem 19,8 cabeças por 100 hectares mas a Prussia recensêa 64,2, a França 56,2, a Inglaterra 109,0, a Hespanha 44,9 e a Italia 39,4.

(8,8). Os outros districtos são-lhe superiores, e todos na qualidade, que a nossa é uma das avaliadas em menor preço.

Os gados, que antigamente pastavam em liberdade pelos montes, foram diminuindo á medida que os terrenos sahiam da collectividade para o dominio particular. Tapados, cada um foi cerceando o numero de cabeças, até que nas localidades mais aproveitadas desappareceram completamente, subsistindo hoje apenas no norte e nordeste, e no sitio onde predominam os incultos.

	Total das cabeças	Valor	Cabeças por 100 hectares	Cabeças por 1:000 habitantes
Vianna (Districto)	34.139	11:522$510	15,2	
Braga »	74.916	26:089$230	27,4	
Porto »	41.869	18:987$870	17,9	
Mondim de Basto (Concelho)	2.958	1:126$600		
Ribeira de Pena »	2.185	667$300		
	156.067	58:393$510		

Deverá lamentar-se este desapparecimento? Creio que não. Era necessario que assim acontecesse; segundo a phrase franceza, a ovelha é uma *bête féroce* que se não póde deixar tosquiar e roer tudo, segundo o seu appetite.

A' medida porém que se transformava o regime das terras vagas, devia do mesmo modo operar-se a transformação das antigas raças, que deveriam augmentar em corpo o que tinham perdido em numero, visto que pelo melhor cultivo augmentavam as forragens a distribuir em estabulação; e em vez do pasto nos montes, esse deveria ser substituido pelo dos campos, regulado conveniente e economicamente.

A população, que não soube formar uma raça bovina adaptada ao novo modo de ser da propriedade e cultura, não soube tambem crear novas aptidões nas suas rezes ovinas, de sorte que as antigas ficaram persistindo apenas immensamente reduzidas.

Não valendo agora pela lan tanto como antigamente, quando não havia a concorrencia da australiana, valem hoje sobretudo pela sua carne que é de primeira qualidade, se os animaes são bem tratados, e representam na pequena propriedade uma funcção economica d'um alto valor; quando o penso não chega para uma vacca, bastará para engordar uma ou duas d'estas cabeças miudas.

Praticamente muitos pequenos cultivadores sabem isto, porque conservam algumas d'estas rezes que acompanham o gado bovino.

A antiga quinta districtal do Porto introduziu algumas raças inglezas, que segundo dizem eram muito apreciadas, oppondo-se ao seu desenvolvimento todavia o alto preço por que eram vendidas.

Ainda n'este ponto uma sociedade de proprietarios faria os maiores serviços, escolhendo, d'entre as que são principalmente productoras da carne, as que se adequassem melhor ás circumstancias locaes, ficando então as rezes sujeitas ao mesmo regime dos bois. Haveria em tal caso um augmento consideravel de receita, porque viriam a ser alimentadas com as fracções de penso, que a maior parte das vezes se perde.

As raças actualmente existentes são todas inferiores e em tam pequeno numero, que mais valeria introduzir novas, que melhorar as indigenas, excepto nos sitios mais montanhosos e incultos onde existe o rebanho em pasto livre; ahi com a introducção de bom sangue, e melhorado o seu governo presente, tanto quanto possivel em relação aos meios de que podem dispôr os donos, engrossaria o volume e portanto o valor das rezes; pois é ainda bastante consideravel o consumo que nos mezes de março, abril e maio se faz em Braga e Guimarães e outras terras dos anhos provenientes d'esses rebanhos. Mas em regra a ovelha deve abandonar os montes para ser pensada, como o outro gado.

Das raças existentes o Relatorio do Sr. Lopes Gonçalves cita quatro — a da *terra*, a de *Santa Isabel* (Bouro), a

gallega e a *meirinha*, que é a que se aproxima mais á *merina*. Encontram-se as mesmas em Vianna e Porto, são todas inferiores, e o seu regime é de dois typos. Nas localidades montanhosas e de bravios o systema pastoril é o dominante, nas outras é o mixto, pasto e ração em casa.

Como a ovelha, valerá a pena conservar a cabra?

Em rebanhos com pastagem livre, evidentemente não, nem nos sitios mais cultivados, nem n'aquelles onde imperam os incultos. O bode, diz Toussenel [1], é o inimigo da vinha e da agricultura, e por isso os Gregos o sacrificavam a Baccho. E de facto a predilecção d'esta especie por todas as plantas lenhosas, não permitte que os montes em que reflouçam, se vistam d'arvores e arbustos. Por isso não pode nem deve tolerar-se que as cabras tosquiem e destruam tudo segundo o capricho que está no fundo da sua natureza, errante e airada.

Estabuladas e tratadas como no Mont'or Lyonais, a questão é outra e em qualquer sitio póde ser muito vantajoso este pequeno animal, pelo rendimento que d'elle se tiraria em queijos [2]. Conviria mesmo importar algumas cabeças d'alli, por estarem já acostumadas, ou melhor ainda das do Egypto, as mais productoras d'excellente leite: seria um ensaio a tentar; se se dessem bem, poderiam prestar um grande beneficio especialmente aos detentores do *eido* e da *propriedade*, de quem seriam as vaccas leiteiras.

Mas em rebanhos, não deveria ser permittido nem sequer que transitassem soltas pelas estradas, senão presas e atrelladas, de modo que não possam fazer nenhum damno: por isso é necessario que as camaras redobrem o rigor das posturas actuaes.

No proposito de facultarem leite ás populações urbanas permittem os rebanhos, uma vez que o dono prove ter arrendado um terreno, onde as possa pastorear; esta exigencia

---

[1] *Esprit des bêtes*

[2] *Recens.* I, 106.

é uma burla, porque, andando soltas, de noite pastam furtivamente por toda a parte e de dia tosquiam os rebentos das vides e das arvores trepando ás paredes e aos comoros, d'onde resultam constantemente conflictos, a que já se teria posto cobro, se as camaras, na sua administração, não se importasem exclusivamente dos interesses das sédes dos concelhos em detrimento dos ruraes.

O numero das cabeças apurado em 1870 foi:

	Total das cabeças	Valor	Cabeças por 100 hectares	Cabeças por 1:000 habitantes
Vianna (Districto)	11.985	3:823$820	5,3	
Braga »	22.235	13:471$420	8,1	
Porto »	10.457	6:186$040	4,4	
Mondim de Basto (Concelho)	11.373	5:306$320		
Ribeira de Pena »	6.505	2:147$290		
	62.555	30:934$890		

A sua importancia é muito diminuta, excepto em Mondim, que tem tantas cabeças como todo o districto de Vianna e Ribeira de Pena, que tem mais de metade d'este.

Resta emfim para concluir esta rapida resenha considerar o gado suino, que occupa um dos logares mais importantes na economia pecuaria da região.

A antiga raça provinciana pertence ao *typo celtico*, assim denominado por Samson, «para exprimir a antiguidade da raça d'este typo, que era o unico que existia em todos os paizes de celtas, que faziam parte da antiga Gallia e mesmo nas ilhas britanicas, antes da introducção n'estes paizes das raças do typo asiatico e romanico.» [1]

Modernamente tem sido alterado o nosso pela infusão de sangue das raças aperfeiçoadas inglezas, grandes e pequenas, brancas e pretas, de modo que o antigo *bisaro*,

[1] *Recens.* I, 109.

como lhe chamam no sul, já difficilmente se encontra na sua pureza, a não ser nos pontos mais escusos.

Esta introducção data de mais de trinta annos; e a este respeito escrevia o Sr. S. B. Lima no *Jornal da Sociedade Agricola do Porto* [1]: «Aponta-se porém um defeito a estas raças, defeito que só o é relativamente aos nossos gostos cibarios e vem a ser: produzirem elles uma carne demasiadamente gorda, muito toucinho e fracas banhas.

«Tem isto influido na sua vulgarisação, restringindo-a d'algum modo, sendo mais vendaveis e aceitaveis para o consumo os mestiços d'ellas com as raças locaes, isto é, os productos do cruzamento.

. . . . . .

«São estes (os mestiços de 1/2 ou 3/4 de sangue inglez) em bacoros e marrãos para criar e cevar, os que mais procura teem nas feiras do interior pelas lavradeiras e caseiros do Minho . . ., sendo mais sadios e de melhor boca que os das raças do paiz, não *atoucinhando* tanto, dando melhor e mais carne magra e banhas do que os inglezes genuinos . . .

«Os nossos votos são, com effeito, tambem pela creação d'uma raça mixta, mas desejamos e abonamos todavia a conservação e maior generalisação da raça genuina, menos com o fim de obter productos cibarios, que ainda assim são bastante validos e importantes, do que para obter typos reproductores puros destinados á producção directa de mestiços mais aceitaveis ao consumo, e para refrescar de vez em quando o sangue da raça mixta se o atavismo tender a disvirtual-a do fim.»

Os votos, que fazia o Sr. Lima em 1861, realisaram-se até certo ponto, por isso que em 1870, no dizer dos intendentes dos tres districtos, é n'esta especie que se tem effectuado mais melhoramentos e tam importantes, que se se continuasse na importação d'esses reproductores, dentro em pouco a região possuiria o melhor que ha no genero — no

[1] N.° 7, 4.ª serie — 1861.

porco de *chiqueiro*, que é o unico que póde ser criado e engordado em possilga.

Todavia ao fechar do *Recenseamento* observam que, por falta de uma transfusão constante de sangue melhorador, o typo tende a voltar ao antigo, verificando-se o accidente previsto pelo Sr. Lima.

Não será urgente que o governo intervenha e complete a obra, começada por iniciativa particular, fornecendo todos os annos algumas dezenas de verrascos inglezes e disseminando-os pelos *curros* da provincia?

Esta despeza transitoria, durando sómente até se julgar o cruzamento effectuado, seria excessivamente pequena, em vista dos beneficios que se obteriam, por isso que o porco, que se encontra em todas as casas do campo e ainda das cidades, na do rico como na do cabaneiro, representa quasi a unico alimento animal para o maior numero da população rustica, que só excepcionalmente e em dias de festa terá outro.

Por toda a parte se produz e se recria o suino: uns teem porcas criadeiras, que capam e engordam depois da segunda ou terceira ninhada; outros compram os bacoros ao apartar do leite, criam até á engorda ou vendem em marrãos; outros emfim adquirem estes, limitando-se unicamente a engordar.

Em todas as compras e vendas, o animal vae deixando um lucro: por isso é tido como o mealheiro do pobre. Vivendo no chiqueiro, á porta da cozinha, é tratado com o maior cuidado, e merece a mais desvelada attenção da dona da casa, que «nunca lhe deve bater senão com a aba da saia», diz o proloquio.

Restos da alimentação da familia, as sobras da panella, fructos mais ou menos avariados, crús ou cozidos, hortaliças e nomeadamente as couves gallegas, aboboras, as batatas de refugo, agua com farinha de milho maïz (e este grão roído, landes e bolotas, quando as ha, no ultimo periodo) — eis o fundo do seu sustento.

O suino com a sua voracidade proverbial devora tudo e tudo transforma em boa carne. «Emblema do avarento», segundo a phrase de Toussenel, a sua morte é festejada com um banquete popular, a *serrabulhada*, [1] que todos os invernos reune nas casas ainda as mais pobres os amigos e as pessoas dispersas da familia. «Ficou como quem não matou porco», diz o povo para caracterisar uma extrema decadencia. E de facto, só o mais desvalido deixará de *matar* e não terá em casa esta provisão do seu alimento de todos os dias, pois d'elle vive quasi exclusivamente, como acontecia, segundo L. Bourdeau [2] na antiguidade greco-romana e na edade média.

Não admira pois que seja grande a sua importancia na economia regional.

Em 1870 apuraram-se 141:251 cabeças no valor de 929:894$020 reis, repartidas do seguinte modo:

	Total das cabeças	Valor	Cabeças por 100 hectares	Cabeças por 1:000 habitantes
Vianna (Districto)	16.169	35:868$800	7,22	79,65
Braga »	57.660	379:527$500	21,09	181,13
Porto »	62.856	490:260$800	26,89	150,37
Mondim de Basto (Concelho)	2.337	12:088$600		
Ribeira de Pena »	2.229	12:148$020		
	141.251	929:894$020		

As relações especificas são as mais elevadas em todo o paiz; só Vianna occupa um grau muito inferior, o que não admira, visto as sonegações que n'este districto se deram na maior escala, devendo com certeza possuir uma quantidade que se aproxime á do resto da provincia, não só pela identidade de costumes, mas porque em algumas localidades, como Melgaço, afamadas pelos seus bons presuntos,

[1] «Os nossos antepassados davam refeições que chamavam *baconiques* (da palavra antiga *bacon*, porco) nas quaes se não servia outra carne.» L. Bordeaux, obr. cit., pag. 203.

[2] Obr. cit., pag. 316.

deve haver mais abundancia por causa da exportação. Tambem no de Braga foi o recenseamento d'este gado o mais deficiente [1]. Apesar de tudo, as relações do Porto e Braga (26,89 e 21,09 cabeças por 100 hectares) cahem em Aveiro a 14,13, em Villa Real 13,42, Vizeu 12,32, e d'este sempre para baixo [2].

A beira-mar o regimen alimenticio muda um pouco, porque entra n'elle o peixe, que dá á carne um gosto desagradavel. Mas fóra d'ahi é geralmente de primeira qualidade, sobretudo nos porcos creados nas parochias ruraes, que são geralmente pensados com farinha de milho, calculando-se em 60 decalitros de grãos o necessario para criar e cevar, juntando-se-lhes, está visto, as hortaliças e fructos.

Se na região se cultivassem as batatas para sustento pecuario, como é de desejar, era possivel acrescentar o numero de cabeças. Em todo o caso, cumpre não deixar perder o beneficio obtido pelo cruzamento com as raças aperfeiçoadas: e uma vez que está provada a efficacia, seja licito repetir, deve o governo, quando afrouxa a acção particular, continual-a fornecendo os verrascos, como já se indicou.

N'uma provincia tão densamente povoada, e onde se produz o azeite em tão pequena quantidade, é necessario aproveitar todos os recursos para a producção da carne e especialmente da gordura, que alimentem a sua vasta população; por isso o porco terá sempre uma importancia decisiva, e é necessario, no interesse de todos, que a raça tenha as qualidades de precocidade, bom appetite e fina carne, como as melhores e mais apuradas.

Se considerarmos agora na sua generalidade a riqueza pecuaria regional, vêr-se-ha que é maior no districto do Porto, onde attinge quasi sempre o maximo e vae decahindo

---

[1] *Recens.* II, 89-90.

[2] Cotejando a densidade suina com a das seis nações, com que anteriormente temos comparado outras, veremos que é superior a todas, por isso que a Prussia tem 11.7 cabeças por 100 hectares, a Belgica 15,5, a França 10,9, a Inglaterra 11,16, a Hespanha 8,7 e a Italia 13,8.

para o norte e sobretudo a léste nos concelhos d'além-Tamega, onde é constantemente inferior, excepto no gado caprino, que se apresenta ahi n'um numero desproporcionalmente elevado.

«Havendo, diz o *Recenseamento*, no continente do reino por cada 100 hectares o valor pecuario de 259$507 réis excluindo o gado do exercito, podem considerar-se de maior riqueza pecuaria os districtos, cujas percentagens são superiores áquelle valor, taes são os do Porto, Braga, Aveiro e Vianna . . .» [1]

São os dois principaes districtos da provincia que occupam o primeiro logar; e Vianna seguir-se-lhe-ia sem duvida immediatamente, se o recenseamento não fosse aqui o mais deficiente de todos, onde se occultaram mais cabeças e onde a depreciação foi propositadamente a mais constante [2].

Resumindo n'um quadro os dados anteriores, temos:

	Numero de cabeças naturaes	Valor
Vianna (Districto)	107.755	819:420$000
Braga »	227.552	2.393:295$250
Porto »	187.433	3.157:149$510
Mondim de Basto (Concelho)	19 112	63:428$620
Ribeira de Pena »	12.663	40:123$160
	554.515	6.473:417$340

Haverá pois na provincia, não tomando em conta as sonegadas, 72,1 cabeças naturaes por 100 hectares absolutos: e no ponto de vista do seu valor, este representa aproximadamente 3,5 do valor pecuario recenseado em todo o reino, emquanto que a superficie regional é apenas quasi uma duodecima parte da de todo o paiz [3].

[1] *Recens.* I, 1.1

[2] *Ibid.* I, 27, 114, etc.

[3] Somma do valor recenseado, excluindo o gado do exercito ..... 23.258:414$860 reis
Superficie continental ..... 8.962:531 hectares
Dita da provincia (*Rev. de Guim.*, vol. II, 4) ..... 768:546 »

É necessario, pois, que os pensos e todas as forragens sejam aproveitados com o maior cuidado, e que os animaes sejam tratados com a maxima attenção, para se poder alimentar uma tal massa pecuaria n'uma região, em que dominam tantos terrenos muito pouco productivos.

Os algarismos precedentes mostram que o gado é uma das principaes preoccupações do cultivador do Minho, que á custa de fadigas — quantas vezes improductivas! — conseguiu per si só, com os seus poucos recursos, e sem que o Estado o auxiliasse pelo menos com o ensino agricola, povoar tam densamente d'animaes a sua pobre terra, a mais abundante d'elles em todo o continente portuguez.

Se é assim a respeito do numero, não é o mesmo, infelizmente, em relação ás aptidões das suas raças, que deixam muito a desejar, para o labor dar o resultado que lhe corresponda.

Nem admira que tal succedesse, dada a falta de instrucção e o abandono, em que os poderes publicos teem deixado a população rustica do Minho. Constituida a pequena propriedade, tornou-se possivel aproveitando tudo, com muito cuidado e diligencia, crear e engordar muitos animaes; mas reformar as raças primitivas, tornal-as adequadas ao novo modo de ser da industria, com certas e determinadas qualidades, exige estudos e observações que excedem a capacidade do rude lavrador. Era ahi onde devia ter apparecido a acção do estado.

Na pequena cultura, que dá á terra a maior somma de trabalho, as producções, para este ser remunerador, devem ser sempre da mais fina qualidade. Os productos ordinarios são proprios da grande, onde não é possivel dispôr d'um trabalho meticuloso, e onde portanto a quantidade compensa vantajosamente a qualidade. Mas não assim na pequena, em que o excesso do trabalho deve ser pago pela superioridade dos seus productos. Se não acontece isto, apparece immediatamente um desequilibrio entre a receita e a despeza, do qual se segue a miseria da população agricola.

«Não crear senão typos de maior merecimento, é fazer a melhor economia dos recursos disponiveis e obter da maneira a mais vantajosa a carne, o leite, a força e as lans . . . O progresso aqui está na razão da intelligencia e severidade da escolha.» [1]

A ignorancia profissional e a extracção constante de grossas quantias, representadas em todas as classes de impostos, que vão sumir-se ao longe, sem beneficio da lavoura, mas que ella paga, são as causas determinantes da situação ruinosa que se observa actualmente.

Por isso ao terminar este capitulo da vida rural do Minho, sentimo-nos naturalmente invadido por uma profunda tristeza. Se a região possuisse raças finas, seria tão rica pecuariamente, como muitas das mais ricas; por essa falta essencial, uma parte do trabalho é dispendido em pura perda e, por isso, cultivadores e proprietarios se vêem a braços com difficuldades, que vão augmentando cada vez mais.

Guimarães, 31 de março de 1887.

[1] L. Bordeau, obr. cit., pag. 354.

Alberto Sampaio.

FIM DO 2.º E ULTIMO VOLUME

INDICE DO 2.º E ULTIMO VOLUME

Pag.

ARTIGOS BIOGRAPHICOS E BIBLIOGRAPHICOS

I — A quarta edição da Historia de Portugal, do snr. Oliveira Martins 7

II — O snr. Oliveira Martins e o seu projecto de fomento rural. 13

III — Os Filhos de D João Primeiro, por J. P. d'Oliveira Martins. 67

IV — Anthero de Quental (Recordações) 77

V — A proposito do romance maritimo entre nós . . . 99

VI — Luiz de Magalhães (D. Sebastião) 103

VII — João da Motta Prego (Guia Pratico para o emprego dos adubos em Portugal) 111

VIII — F. Martins Sarmento — 9 de março de 1833 — 9 d'agosto de 1899 117

IX — Adolph Schulten — Numantia. 129

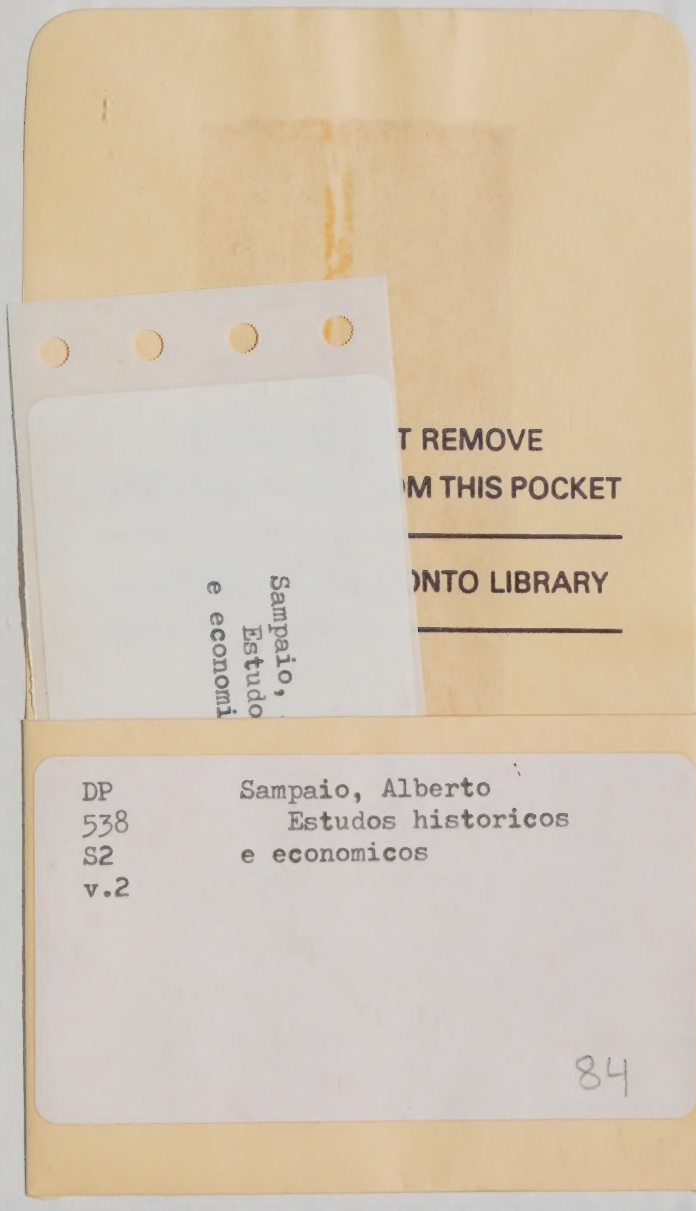
X — C. Boulanger — Le Droit de Marché 139

XI — Vimaranis Monumenta Historica 145

APENDICE 151

LIBRARY
DEC
19
1979
OF TORONTO

BINDING SECT. AUG 1 1 1982



DP
538
S2
v.2

Sampaio, Alberto
Estudos historicos
e economicos

84

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 07 07 04 015 2